

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO

Diego de Moraes Batista

**Avaliação técnica do trabalho desenvolvido no setor de acessibilidade, da assistência
estudantil, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - estudo de caso**

Uberaba

2018

DIEGO DE MORAIS BATISTA

Avaliação técnica do trabalho desenvolvido no setor de acessibilidade, da assistência estudantil, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - estudo de caso

Relatório técnico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Administração Pública, Mestrado Profissional em Administração Pública em Rede Nacional – PROFIAP, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, sob orientação do Prof. Dr. Pedro Jorge Zany Pampulim Martins Caldeira, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração Pública.

Uberaba

2018

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

B336a Batista, Diego de Moraes
Avaliação técnica do trabalho desenvolvido no setor de acessibilidade, da assistência estudantil, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - estudo de caso / Diego de Moraes Batista. -- 2018.
125 f. : il., fig., graf., tab.

Dissertação (Mestrado Profissional em Administração Pública) -- Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2018
Orientador: Prof. Dr. Pedro Jorge Zany Pampulim Martins Caldeira

1. Universidades e Faculdades - Uberaba (MG). 2. Projeto de acessibilidade para estudantes deficientes. 3. Estudantes - Programas de assistência. 4. Administração pública. I. Caldeira, Pedro Jorge Zany Pampulim Martins. II. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. III. Título.

CDU 378.4 (815.1)

DIEGO DE MORAIS BATISTA

**AVALIAÇÃO TÉCNICA DO TRABALHO DESENVOLVIDO NO SETOR DE
ACESSIBILIDADE, DA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL, DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO - ESTUDO DE CASO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração Pública, Mestrado Profissional em Administração Pública em Rede Nacional – PROFIAP, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Administração Pública.

Uberaba, 18 de setembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA



Dr. Pedro Jorge Zany Pampulim Martins Caldeira - Orientador
Universidade Federal do Triângulo Mineiro



Dr. José Antônio Bessa
Instituto Federal do Triângulo Mineiro



Dra. Edna Aparecida Carvalho Pacheco
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

RESUMO

O presente estudo é um relatório técnico, resultado de pesquisa para conclusão do Mestrado Profissional em Administração Pública, pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Nele foi analisado, através de pesquisa de campo, bibliográfica e documental, o trabalho desenvolvido pelo Setor de Acessibilidade da UFTM, bem como suas dificuldades e necessidades de investimentos para otimização dos serviços prestados. Por fim, foram realizadas entrevistas com quatro alunos atendidos pelo setor, sendo um representante para cada grupo, definidos por: deficiência física, sensorial – visual, sensorial – auditiva e mental/transtorno de aprendizagem; um professor de cada um desses alunos; e dois gestores; além da análise de relatórios produzidos por alunos Tutores Inclusivos. A partir da confirmação das percepções dos serviços prestados, por meio das entrevistas e relatórios, foram elencadas vinte e quatro percepções que influenciaram treze importantes ações propostas para otimização do trabalho do Setor. Destaca-se ainda, atividades importantes desenvolvidas pelo setor, em especial, o Programa de Tutoria Inclusiva (PTI), além de relatos relevantes quanto às vivências e contato com alunos atendidos por esse Programa. Entende-se que esse trabalho pode e deve influenciar novas pesquisas, além de ser referência para outras instituições de ensino, especialmente as federais (IFES), em busca de melhor eficácia das ações desenvolvidas para acessibilidade da pessoa deficiente quanto à assistência estudantil.

Palavras-chave: Discentes. Acessibilidade. Inclusão. Universidade. Tutoria Inclusiva.

ABSTRACT

The present study is a final technical report, a result of research for the conclusion of the Master's Degree in Public Administration, at Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). In this report, we analyzed, through the field, bibliographical and documental researches, the work developed at the UFTM Accessibility Area, as well as its difficulties and investment needs to optimize the services provided. Finally, interviews were conducted with four students attended by the sector, being one representative for each group, defined by: physical, sensorial - visual, sensorial - auditory and mental / learning disorders; a lecturer from each of these students; and two managers; in addition, we have considered the report analysis by Inclusive Tutors students. From the confirmation of the perceptions of the services provided, derived from interviews and reports, twenty-four perceptions were recorded that influenced thirteen important actions proposed to optimize the work of the Accessibility Area. It is important to highlight activities developed by the Area, especially the Inclusive Tutoring Program (ITP), as well as relevant reports regarding experiences and contact with students served by the ITP. It is understood that this work may and should influence new researches, besides being a reference for other educational institutions, especially the federal ones (FTI), in search of a better effectiveness of the actions developed for the accessibility of the disabled person in the student assistance Area.

Keywords: Accessibility. Inclusion. University. Inclusive Tutoring.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Referência cronológica da UFTM.....	15
Quadro 2 -	Alunos matriculados na UFTM - (fevereiro de 2018)	16
Quadro 3 -	Plano de ações PDI	19
Quadro 4 -	Quadro histórico dos setores/comissões de acessibilidade na UFTM	30
Quadro 5 -	Relação de projetos de extensão associados à acessibilidade registrados na PROEXT – 2018	32
Quadro 6 -	Recursos humanos do setor de acessibilidade - junho de 2018	35
Quadro 7 -	Atividades dos servidores lotados no setor de acessibilidade	35
Quadro 8 -	Capacitação dos servidores lotados no setor de acessibilidade – 2016	37
Quadro 9 -	Proposta orçamentária detalhada 2018 - assistência estudantil - PNAES/Programa Incluir (UFTM)	41
Quadro 10 -	Lista de equipamentos para acessibilidade	42
Quadro 11 -	Relação de alunos atendidos possíveis de serem entrevistados	48
Quadro 12 -	Roteiro da entrevista com gestores.....	50
Quadro 13 -	Roteiro da entrevista com alunos atendidos pelo setor de acessibilidade	51
Quadro 14 -	Roteiro da entrevista com professores dos alunos atendidos pelo setor de acessibilidade	51
Quadro 15 -	Crescimento de atendimento - atendimento em LIBRAS/ adaptação de material para deficiência visual - 2014/2017	57
Quadro 16 -	Quantidade de alunos acolhidos pelo PAOANEE – 2017	63
Quadro 17 -	Perfil de ambiente organizacional - setor de acessibilidade – 2017	66

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Organograma atual da Proace	33
Figura 2 - Layout da sala 230 do Centro Educacional/UFTM – Proace	54
Figura 3 - Foto 01 - sala do setor de acessibilidade	55
Figura 4 - Foto 02 - sala do setor de acessibilidade	55
Figura 5 - Foto 03 - sala de reuniões / tutores inclusivos	56
Figura 6 - Identidade visual - Tutoria Inclusiva	58
Figura 7 - Identidade visual - Outros Olhos	60
Figura 8 - Identidade visual - Ciclos de debates sobre educação, diversidade, humanização e saúde	60
Figura 9 - Identidade visual - Setembro Azul	61
Figura 10 - Identidade visual - Rodas de Conversa	61
Figura 11 - Identidade visual - PAOANEE	62
Figura 12 - Identidade visual - Monitoria Inclusiva	64
Figura 13 - Identidade visual - Programa de Auxílios Financeiros	65

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Recursos PNAES (UFTM) - custeio 2014 a 2018	39
Gráfico 2 - Evolução dos valores destinados à acessibilidade (UFTM) - 2014 a 2018	40
Gráfico 3 - Recursos orçamentários para acessibilidade (UFTM) custeio/capital - 2014 a 2018	40
Gráfico 4 - Quantidade de vagas ofertadas para tutores inclusivos por semestre - 2016 a 2018/1.....	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACC	Atividades Complementares de Curso
ANDIFES	Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior
ANEI	Associação Nacional dos Educadores Inclusivos
BRASIL	
CEFORES	Centro de Formação Especial de Segundo Grau
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
COENS	Conselho de Ensino
CONDES	Conselho Social de Desenvolvimento
CONDETUF	Conselho Nacional de Dirigentes das Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais
CONSU	Conselho Superior Universitário
EBSERTH	Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FMTM	Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
FONAPRACE	Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis
HC-UFTM	Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro
IFES	Instituição Federal Ensino Superior
IFTM	Instituto Federal do Triângulo Mineiro
MEC	Ministério da Educação
NAES	Núcleo de Atenção Estudantil em Saúde
NAPNE	Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas
NEE	Necessidades Educacionais Especiais
PAOANEE	Programa de Assessoria e Orientação ao Aluno com Necessidades Educacionais Especiais
PNAES	Programa Nacional de Assistência Estudantil
PROACE	Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis
PROENS	Pró-Reitoria de Ensino
PROEXT	Pró-Reitoria de Extensão
PBP	Programa de Bolsa Permanência
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
PROPEACI	Programa de Promoção e Efetivação da Acessibilidade e Inclusão
PRORH	Pró-Reitoria de Recursos Humanos
REUNI	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SECADI	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
SESu	Secretaria de Educação Superior
SIMEC	Sistema Integrado de Monitoramento Execução e Controle
SPO/MEC	Subsecretaria de Planejamento e Orçamento do MEC
UFTM	Universidade Federal do Triângulo Mineiro
PcD	Pessoas com deficiência
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PPI	Projeto Pedagógico Institucional

TI

Tutores Inclusivos

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	A UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO (UFTM) ...	15
2.1	A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ACESSIBILIDADE NOS DOCUMENTOS NORTEADORES DA UFTM	17
2.1.1	Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI e Projeto Pedagógico Institucional – PPI	17
2.1.2	Acessibilidade e inclusão nos Regimento Geral da Universidade e Regulamento dos Cursos de Graduação	20
3	OS PRINCIPAIS PROGRAMAS PARA ACESSIBILIDADE DAS IFES, EM CONTEXTO NACIONAL	23
3.1	REUNI	23
3.2	PROGRAMA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL (PNAES)	24
3.3	PROGRAMA INCLUIR	25
3.4	LEI N. 13.409 - RESERVA DE VAGAS NAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR VINCULADAS AO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO	26
4	DESCRIÇÃO DO SETOR DE ACESSIBILIDADE DA UFTM	29
4.1	HISTÓRICO DE ATIVIDADES E ESTRUTURAS ORGANIZACIONAIS QUE VISAM A ACESSIBILIDADE NA UFTM	29
4.2	RECURSOS HUMANOS	34
4.3	RECURSOS ORÇAMENTÁRIOS	38
4.4	RECURSOS TECNOLÓGICOS	41
4.5	RECURSOS FÍSICO-ESTRUTURAIS	43
4.6	DOCUMENTOS INSTITUCIONAIS NORMATIVOS DO SETOR DE ACESSIBILIDADE E DE SUAS ATIVIDADES	43
5	O TRABALHO PROPOSTO	45
5.1	JUSTIFICATIVA.....	45
5.2	OBJETIVOS	46
5.2.1	Objetivo Principal	46
5.2.2	Objetivos Secundários	46
6	METODOLOGIA	47
6.1	TIPO DE ESTUDO.....	47
6.2	AS ENTREVISTAS	48
6.3	PARTICIPANTES.....	48
6.4	INSTRUMENTOS.....	50
6.5	TRATAMENTO DOS DADOS COLETADOS PELAS ENTREVISTAS E RETIRADOS DOS RELATÓRIOS DOS TUTORES INCLUSIVOS	52
7	RESULTADOS	53
7.1	OS ESPAÇOS E AÇÕES DO SETOR DE ACESSIBILIDADE	53
7.1.1	Os espaços de trabalho do Setor de Acessibilidade	53
7.1.2	Programas e atividades desenvolvidas pelo Setor de Acessibilidade	57
7.1.3	Integração com outros setores e profissionais	62
7.2	UM RETRATO PARCIAL DO SETOR, SEGUNDO INFORMAÇÕES PRESTADAS PELOS GESTORES À PRORH	66
7.3	SUJEITOS DA PESQUISA	68
7.3.1	Necessidades de investimento nos recursos do Setor de Acessibilidade	68
7.3.2	Relação entre alunos	70

7.3.3	Relação dos alunos com os professores	71
7.3.4	Atuação dos professores	71
7.3.5	Impactos da Tutoria Inclusiva	75
7.3.6	Avaliação Geral do Atendimento	76
7.3.7	Impactos positivos do contato com alunos com deficiência/NEE	77
8	CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE	79
8.1	SUGESTÕES PARA OTIMIZAÇÃO DOS SERVIÇOS PRESTADOS PELO SETOR	81
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
	REFERÊNCIAS	85
	ANEXO I - ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA	91
	Entrevistas com Gestores	91
	Entrevistas com alunos atendidos	97
	Entrevistas com professores	107
	ANEXO II - RELATÓRIOS DOS TUTORES INCLUSIVOS (Transcritos)	121
	Relatório de experiências	121
	Relatório de Avaliação da Tutoria Inclusiva	123

1 INTRODUÇÃO

Deficiente ou restrito nunca foi o indivíduo, e sim tudo que impede atendimento igual para casos especiais. (Alex Garzon)

O caminho para a inclusão da pessoa com deficiência passa, sem dúvidas, entre outros, pela garantia do direito de acesso à escolarização, em todos os níveis, etapas e modalidades. É essencial que se garanta ao deficiente, não apenas o ingresso, mas, também, as condições necessárias quanto à acessibilidade e atendimento educacional apropriado para cada caso.

Com relação ao âmbito universitário, esse acesso, conforme Dias Sobrinho (2013), torna-se garantia de um direito social, o que ratifica a responsabilidade das instituições de ensino superior com a promoção da formação ética, científica e técnica dos indivíduos, para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Apesar das dificuldades, em um enfrentamento acadêmico pela não exclusão da pessoa com deficiência, a partir da década de 1990, podemos identificar uma maior preocupação com essa parcela da população, em nível mundial, por meio do reconhecimento de sua condição, sobretudo por meios legais. Segundo Moreira (2005), embora não sejam suficientes para que o aluno conclua seu curso e seja um profissional competente no mercado de trabalho, essa preocupação e suas conseqüentes ações são necessárias para nortear e respaldar as ações que devem ser implementadas, pelo crítico assim enfatizadas:

[...] estes aparatos legais, sem dúvida, são importantes e necessários para uma educação inclusiva no ensino superior brasileiro, muito embora, por si só não garantam a efetivação de políticas e programas inclusivos. Uma educação que prime pela inclusão deve ter, necessariamente, investimentos em materiais pedagógicos, em qualificação de professores, em infra-estrutura adequada para ingresso, acesso e permanência e estar atento a qualquer forma discriminatória. (MOREIRA, 2005, p. 43)

No início da década de 1990, a Conferência Mundial de Educação para Todos, em Jomtien, Tailândia e a Declaração de Salamanca, Espanha (1994), trataram internacionalmente a condição de acesso escolar para todas as pessoas, de forma indistinta. De acordo com o documento da Conferência Mundial de Educação para Todos (1990, p. 3):

As necessidades básicas de aprendizagem das pessoas portadoras de deficiências requerem atenção especial. É preciso tomar medidas que garantam a igualdade de acesso à educação aos portadores de todo e qualquer tipo de deficiência, como parte integrante do sistema educativo.

Já, na Declaração de Salamanca (1994, p. 1), observa-se:

Nós, os delegados da Conferência Mundial de Educação Especial, representando 88 governos e 25 organizações internacionais em assembléia aqui em Salamanca, Espanha, entre 7 e 10 de junho de 1994, reafirmamos o nosso compromisso para com a Educação para Todos, reconhecendo a necessidade e urgência do providenciamento de educação para as crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino e re-endossamos a Estrutura de Ação em Educação Especial, em que, pelo espírito de cujas provisões e recomendações governo e organizações sejam guiados.

No Brasil, antes mesmo da Conferência Mundial de Educação para Todos, a Constituição Federal de 1988 traz artigos relacionados ao acesso ao ensino para todos e, especialmente, em seu artigo 208, aos "portadores de deficiência", conforme transcrito a seguir.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. (BRASIL, 1988, p.160)

De forma alinhada à citação acima, segundo o artigo 208, parágrafo III: “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.” (BRASIL, 1988, p.160), devendo, portanto, a rede regular de ensino se adaptar e criar condições para a inserção e manutenção desses alunos.

Em 1996, por meio do Ministério da Educação e Cultura, foi elaborado o primeiro documento direcionado às pessoas com necessidades especiais no Ensino Superior, no Brasil (BRASIL, 1996). Tal instrumento reconhece a dificuldade de acesso da pessoa com deficiência ao ensino de 3º grau e sugere aos reitores das universidades uma série de ajustes necessários, para que o candidato a aluno com deficiência possua condições mais adequadas de realização das provas de seleção, visando o ingresso nas universidades. O documento cita adaptações quanto ao tempo para execução da prova, utilização de material adaptado, tecnologia assistiva a ser utilizada, flexibilidade nos critérios de correção da redação e das provas discursivas dos candidatos portadores de deficiência auditiva, adaptação dos espaços físicos, utilização de provas orais, entre outros. Por fim, expressa, ainda, uma orientação quanto ao desenvolvimento de ações para além do processo seletivo:

Por oportuno, espero que essa Instituição possa, ainda, desenvolver ações que possibilitem a flexibilização dos serviços educacionais e da infra-estrutura, bem como a capacitação de recursos humanos, de modo a melhor atender às necessidades especiais dos portadores de deficiência, possibilitando sua permanência, com sucesso, em certos cursos. (BRASIL, 1996, p.2)

Cabe, ainda, a observação de que o documento trata da atenção aos alunos deficientes em "certos cursos", mas não elenca quais seriam esses cursos, o que pode mostrar insegurança quanto à inserção e manutenção da pessoa com deficiência.

O efetivo apoio às universidades, entretanto, tornou-se maior, mais evidente e necessário, a partir da expansão do acesso à educação de nível superior e reestruturação dessas instituições, por meio do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), instituído pelo decreto nº6096, de 24 de abril de 2007, que tinha por objetivo, não só ampliar o acesso, mas também criar condições para permanência e conclusão dos cursos por todos os ingressantes (BRASIL, 2007a).

Em janeiro de 2008, cria-se um importante documento, que retoma uma versão anterior, criada em 1994, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, apresentando um novo olhar quanto à compreensão da pessoa com deficiência, que se reflete em implementação de ações pedagógicas, valorização das diversidades e condições para permanência desses estudantes. Segundo esse documento,

Na educação superior, a transversalidade da educação especial se efetiva por meio de ações que promovam o acesso, a permanência e a participação dos alunos. Estas ações envolvem o planejamento e a organização de recursos e serviços para a promoção da acessibilidade arquitetônica, nas comunicações, nos sistemas de informação, nos materiais didáticos e pedagógicos, que devem ser disponibilizados nos processos seletivos e no desenvolvimento de todas as atividades que envolvem o ensino, a pesquisa e a extensão. (BRASIL, 2008a, p.17)

Novos e importantes programas governamentais foram implementados, em consonância com a proposta de expansão das universidades, como o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES, instituído por meio do decreto nº 7234, de 19 de julho de 2010, que tem como finalidade ampliar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal, e o Programa Incluir – acessibilidade na educação superior, que, de 2005 a 2011, se efetivou por meio de chamadas públicas concorrenciais e, a partir de 2012, essa ação foi universalizada, atendendo todas as IFES, induzindo, assim, o desenvolvimento de uma Política de Acessibilidade ampla e articulada (BRASIL, 2008b, 2010).

Nesse sentido, Moreira (2005, p. 66) reforça:

Uma boa organização administrativa e didática que busque contemplar a diversidade possível é um fator que deve e pode ser buscado por toda e qualquer instituição de ensino superior. Contudo, o respeito às diferenças e à igualdade de oportunidades para todos os alunos requer investimentos e ações governamentais nas próprias universidades.

Essas ações, portanto, devem receber incentivos, para que sejam efetivadas por meio de políticas e programas voltados à inclusão e acessibilidade dos “diferentes”, em busca de efetivação de direitos comuns e atendimento à diversidade.

Este trabalho encontra-se dividido em duas Partes. A Parte I, de enquadramento conceitual e descrição do contexto físico e dos recursos alocados ao Setor de Acessibilidade da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), é composta por quatro Capítulos, sendo o primeiro dedicado a um breve olhar para a trajetória da UFTM, desde a sua fundação, o segundo aos principais programas para assegurar a acessibilidade do aluno deficiente ou com necessidades educativas especiais (NEE) nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) brasileiras e o terceiro descreve o Setor de Acessibilidade da UFTM em termos de recursos físicos (instalações), tecnológicos (equipamentos) e humanos (pessoas diretamente envolvidas nas atividades do Setor, independentemente de serem profissionais especificamente contratados para a função ou bolsistas e voluntários dos diversos Programas desenvolvidos pelo Setor. O Capítulo 4 desta parte explicita o trabalho proposto neste Relatório Técnico em termos de sua Justificativa e seus Objetivos.

A Parte II, referente à componente empírica deste Relatório, inicia-se com o Capítulo referente aos Resultados obtidos e à sua análise preliminar, prossegue com o Capítulo dedicado ao Parecer Técnico e termina com as Considerações Finais.

PARTE I

ENQUADRAMENTO CONCEITUAL

2 A UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO (UFTM)

Fundada como Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro (FMTM), foi autorizada a funcionar mediante o Decreto N. 35.249, de 24 de março de 1954 e federalizada pela Lei nº 3.856, de 18 de fevereiro de 1960, à época, com a criação apenas do curso de medicina. Manteve-se como FMTM até o ano de 2005, quando já contava com três cursos de graduação e um curso de pós-graduação¹.

Em 2005, a FMTM transformou-se em UFTM, implementando, em 2006, quatro novos cursos de graduação. (ver Quadro 1).

Quadro 1 – Referência Cronológica da UFTM

Ano	Evento
1953	Fundação da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro
1954	Criação do Curso de Graduação em Medicina
1960	Federalização da Escola de Medicina
1972	Transformação da FMTM em Autarquia Federal
1982	Inauguração da sede do Hospital Escola
1987	Criação do Curso de Pós-Graduação em Patologia
1989	Criação do Curso de Graduação em Enfermagem
1990	Implantação do Centro de Formação Especial de 2º grau em Saúde – CEFORES
1997	Criação do Curso de Pós-graduação em Medicina Tropical e Infectologia
1999	Criação do Curso de Graduação em Biomedicina
2005	Transformação em Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM
2006	Criação do Curso de Graduação em Nutrição
	Criação do Curso de Graduação em Fisioterapia
	Criação do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional
	Criação do Curso de Graduação Letras (Português-inglês e Português-espanhol)
2007	Criação do Curso de Pós Graduação em Fisiologia Celular
	Criação do Curso de Pós Graduação em Saúde e Enfermagem
2008	Criação do Curso de Graduação em Psicologia
2009	Criação do Curso de Graduação em Educação Física
	Criação do Curso de Graduação em Serviço Social
	Criação do Curso de Graduação de Licenciatura em Geografia
	Criação do Curso de Graduação de Licenciatura em Historia
	Criação do Curso de Graduação de Licenciatura em Física
	Criação do Curso de Graduação de Licenciatura em Química

¹Nessa época, a FMTM contava também com cursos técnicos do Centro de Formação Especial de 2º grau em Saúde - CEFORES, implementados em 1990.

Ano	Evento
	Criação do Curso de Graduação de Licenciatura em Matemática
2010	Criação do Curso de Engenharia de Alimentos
	Criação do Curso de Engenharia Ambiental
	Criação do Curso de Engenharia Civil
	Criação do Curso de Engenharia Elétrica
	Criação do Curso de Engenharia Mecânica
	Criação do Curso de Engenharia de Produção
	Criação do Curso de Engenharia Química
2011	Criação do Programa de Mestrado Profissional em Matemática em Rede
2012	Criação do Programa de Mestrado em Educação e das Especializações em: Atenção Básica à Saúde da Família e Geomática
2013	Criação do Programa de Mestrado Multicêntrico em Química de Minas Gerais
2014	Criação dos cursos de Licenciatura em Educação no Campo; especialização em Fisioterapia Dermatofuncional; e Programas de pós-graduação em Biociências Aplicadas
2015	Criação do Campus Universitário de Iturama, com os Cursos de Graduação de Licenciatura em Ciências Biológicas e Química.
2016	Adesão à Rede Profiap e abertura do Mestrado Profissional em Administração Pública

Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, [2016]a. Adaptado pelo autor, 2017.

A partir de 2007, com o REUNI, a universidade dá um grande salto quanto à sua ampliação e expansão, contando atualmente com vinte e seis cursos de graduação e seis cursos técnicos, além de cursos de pós graduação *Strictu* e *Latu Sensu*, perfazendo um total de cerca de 7.500 alunos matriculados (ver Quadro 2), distribuídos em dois *Campi* Universitários, um na cidade de Uberaba e outro em Iturama.

Quadro 2 – Alunos matriculados na UFTM - (Fevereiro de 2018)

Tipo	Quantidade de alunos matriculados em fevereiro de 2018
Alunos de graduação	5955
Alunos dos cursos técnicos do Cefores	223
Alunos dos cursos de Pós-Graduação	1297
TOTAL DE ALUNOS MATRICULAROS	7.475

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.²

Percebe-se, portanto, que a faculdade vinha crescendo ainda timidamente e dentro de grandes lapsos de tempo, de 1953 até o ano de 2005, quando se transformou em universidade.

² Elaborado com base em informações prestadas pelo Departamento de Registro e Controle Acadêmico e Secretaria do CEFORES, da UFTM, em fevereiro de 2018, e pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação em março de 2018. Ressalta-se que esse número referente aos cursos de pós-graduação deveria ainda aumentar, pois estavam em período de matrículas.

A partir de 2006, identifica-se um crescimento significativo e, entre 2007 (com a adesão ao REUNI) e 2015, um grande salto de crescimento, que exige uma reorganização muito rápida, além de muitos investimentos necessários em estrutura física, logística, tecnologia, manutenção, recursos humanos e capacitação.

2.1 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ACESSIBILIDADE NOS DOCUMENTOS NORTEADORES DA UFTM

2.1.1 Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI e Projeto Pedagógico Institucional - PPI

O Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI é o documento norteador mais importante da Universidade, sempre considerado nas auditorias externas realizadas por órgãos de controle, pois define a filosofia de trabalho, missão da instituição, diretriz pedagógica institucional e as estratégias para atingir suas metas e objetivos, por um período de cinco anos, no caso atual da UFTM, de 2017 a 2021. Serve como um guia que reflete a política da universidade e orienta os gestores, atuais e futuros, na construção de um plano de gestão anual, voltado para o alcance de metas e objetivos por ele estabelecidos.

O Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI, elaborado para um período de cinco anos, é o Documento que identifica a Instituição de Ensino Superior (IES), no que diz respeito à sua filosofia de trabalho, à missão a que se propõe, às diretrizes pedagógicas que orientam suas ações, à sua estrutura organizacional e às atividades acadêmicas que desenvolve e/ou que pretende Desenvolver (BRASIL, 2002, p. 2).

Esse documento é, portanto, essencial para racionalização dos processos, em busca da eficiência administrativa, conforme reforçado por Mizael et al. (2013, p. 5), ao destacar o PDI como documento burocrático “A burocracia tem como objetivo principal a racionalização dos processos de trabalho, com vistas a alcançar a eficiência administrativa”.

E ainda ressaltado por Silva, et al. (2013, p. 283-284), em artigo sobre pesquisa quanto às contribuições do PDI para as Universidades Federais:

Ficou evidente que o Plano de Desenvolvimento Institucional e o Planejamento Estratégico trazem, na visão dos gestores das universidades pesquisadas, benefícios às instituições, principalmente por oportunizarem o auto conhecimento. Os planejamentos fazem com que a gestão enxergue a instituição dentro de um horizonte, e para isso, acaba traçando metas, objetivos e ações estratégicas,

propiciando um rumo às universidades, que não ficam às cegas. Quando os gestores conhecem o terreno em que se situam, trabalham de maneira a modificar as estruturas e as ações do dia a dia, oportunizando eficácia e eficiência para a gestão das universidades.

Dessa forma, amparado nas análises documentais e entrevistas, é possível afirmar que o PDI e o planejamento estratégico podem contribuir para a gestão das universidades federais brasileiras.

Quanto ao Projeto Pedagógico Institucional (PPI), constitui um documento obrigatório a todas as IES, que deve compor o PDI. Esse documento objetiva orientar o planejamento pedagógico das suas atividades-fim, ensino, pesquisa e extensão, com fundamentos, princípios e diretrizes a serem considerados no trabalho acadêmico.

A última versão oficial desses documentos, na UFTM, as quais se referem ao período de 2017 a 2021, ainda não foram aprovadas pelo CONSU, porém, como se tratam dos documentos mais recentes e por referirem-se ao período atual, foram utilizados para análise. Pôde-se identificar que a acessibilidade para pessoas com deficiência aparece nos seguintes trechos:

- I. No capítulo 5 do PDI, "ASSISTÊNCIA AO ESTUDANTE", ao referenciar o Programa de Assessoria e Orientação ao Aluno com Necessidades Educacionais Especiais (PAOANEE), a Monitoria Inclusiva e Projeto Rodas de Conversa³, além de algumas outras ações do Setor de Acessibilidade, como adaptação de material para pessoas deficientes visuais e atuação de tradutores/intérpretes de LIBRAS, conforme se pode verificar, a seguir.

O Programa de Assessoria e Orientação ao Aluno com Necessidades Educacionais Especiais – PAOANEE objetiva buscar o estabelecimento de condições ótimas de aprendizagem para os alunos com deficiência, distúrbio de aprendizagem e problemas crônicos de saúde, matriculados nos cursos da UFTM. O PAOANEE realiza o acolhimento do aluno para conhecer seu histórico, condições e necessidades educacionais, gerando, a partir disso, a comunicação entre coordenação/professores do curso, alunos e profissionais especializados.

As ações gerais do Programa são:

- analisar e emitir relatório sobre a acessibilidade dos ambientes da UFTM que serão frequentados pelo aluno;
- informar ao curso as condições e necessidades do aluno;
- adquirir equipamentos necessários à aprendizagem do aluno com Necessidades Educacionais Especiais - NEE;
- realizar adaptação de material didático;
- colaborar na promoção de cursos de capacitação para servidores e de atividades científicas relacionadas ao tema.
- Programa de Monitoria Inclusiva, que constitui uma ação, realizada em parceria pela PROACE e Pró-Reitoria de Ensino - PROENS, em que a PROACE

³De forma equivocada, o que será tratado nos capítulos "4.5. Programas e atividades desenvolvidas" e 4.6. "Integração com outros setores e profissionais".

disponibiliza monitores para atender os alunos inseridos no PAOANEE, ou seja, alunos com dificuldades de aprendizagens, causadas por diversos fatores. Assim, a Monitoria Inclusiva atende a demandas de alunos e não de disciplinas e visa apoiar esses alunos no desenvolvimento de suas atividades acadêmicas (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, [2016]b, p.31-32).

O projeto Rodas de Conversa objetiva criar contextos propícios ao debate de temas vinculados aos assuntos comunitários e à assistência estudantil por integrantes da comunidade UFTM e comunidade externa. A programação é divulgada a cada semestre. Além dos temas selecionados pela equipe da assistência estudantil, podem ocorrer rodas propostas pelos alunos, técnicos e docentes (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, [2016]b, p.34).

- II. No anexo "Plano de Ações" do PDI, em um quadro (ver Quadro 3) que apresenta o diagnóstico de contextos a serem trabalhados, ações propostas, metas a serem atingidas e data para alcance dessas metas:

Quadro 3: Plano de ações PDI

Ref.	Diagnóstico	Ação	Meta	Data Final
4	a. Necessidade de fortalecer ações de combate à exclusão e ao bullying, especialmente o trote.	Implementar um programa institucional sobre a temática de inclusão e acessibilidade.	Programa institucional implementado	2018
	b. Falta de interação entre as diferentes instâncias e setores da UFTM para tratar de questões de acessibilidade e inclusão			
16	a. Em alguns setores o mobiliário ainda é antigo e inadequado para realização de atividades.	Estabelecer diretrizes para aquisição, manutenção, adaptação e substituição do mobiliário da UFTM	Diretrizes estabelecidas	2018
	b. Necessidade de ampliar as ações de adaptação do mobiliário para promoção da acessibilidade.			
25	Há necessidade de identificação, adequação e/ou criação de infraestrutura física para resolver os problemas estruturais de acessibilidade na UFTM.	Mapear e adequar a infraestrutura para acessibilidade.	Espaços mapeados e plano de adequação apresentado ao Comitê	2018/2

Ref.	Diagnóstico	Ação	Meta	Data Final
			de Infraestrutura.	

Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, [2016]b. Adaptado pelo autor, 2018.

- III. No PPI, capítulo "4.2. Metodologias do processo ensino-aprendizagem", apontando que os professores deverão considerar, entre outras questões:

As múltiplas metodologias de ensino no que tange à inclusão dos sujeitos com necessidades educacionais especiais, e quando necessário realizar atividades integradas com o SAPED -Setor de Acompanhamento Pedagógico e/ou SEACE - Setor de Acessibilidade da UFTM (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, [2016]b, p.48).

- IV. No capítulo "5.1. Diretrizes da Política de Ensino", do PPI, na apresentação das diretrizes que nortearão a Política de Ensino da UFTM:

Universalizar, para os estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, o acesso ao ensino de qualidade, por meio de um sistema educacional inclusivo na Instituição (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, [2016]b, p.54).

2.1.2 Acessibilidade e inclusão nos Regimento Geral da Universidade e Regulamento dos Cursos de Graduação

Ainda considerando importantes documentos oficiais da Universidade, foram analisados o Regimento Geral da Universidade (aprovado em dezembro de 2010) e o Regulamento dos Cursos de Graduação da UFTM ⁴ (aprovado em novembro de 2012), nos quais, a acessibilidade para pessoas com deficiência aparece nos seguintes trechos:

- I. No Regimento Geral da Universidade, item "Do Conselho Social de Desenvolvimento" (CONDES), no qual se considera a participação de um representante do Conselho Municipal de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiências (COMDEFU), para compor o conselho, como um dos representantes de segmentos da sociedade civil (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, 2010, p. 14).
- II. Também, no Regimento Geral da Universidade, item "Da Assistência":

⁴Não existem ainda regulamentos para os cursos técnicos ou de pós-graduação.

Art. 173. A UFTM presta assistência ao corpo discente por meio da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis.

§ 1º Os Programas de Assistência Estudantil serão aprovados pelo CONSU e poderão contemplar as seguintes áreas estratégicas:

I - permanência: auxílio-alimentação, auxílio-moradia, auxílio-transporte, bolsa permanência e demais atividades que assegurem o atendimento à saúde (física e mental), creche e condições básicas de acessibilidade e aprendizado para atendimento aos portadores de necessidades especiais; (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, 2010, p. 38).

III. E, ainda, no Regulamento dos Cursos de Graduação da UFTM, no item "Da Assistência":

XV.

Art. 272. Os Programas de Assistência Estudantil serão aprovados pelo CONSU e poderão contemplar as seguintes áreas estratégicas:

I - permanência: auxílio-alimentação, auxílio-moradia, auxílio-transporte, bolsa permanência e demais atividades que assegurem o atendimento à saúde (física e mental), creche e condições básicas de acessibilidade e aprendizado para atendimento aos portadores de necessidades especiais [...] (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, 2012, p. 59).

No caso das creches, embora possam indiretamente contribuir para a acessibilidade da pessoa com deficiência/NEE, nunca foi constatada a demanda (alunos com deficiência ou NEE com filhos que necessitem do serviço) e a universidade não teve ainda investimentos nesse sentido, uma vez que, por ser responsabilidade do município, as ações foram direcionadas para outras áreas de atuação, o que não impede ou impossibilita futuras parcerias com a prefeitura municipal para implementação do serviço.

Percebemos, entretanto, por meio desses documentos, que a acessibilidade para pessoas deficientes está presente, mesmo que de forma equivocada, como no capítulo "ASSISTÊNCIA AO ESTUDANTE", do PDI; vaga, como no capítulo "5.1. Diretrizes da Política de Ensino", do PPI; ou incompleta, por não deixar claro o papel dos Programas de Assistência Estudantil e/ou dos docentes quanto ao atendimento dos alunos para a acessibilidade, não ficando definido até que ponto cada um desses atores é responsável por esse apoio, quanto aos itens "Da Assistência", tanto no Regimento Geral da Universidade, quanto no Regulamento dos cursos de Graduação da UFTM.

Destaca-se também a morosidade para efetivação das ações, uma vez que dois dos principais documentos da Universidade estão atrasados em sua aprovação (PDI⁵ e PPI - 2017 a 2021, a serem ainda aprovados pelo CONSU); e os outros dois (Regimento Geral da Universidade, de 2010, e Regulamento dos Cursos de Graduação da UFTM, de 2012) passam atualmente por revisões, que também deverão ser aprovadas pelo mesmo conselho.

⁵No caso do PDI, as três ações propostas deveriam estar concluídas até o fim de 2018 e o documento se quer foi aprovado, ainda.

3 OS PRINCIPAIS PROGRAMAS PARA ACESSIBILIDADE DAS IFES, EM CONTEXTO NACIONAL

3.1 REUNI

Focado na expansão do ensino superior no país, algumas medidas começaram a ser tomadas pelo governo federal para ampliar a oferta de vagas nas IFES, bem como combater a evasão e fortalecer as políticas de inclusão e assistência estudantil. Tal proposta baseia-se no REUNI, instituído pelo decreto nº 6096, de 24 de abril de 2007, pelo qual mais pessoas tiveram acesso ao ensino de nível superior, devido à expansão e abertura de novas universidades, ampliação dos cursos, especialmente em períodos noturnos, e diversificação das modalidades de graduação, conforme se pode observar, no seguinte trecho do documento:

Art. 1º. Fica instituído o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI, com o objetivo de criar condições para a ampliação do acesso e permanência na educação superior, no nível de graduação, pelo melhor aproveitamento da estrutura física e de recursos humanos existentes nas universidades federais.

[...]

Art. 2º. O Programa terá as seguintes diretrizes:

[...]

IV - diversificação das modalidades de graduação, preferencialmente não voltadas à profissionalização precoce e especializada;

V - ampliação de políticas de inclusão e assistência estudantil (BRASIL, 2007a, p.1).

Embora o programa trate, ainda, do combate à evasão, em seu artigo 2º, é importante identificar que, diferente do PNAES, que será abordado adiante, o combate à evasão, no caso do REUNI, conforme Souza (2012), está diretamente ligado à estruturação das IFES e não a auxílios financeiros que visam contribuir com a permanência do aluno. Os recursos do REUNI foram destinados às IFES para melhoramentos na infraestrutura.

Nesse sentido, conforme Santos e Marafon:

O REUNI tentou criar as condições para a ampliação do acesso à educação aumentando o número de vagas nas universidades. Já o PNAES apresentou uma diretriz que buscava concretizar a garantia da permanência dos estudantes, delimitando uma série de áreas às quais devem ser direcionadas as ações de cada IFES (SANTOS; MARAFON, 2016, p.5).

3.2 PROGRAMA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL (PNAES)

A expansão das universidades, principalmente a partir do REUNI, acarretou a necessidade de criação de políticas de inclusão, de permanência e de conclusão dos cursos.

Surge então, elaborado pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), em 2007, o Plano Nacional de Assistência Estudantil:

O Plano Nacional de Assistência Estudantil, que apresenta as diretrizes norteadoras para a definição de programas e projetos dessa natureza, busca satisfazer essas demandas da sociedade e dos alunos, constituindo-se, assim, em meta prioritária para a Andifes. Nele tem-se um marco histórico que representa o compromisso da Associação com a inclusão e a permanência dos jovens nas IFES (ANDIFES, 2007, p. 2).

Ainda em 2007, a partir do Plano Nacional de Assistência Estudantil, foi publicada, no Diário Oficial da União, a Portaria Normativa nº 39, que institui o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) e estabelece sua implementação, a partir de 2008.

Em seu artigo 2º, em parágrafo único, a portaria prevê:

Parágrafo único. Compreendem-se como ações de assistência estudantil, iniciativas desenvolvidas nas seguintes áreas:

- I - moradia estudantil;
- II - alimentação;
- III - transporte;
- IV - assistência à saúde;
- V - inclusão digital;
- VI - cultura;
- VII - esporte;
- VIII - creche; e
- IX - apoio pedagógico (BRASIL, 2007b, p.1).

No ano de 2010, a presidência da república instituiu o Decreto nº 7234, que dispunha sobre o PNAES, destinado à permanência dos jovens no ensino superior, conforme se pode ver, a seguir:

O MINISTRO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, no uso de suas atribuições, considerando a centralidade da assistência estudantil como estratégia de combate às desigualdades sociais e regionais, bem como sua importância para a ampliação e a democratização das condições de acesso e permanência dos jovens no ensino superior público federal, resolve:

Art. 1º Fica instituído, no âmbito da Secretaria de Educação Superior - SESu, do Ministério da Educação, o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES, na forma desta Portaria.

Art. 2º O PNAES se efetiva por meio de ações de assistência estudantil vinculadas ao desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão, e destina-se aos estudantes matriculados em cursos de graduação presencial das Instituições Federais de Ensino Superior (BRASIL, 2010, p. 1).

Esse decreto contemplava um item não previsto pela Portaria Normativa 39 de 2007, quanto às áreas que devem compor a assistência estudantil, em seu artigo 2º, parágrafo primeiro: "X - acesso, participação e aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação." (BRASIL, 2010, p.1).

Borsato (2015) lembra, ainda, que as linhas de ação para essas áreas estratégicas são apresentadas de forma genérica, resguardando a autonomia da universidade, quanto à definição das ações, conforme o que já existia ou na implantação de novas.

3.3 PROGRAMA INCLUIR

O Programa Incluir - Acessibilidade na Educação Superior, por meio de parceria entre a Secretaria de Educação Superior (SESu) e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), teve início em 2005, com o objetivo de criar e consolidar os núcleos de acessibilidade nas universidades federais, a fim de eliminar barreiras pedagógicas, arquitetônicas, comunicacionais e informativas.

De acordo com a SESu, os núcleos de acessibilidade são definidos como:

Espaço físico, com profissional responsável pela organização das ações, articulação entre os diferentes órgãos e departamentos da universidade para a implementação da política de acessibilidade e efetivação das relações de ensino, pesquisa e extensão na área (BRASIL, 2008b, p. 39).

Entre 2005 e 2011, o programa efetivou-se por meio de chamadas públicas concorrenciais regidas por editais. Esse formato, como exigia que as IFES apresentassem seus projetos para concorrer aos recursos do Programa, foi estratégica para identificar as barreiras de acesso das pessoas com deficiência, apresentadas a partir das demandas das IFES.

A partir de 2012, de acordo com as orientações sobre as ações do Programa Incluir (BRASIL, 2013), todas as IFES começaram a ser atendidas, iniciando-se o desenvolvimento de uma política mais ampla e articulada.

3.4 LEI N. 13.409 - RESERVA DE VAGAS NAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR VINCULADAS AO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

A Lei n. 13.409, de 28 de dezembro de 2016, é uma retificação da lei n. 12.711, de 29 de agosto de 2012, que prevê reserva de vagas nas instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação.

De acordo com a Lei n. 12.711, deveria haver vagas reservadas para candidatos que cursaram o ensino médio em escolas públicas, bem como os autodeclarados pretos, pardos e indígenas. Com sua retificação, por meio da Lei n. 13.409, sancionada pelo Presidente da República, Michel Temer, esse grupo se estende também às pessoas com deficiência.

Art. 3º Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

Art. 5º Em cada instituição federal de ensino técnico de nível médio, as vagas de que trata o art. 4º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo do IBGE (BRASIL, 2016b, p.1).

Ainda segundo a Lei n. 13.409, a ação deveria ser revista, após período de dez anos de sua publicação:

Art. 7º No prazo de dez anos a contar da data de publicação desta Lei, será promovida a revisão do programa especial para o acesso às instituições de educação superior de estudantes pretos, pardos e indígenas e de pessoas com deficiência, bem como daqueles que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (BRASIL, 2016b, p.1).

Apesar do impacto positivo quanto à oportunidade de acesso de pessoas com deficiência, tanto nos cursos de graduação, quanto técnicos, no caso da UFTM, essa lei revela um desencontro de planejamento quanto às ações governamentais, além de gerar alguns impasses para a Universidade. Para exemplificar isso, podemos destacar:

- I. em dezembro de 2016, foi sancionada a Emenda Constitucional nº 95, que impede a contratação de pessoal e realização de concursos públicos para novos cargos, salvo reposições de vacância;
- II. no ano de 2017, logo após decretada a Lei nº13.409, a UFTM, que já recebia apenas verba do tipo capital do Programa Incluir, não recebeu qualquer tipo de recurso desse Programa, sem qualquer aviso ou justificativa apresentada;
- III. os alunos ingressantes por cotas de pessoas com deficiência devem passar, necessariamente, por uma banca avaliadora. Enquanto o processo de avaliação não termina, o aluno ainda não está efetivamente matriculado e não pode ter presença nas aulas ministradas durante esse período, correndo o risco de perder o semestre por excesso de faltas, ou sua vaga, caso isso ocorra para todas as disciplinas a serem cursadas. Nesses casos, pode-se ainda recorrer ao Conselho de Ensino (COENS), porém, esses alunos também são prejudicados pela perda das aulas ministradas durante esse período, que pode refletir em reprovação por rendimento.

Art. 148. O desligamento do discente por ato administrativo ocorrerá:

[...]

IV - quando o discente ingressante for reprovado por infreqüência em todos os componentes curriculares do primeiro período, sem justificativa formal plausível a ser apreciada e deliberada pelo COENS.

V - quando o discente ingressante não frequentar as aulas até o 15º (décimo quinto) dia letivo, não apresentando, até esse dia, justificativa formal plausível em documento hábil a ser submetido à apreciação e deliberação do COENS; (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, 2012, p. 33-34).

[...]

Art. 200. A freqüência às aulas teóricas e práticas ou a qualquer atividade acadêmica é obrigatória para o discente, conforme previsto nos Planos de Ensino e de acordo com a programação definida pelo Colegiado de Curso.

§ 1º Independentemente dos demais resultados obtidos, será considerado reprovado no componente curricular o discente que não obtiver freqüência de, no mínimo, 75% (setenta e cinco por cento) nas atividades previstas (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, 2012, p. 43).

Segundo o Edital do processo seletivo para ingresso nos cursos de graduação da UFTM, para o primeiro semestre de 2018, tratando-se das vagas reservadas para pessoas com deficiência, nele referidas como PcD:

8.3 Será constituída Banca de Verificação composta por especialistas a fim de analisar a documentação apresentada para as vagas reservadas à PcD.

8.4 A Banca de Verificação será responsável por atestar a conformidade do laudo médico.

8.5 A UFTM, por meio da Banca de Verificação poderá, a seu critério, entrevistar os candidatos ou submete-los a novos exames em data a ser divulgada na ocasião da

matrícula, a fim de esclarecer dúvidas relacionadas à documentação apresentada, aprovar ou não o preenchimento da vaga e em caso de aprovação, iniciar o processo de acolhimento pensando sua permanência e adequação de suas necessidades.

8.8 Após a solicitação de matrícula, a Banca de Verificação notificará o candidato para agendamento de entrevista, nos casos que considerar pertinentes, informando dia, horário e local (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, 2017, p. 8-9).

Nesse contexto, embora o resultado da primeira chamada para matrícula tenha ocorrido em 29 de janeiro de 2018 e a matrícula presencial desses alunos tenha ocorrido de 5 a 7 de fevereiro, a divulgação do resultado para efetiva matrícula do aluno ocorreu apenas em 14 de março de 2018.

IV. De acordo com o Regulamento dos Cursos de Graduação da UFTM, os alunos ingressantes devem estar matriculados em todos os componentes curriculares constantes no primeiro período dos cursos, segundo se observa no Art. 102, a seguir.

Art. 102. A matrícula do discente ingressante será realizada automaticamente nos componentes curriculares constantes no primeiro período, conforme sequência estabelecida na matriz curricular do curso (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, 2012, p. 24).

Assim, o Setor de Acessibilidade, muitas vezes, não tem tempo hábil para conhecer o aluno e suas necessidades, bem como entrar em contato com os demais setores e adaptar o material necessário. Ressalta-se ainda, que é muito comum que nem mesmo o aluno saiba quais serão suas necessidades, que podem ser diferentes das identificadas em outros momentos, como durante o ensino médio, por apresentarem propostas diferentes para a formação e autonomia do aluno.

Passa-se, a seguir, à terceira parte deste trabalho, que trata do trabalho proposto para o Setor de Acessibilidade.

4 DESCRIÇÃO DO SETOR DE ACESSIBILIDADE DA UFTM

4.1 HISTÓRICO DE ATIVIDADES E ESTRUTURAS ORGANIZACIONAIS QUE VISAM A ACESSIBILIDADE NA UFTM

Na UFTM, foram instituídos fóruns, grupos de trabalho, comissões, núcleos e setor de acessibilidade, a princípio, de forma descoordenada e a fim de solucionar problemas momentâneos e pontuais, como adesão a programas governamentais e/ou elaboração/adequação a editais que envolviam pessoas com deficiência.

Em 2010, com a criação de uma Pró-Reitoria destinada a tratar assuntos comunitários e estudantis, Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PROACE), surge um setor no qual se poderiam concentrar as ações da Universidade quanto à acessibilidade, deixando-as mais coordenadas e eficazes.

Entretanto, a Pró-reitoria contou apenas com um ambiente organizacional chamado "Núcleo de Acessibilidade", o qual se transformou em Setor de Acessibilidade somente no ano de 2014. Durante esse período, as ações se apresentavam ainda descentralizadas e/ou descoordenadas, uma vez que, mesmo com o ambiente organizacional "Núcleo de Acessibilidade" já criado, criou-se um outro núcleo com o mesmo fim, por meio da Portaria de nº 527, de 20 de julho de 2012, emitida pela Reitoria da UFTM, o Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas - NAPNE da UFTM ⁶ (ver Quadro 8).

⁶Esclarece-se, entretanto, que essa descentralização/descoordenação das ações, nesse caso, é reflexo de ações descoordenadas do MEC, e atendia às solicitações do Ofício nº1219/2012/AID/CGPEPT/DPEPT/SETEC/MEC.

Quadro 4: Quadro histórico dos setores/comissões de acessibilidade na UFTM

Ano de implementação	Documento de implementação	Tipo	Nome	Setor vinculado (imediate mente)	Ano de extinção
2007	Resolução nº18, de 2 de outubro de 2007, do reitor da UFTM	Núcleo	Núcleo de Acessibilidade da UFTM	Nenhum	Não extinto formalmente
2007	Resolução nº18, de 2 de outubro de 2007, do reitor da UFTM.	Fórum	Fórum de Acessibilidade da UFTM	Nenhum	Não extinto
2010	Não há	Grupo de trabalho - GT	GT para elaboração de projeto para submissão ao edital do Programa Incluir	PROACE	2010
2010	Não há ⁷	Espaço físico com equipamentos de acessibilidade	Setor de Acessibilidade na Biblioteca	Biblioteca	Não extinto
2012	Cadastro de Ambiente Organizacional na Pró-Reitoria de Recursos Humanos (PRORH)	Ambiente Organizacional	Núcleo de Acessibilidade	PROACE	2014
2012	Portaria 527, de 20 de julho de	Núcleo	NAPNE-UFTM	Cefores/Proace ⁸	Não extinto

⁷Existem apenas alguns memorandos que mencionam o espaço e o definem como "Setor de Acessibilidade na Biblioteca".

Ano de implementação	Documento de implementação	Tipo	Nome	Setor vinculado (imediate mente)	Ano de extinção
	2012 - Reitoria da UFTM				
2014	Registro na Pró-Reitoria de Planejamento (PROPLAN) e portaria de nomeação da chefia do setor.	Setor	Setor de Acessibilidade	Departamento de Assistência Estudantil e Serviços à Comunidade	Em atividade
2017	Não há	Extensão do Setor de Acessibilidade	"Extensão do Setor de Acessibilidade em Iturama"	Assessoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (Iturama) / PROACE	Em atividade

Fonte: Elaborado pelo autor através de análise de documentos disponibilizados pelo Setor de Acessibilidade da PROACE, 2017.

⁸Embora fosse uma ação voltada para atender cursos técnicos do Cefores e estivesse sob coordenação de servidora lotada no Cefores, o Núcleo funcionaria na sala da PROACE, à qual caberia também contribuir no planejamento e execução de suas ações.

Essas ações descoordenadas parecem, portanto, terem sido implementadas sem o conhecimento da realidade já vivenciada na UFTM, tanto pela própria Universidade, quanto por órgãos maiores como o Ministério da Educação. No caso da implementação do NAPNE, uma simples consideração para que as atribuições fossem assumidas pelos "Núcleos de Acessibilidade" das instituições de ensino que já os tivessem, deixariam os esforços mais concentrados e as atividades mais coordenadas.

Vale ainda ressaltar que alguns projetos registrados na Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT), que visam acessibilidade/sensibilização quanto ao tema, não recorrem a parcerias com o Setor de Acessibilidade e por isso suas atividades passam despercebidas pelo Setor, que poderia dar e receber grandes contribuições quanto a essas ações.

De acordo com o Quadro 9, podemos identificar os projetos de extensão, devidamente registrados na PROEXT, em 2018, que exemplificam a situação posta.

Quadro 5: Relação de projetos de extensão associados à acessibilidade registrados na PROEXT - 2018

Registro	Título da Atividade	Modalidade	Área Principal	DATAS	
				Início Previsto	Término
53/2018	Produção de material didático adaptado para deficientes visuais	Projeto	Educação	01/03/2018	30/11/2018
66/2018	PROMOVER: Atenção Integral ao Deficiente Visual	Projeto	Saúde	01/03/2018	01/12/2018
144/2018	Pilates na deficiência visual - PromoVer	Projeto	Saúde	20/04/2018	20/12/2019
16/2018	Produção de material didático adaptado para deficientes visuais	Projeto	Educação	01/02/2018	30/12/2018
256/2018	PACTO - Programa de Atendimento e Cuidado em Terapia Ocupacional	Programa	Saúde	05/07/2018	10/01/2019
42/2018	Tocando em frente': compondo a acessibilidade cultural	Programa	Cultura	01/03/2018	01/12/2018

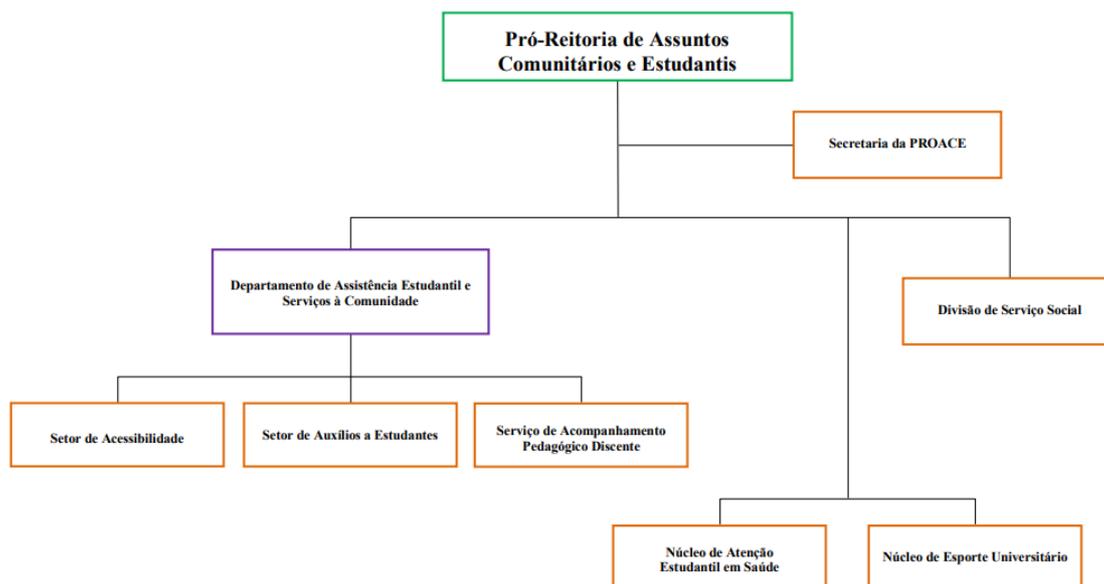
Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, 2018. Adaptado pelo autor, 2018.

No caso da extensão do Setor de Acessibilidade em Iturama, não existem servidores lotados para seu funcionamento, em Iturama, apenas alguns equipamentos de tecnologia assistiva como lupa eletrônica, computador com software para leitura de tela

e impressora Braille. Será considerado para esse trabalho, portanto, apenas o Campus Sede da UFTM, em Uberaba.

Analisando, ainda, o organograma da PROACE (Figura 1), percebemos que, embora pertençam à mesma Pró-Reitoria, o Setor de Acessibilidade e Núcleo de Atenção Estudantil em Saúde, no qual se encontram, dentre outros serviços, os serviços médicos, em psicologia e em fisioterapia, não fazem parte do mesmo departamento (Departamento de Assistência Estudantil e Serviços à Comunidade), o que pode dificultar as ações conjuntas que possam ser necessárias para o atendimento ao aluno deficiente.

Figura 1: Organograma atual da PROACE



Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, [2017]b.

De acordo com o Regulamento Interno da PROACE, construído em 2016 e ainda em minuta, devido a não apreciação, ainda, do Conselho Superior Universitário - CONSU, cabe ao Setor de Acessibilidade:

Art. 10. Compete ao Setor de Acessibilidade:

- I - Atendimento de Tradução e Interpretação de Libras / Português;
- II - Adaptação de materiais para arquivo digital acessível e/ou Braille para alunos cegos ou baixa visão;
- III - Elaboração de editais de seleção de Tutoria Inclusiva para apoio à acessibilidade;
- IV - Seleção e acompanhamento dos Tutores Inclusivos;
- V - Capacitação dos tutores inclusivos e comunidade interna UFTM, no que se refere à lida com pessoas com deficiência;
- VI - Cadastro e acompanhamento dos alunos com necessidades educacionais especiais na UFTM;

- VII - Criação de projetos de sensibilização e minimização de barreiras atitudinais⁹;
- VIII - Consultoria ao departamento responsável pela infra-estrutura da UFTM visando melhorias na acessibilidade estrutural da UFTM;
- IX - Criação e gerencia das salas de acessibilidade nas bibliotecas;
- X - Elaboração e gerenciamento de programas, projetos e ações de acessibilidade e inclusão (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, 2016c, p.7).

Nesse sentido, o setor caminha para a formalização de suas ações, das quais, para que possam ser bem executadas, necessitam de recursos humanos, orçamentários, tecnológicos e físico-estruturais adequados.

No mais antigo documento¹⁰ da PROACE encontrado, referente às necessidades quanto a recursos para o "Setor de Acessibilidade", de novembro de 2011, podemos verificar:

O Setor de Acessibilidade está em fase de implantação no espaço do subsolo da Biblioteca Frei Eugênio. Conta, atualmente, com uma pedagoga (recentemente nomeada), duas intérpretes de Libras e uma técnica em assuntos educacionais. Para a operacionalização das atividades do Setor há que se investir na nomeação de servidor assistente ou auxiliar de administração para que as rotinas administrativas sejam atendidas.

O ambiente não dispõe dos recursos tecnológicos necessários às diversas ações do Setor de Acessibilidade. Destacam-se os problemas oriundos da acessibilidade aos espaços, inclusive na Biblioteca e nos centros educacionais. Os servidores do Setor atuam em parceria com os profissionais do Núcleo de Assistência Estudantil e, para a concretização do acompanhamento e orientação dos alunos com deficiências ou necessidades educacionais especiais, devem elaborar projetos a serem realizados junto aos docentes e coordenadores dos cursos.

Salientamos que o Setor de Acessibilidade está funcionando nos períodos matutino e vespertino e que há demanda para atendimento no período noturno, exigindo ampliação do quadro dos servidores (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, 2011, p.3).

4.2 RECURSOS HUMANOS

Os recursos humanos são fundamentais para se atingir a acessibilidade ótima dos alunos com deficiência ou necessidades educativas especiais: “o acesso ótimo somente

⁹ São aquelas oriundas de atitudes das pessoas diante da deficiência/NEE, como consequência da falta de informação e preconceito, o que acarreta em discriminação e mais preconceito, causando exclusão.

¹⁰ O documento, datado em 16 de novembro de 2011, é um formulário da PRORH, Formulário Perfil de Ambiente Organizacional. O "Setor de Acessibilidade" mencionado, não era ainda um setor, mas apenas um ambiente organizacional da Pró-Reitoria.

pode ser atingido com a contratação de pessoal de apoio bem treinado e comprometido.” (BARNES, 2007, p. 3).

Considerando a criação formal do Setor de Acessibilidade, dada no ano de 2014, por meio de registro na PROPLAN e portaria de nomeação de sua chefia, o setor inicia as atividades com uma estrutura composta por cinco profissionais, sendo quatro desses, tradutores/intérpretes de LIBRAS (dos quais um também assume as funções administrativas de chefe do setor) e uma Técnica em Assuntos Educacionais (ver Quadro 10).

Entre 2014 e junho de 2018, algumas movimentações de recursos humanos foram realizadas, estando o setor, em junho de 2018 com a seguinte configuração:

Quadro 6: Recursos Humanos do Setor de Acessibilidade - junho de 2018

Servidor	Cargo	Carga horária semanal	Situação
1	Tradutor/intérprete de LIBRAS	40h	Ativo. Assume também a função de chefia do setor.
2	Tradutor/intérprete de LIBRAS	40h	Ativo
3	Tradutor/intérprete de LIBRAS	40h	Ativo
4	Tradutor/intérprete de LIBRAS	40h	Afastado para tratamento de saúde há mais de dez meses
5	Técnico em Assuntos Educacionais	20h	Afastado parcialmente para mestrado
6	Assistente em Administração	40h	Ativo em horário especial para estudante – mestrando
7	Assistente em Administração	40h	Afastado para tratamento de saúde há mais de dez meses

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

Quanto a atividades pertinentes a cada profissional lotado no setor, de acordo com os cargos e resposta da PROACE a questionamento realizado pela Auditoria Interna da UFTM, em novembro de 2017, obtém-se o Quadro 11.

Quadro 7: Atividades dos servidores lotados no Setor de Acessibilidade

Cargo	Função
Tradutora e Intérprete de LIBRAS	Fazer a mediação da comunicação entre alunos e professores surdos e a comunidade UFTM ouvinte.
Assistente em Administração	Desenvolvimento de projetos de acessibilidade e inclusão, sensibilização da comunidade interna e externa a UFTM quanto a acessibilidade, adaptação de materiais para alunos com deficiência visual.
Técnica em Assuntos	Desenvolvimento de projetos de acessibilidade e inclusão, sensibilização da comunidade interna e externa a UFTM quanto a acessibilidade, adaptação de

Cargo	Função
Educacionais – TAE	materiais para alunos com deficiência visual.

Fonte: BATISTA, 2017. Adaptado pelo autor, 2018.

É evidente, nesse levantamento, por atender alunos e professores com diversos tipos de deficiência, dos cursos de graduação, pós-graduação e técnicos, comunidade externa à UFTM, além de demandas do Hospital de Clínicas (HC) da UFTM, que o setor tem déficit de profissionais, tanto por questões de especialidades, quanto por quantitativo.

Vale esclarecer, ainda, que o HC da UFTM, atualmente gerenciado pela Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH¹¹), não possui tradutores/intérpretes ou qualquer outro profissional especializado, voltados para o atendimento a pessoas com deficiência, em seu quadro funcional.

Tal situação, infelizmente comum na maioria dos hospitais públicos, é alertada por Chaveiro e Barbosa, nesse caso especificamente, quanto ao atendimento ao surdo:

a língua de sinais é uma ferramenta decisiva na elaboração das formações discursivas dos surdos e a compreensão do seu discurso pelos profissionais da área de saúde propicia um melhor entendimento da constituição da identidade dos surdos, dos sinais e sintomas por eles apresentados, pontos fundamentais para uma melhor qualidade dos serviços prestados (CHAVEIRO; BARBOSA, 2004, p. 5).

Em um quadro nacional, de acordo com a Emenda Constitucional nº 95, de 15 de dezembro de 2016, que limita por 20 anos os gastos públicos, artigo 109, ficou vedada:

IV - admissão ou contratação de pessoal, a qualquer título, ressalvadas as reposições de cargos de chefia e de direção que não acarretem aumento de despesa e aquelas decorrentes de vacâncias de cargos efetivos ou vitalícios;
V - realização de concurso público, exceto para as reposições de vacâncias previstas no inciso IV (BRASIL, 2016a, p. 2).

Nesse cenário, o planejamento do Governo Federal parece não fazer muito sentido ao considerar que, em dezembro do mesmo ano, foi sancionada pelo Presidente

¹¹Criada em 2011 pelo MEC, a EBSERH tem por finalidade atuar exclusivamente na gestão dos hospitais universitários, inclusive quanto à contratação de funcionários. A adesão da UFTM ao contrato com a empresa foi realizada em janeiro de 2013, o que possibilitou a abertura de concursos públicos (gerenciados e realizados pela empresa) com regime trabalhista da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT. Em seu "Dimensionamento dos Serviços Assistenciais Hospital De Clínicas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro/HC - UFTM" - documento elaborado em fevereiro de 2013, profissionais especializados que visam acessibilidade às pessoas deficientes não foram contemplados.

Michel Temer a Lei nº 13.409, que garante reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino, o que resultou, já no primeiro semestre do ano de 2017, para a UFTM, a reserva de 5 vagas para o curso de medicina e 3 vagas para cada um dos outros vinte e cinco cursos de graduação.

Mesmo com o citado entrave imposto pelo Governo Federal, desde agosto de 2017, o setor vem pedindo reforço de recursos humanos à PRORH. No ano de 2018, a contratação de tradutores/intérpretes de LIBRAS, de nível superior, por prazo determinado, foi autorizada pelo MEC e a Universidade realizou, em maio de 2018, processo seletivo para a contratação desse profissional, porém, não houve candidatos inscritos.

Quanto à capacitação dos servidores já lotados no setor, está acontecendo de forma contínua (ver Quadro 12), o que pode ser constatado na relação que segue, representando as atividades do ano de 2016:

Quadro 8: Capacitação dos servidores lotados no Setor de Acessibilidade - 2016

Participação da equipe em eventos:
II Seminário Institucional do PIBID/UFTM - Uberaba-MG;
I Simpósio sobre Educação Inclusiva em Minas Gerais: "A Educação como Ferramenta para Geração de Emprego e Renda" e "I Encontro Mineiro de Núcleos de Inclusão: "A Educação Profissional e a Lei Brasileira de Inclusão (n. 13.146/2015)" - Uberaba-MG;
I Congresso Internacional de Educação Especial e Inclusiva e XIII Jornada de Educação Especial - Marília-SP;
XIII Seminário Nacional: O Uno e o Diverso na Educação Escolar - Uberlândia-MG;
V Seminário sobre o Ensino de Graduação na UFTM - Uberaba-MG;
Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Estudantis / FONAPRACE Sudeste - UFTM - Uberaba-MG;
II Jornada Institucional de Ensino, Pesquisa e Extensão / JIEPE UFTM - Uberaba-MG;
VII Congresso Brasileiro de Educação Especial / CBEE - São Carlos - SP;
I Setembro Azul da UFTM - Uberaba-MG;
VII Seminário Nacional de Educação Especial e VI Encontro de Pesquisadores em Educação Especial e Inclusão Escolar - Uberlândia-MG;
Apresentação do Conselho de Ética da UFTM - Uberaba-MG;
I Congresso de Pesquisadores de Linguística de Línguas de Sinais e V Congresso Nacional de Pesquisadores de Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais e Língua Portuguesa - Florianópolis-SC;
Simpósio de Educação à Distância da UFTM - Uberaba-MG;
Palestra: Ética na Educação Pública - Uberaba-MG;
Capacitação por meio de cursos e grupos de debate e de pesquisa
Sociologia da Educação;

Psicologia da Educação;
História da Educação;
Didática;
Rodas de Conversa: Sociologia da Educação;
Esquizofrenia - Significados, Apropriações; e a Construção do Trabalho Docente;
Plano Nacional de Educação (2014-2024) e a Política Brasileira de Inclusão Social;
Grupo de Pesquisa sobre Ingresso, Permanência e Conclusão nos Cursos de Graduação da UFTM - GEIPeC;
Sinais Internacionais - SI;
Políticas Públicas, Acessibilidade e Surdez;
LIBRAS;
Administração Pública;
Procedimentos Básicos para o Atendimento a Estudantes com Deficiência Intelectual e Transtornos do Espectro Autista;
Educação Inclusiva na Cultura Digital: Recursos e Estratégias;

Fonte: GONÇALVES, 2017

4.3 RECURSOS ORÇAMENTÁRIOS

Os recursos orçamentários diferem-se por fontes de orçamento dos tipos capital e custeio. De acordo com o publicado em site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE):

- I. Custeio: Destinada a cobrir despesas relacionadas à aquisição de material de consumo, como materiais de expediente, limpeza, construção, etc. e contratação de serviços, como manutenção hidráulica, elétrica, jardinagem, etc.
- II. Capital: Destinada à aquisição de materiais permanentes, como eletrodomésticos, computadores, mobiliário, etc.

O Setor de Acessibilidade da UFTM conta, principalmente, com três fontes orçamentárias para investimentos, sendo elas: do Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES (verba de custeio e capital), do Programa Incluir (verba de capital) e do Conselho Nacional de Dirigentes das Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais (CONDETUF – verba de custeio), que são, atualmente, investidas da seguinte forma:

PNAES:

I. Na modalidade "Outros Serviços de Terceiros - Pessoa Física" (custeio), para pagamento de incentivos financeiros para Tutores e Monitores Inclusivos¹² dos cursos de graduação.

II. Na modalidade "Equipamentos e Material Permanente" (capital), para aquisição de equipamentos.

Programa Incluir¹³:

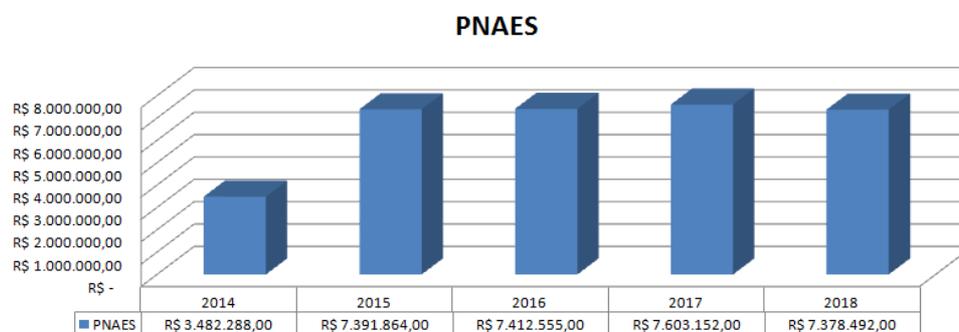
I. Na modalidade "Equipamentos e Material Permanente" (capital), para aquisição de equipamentos.

CONDETUF:

I. Na modalidade "Outros Serviços de Terceiros - Pessoa Física" (custeio), para pagamento de incentivos financeiros para Tutores e Monitores Inclusivos dos cursos técnicos.

De acordo com os gráficos a seguir (Gráficos 1, 2 e 3), pode-se acompanhar os valores destinados à acessibilidade na UFTM, por meio dessas principais fontes orçamentárias, de 2014 a 2018.

Gráfico 1: Recursos PNAES (UFTM) - custeio 2014 a 2018



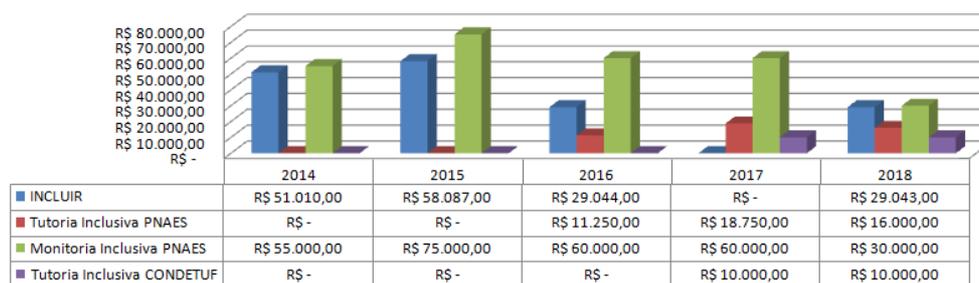
Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.¹⁴

¹²Alunos selecionados por editais específicos, dos programas de Monitoria Inclusiva e Tutoria Inclusiva, para desempenharem tais atividades, conforme será abordado em um outro capítulo desse trabalho.

¹³Embora tenha sido registrada na prestação de contas do Sistema Integrado de Monitoramento Execução e Controle - SIMEC, do MEC, durante três anos, a necessidade de recursos de custeio, oriundos desse Programa, a Universidade sempre recebeu apenas verba de capital.

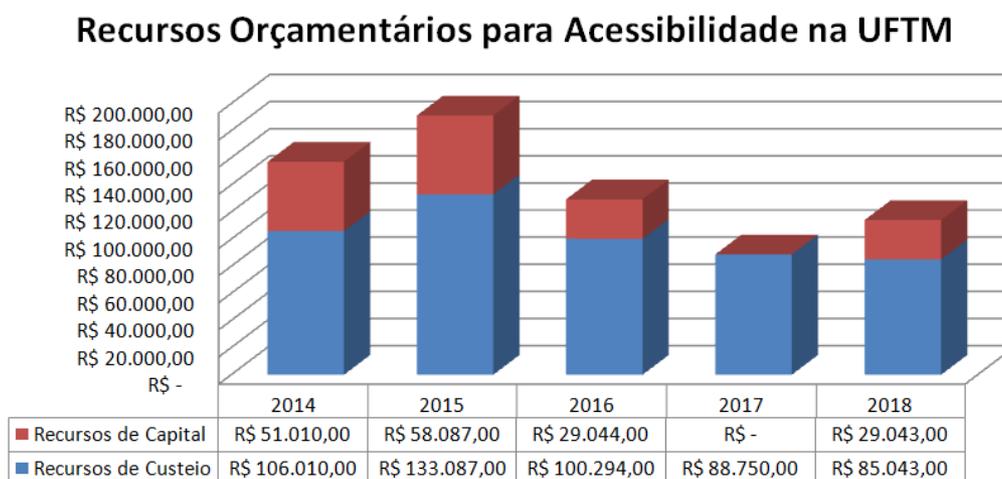
¹⁴Os valores apresentados referem-se apenas aos valores da modalidade custeio do PNAES.

Gráfico 2: Evolução dos valores destinados à acessibilidade (UFTM) - 2014 a 2018
Evolução dos valores destinados à acessibilidade dos alunos da UFTM



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

Gráfico 3: Recursos orçamentários para acessibilidade (UFTM) custeio/capital - 2014 a 2018



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

Percebe-se que, apesar das cifras milionárias, referentes aos orçamentos do PNAES, os investimentos oriundos dele para Monitoria e Tutoria Inclusiva são baixos, em comparação com o volume total. Isso se dá pelo fato de o decreto presidencial nº 7234, de 2010, que regulamenta o Programa, priorizar o atendimento de alunos com renda per capita familiar de até um salário mínimo e meio¹⁵, sendo mais de 95% do orçamento total destinado à modalidade "Auxílio Financeiro a Estudantes", que prioriza os auxílios Alimentação, Transporte, Moradia e Acadêmico.

¹⁵ Atualmente, o valor destinado aos "Auxílios Financeiros a Estudantes" não são suficientes para atender a todos os alunos que comprovaram, através de submissão à avaliação socioeconômica, renda per capita familiar de até um salário mínimo e meio, sendo atendidos apenas os alunos que comprovaram essa renda em até setecentos e cinquenta e quatro reais.

Para ilustrar essa proporção, seguem os valores¹⁶ (ver Quadro 13) da Proposta Orçamentária de 2018 do PNAES e Programa Incluir:

Quadro 9: Proposta Orçamentária Detalhada 2018 - Assistência Estudantil - PNAES/Programa Incluir (UFTM)

Proposta Orçamentária Detalhada 2018 - Assistência Estudantil - PNAES/Programa Incluir			
Auxílio Financeiro de Assistência Estudantil			
	Custeio (R\$)	Capital (R\$)	Total (R\$)
Auxílio Financeiro a Estudantes	7.341.172,00	0,00	7.341.172,00
Assistência ao Estudante de Ensino Superior - Despesas Diversas (UFTM)			
	Custeio (R\$)	Capital (R\$)	Total (R\$)
Material de Consumo	30.224,00	0,00	30.224,00
Outros Serviços de Terceiros - Pessoa Física			
Monitoria Inclusiva	30.000,00	0,00	30.000,00
Tutoria Inclusiva	16.000,00	0,00	16.000,00
Projeto de Nivelamento	19.200,00	0,00	19.200,00
Outros Serviços de Terceiros - Pessoa Jurídica			
Seguro dos Alunos	10.351,00	0,00	10.351,00
Subsídio do Restaurante Universitário	222.470,00	0,00	222.470,00
Obrig. Tribut. e Contrib-Op. Intra-Orçamentárias			
20% do valor previsto para o Projeto de Nivelamento	3.840,00	0,00	0,00
Equipamentos e Material Permanente	0,00	100.000,00	100.000,00
Programa Incluir (UFTM)			
	Custeio (R\$)	Capital (R\$)	Total (R\$)
Equipamentos e Material Permanente	0,00	29.043,00	29.043,00

Fonte: BATISTA, 2018. Adaptado pelo autor, 2018.

4.4 RECURSOS TECNOLÓGICOS

Segundo Radabaugh (1993, p.1), "para as pessoas sem deficiência a tecnologia torna as coisas mais fáceis. Para as pessoas com deficiência, a tecnologia torna as coisas possíveis".

A partir disso, podemos identificar claramente a importância dos recursos tecnológicos para a acessibilidade da pessoa com deficiência. Nos últimos anos, essas tecnologias avançaram bastante e muitas delas estão mais acessíveis, além de ganhar maior mobilidade por meio das plataformas móveis de celulares e tablets, o que é o caso dos leitores de tela, leitores autônomos, lupas eletrônicas e dicionários de LIBRAS.

¹⁶ O valor total desta ação (ação 4002 - Assistência ao Estudante de Ensino Superior), é definido pela Subsecretaria de Planejamento e Orçamento do MEC - SPO/MEC.

A UFTM tem investido na compra de alguns desses materiais, desde que o Setor de Acessibilidade era ainda um ambiente organizacional da PROACE.

Os principais problemas para investimentos nessas tecnologias são:

- I. Identificar quais recursos o aluno necessitará, junto à dificuldade de aquisição, devido ao lento processo licitatório necessário para realizar as compras públicas. Nesses casos, é possível que, ao se identificar a necessidade do aluno, não haja mais tempo hábil para aquisição do patrimônio no ano corrente, o que acarreta em devolução da verba de capital, voltada para esse fim, ao Tesouro Nacional, ao fim de cada ano.
- II. Aparelhos de uso pessoal, como aparelhos auditivos, não podem ser adquiridos, pois, com a verba do tipo capital, apenas pode-se investir em patrimônios para a Universidade, e, nesse caso, o aparelho é especial para cada pessoa, não sendo útil para um novo usuário.
- III. A mudança constante das tecnologias. Nesses casos, um aparelho, que pode ter um alto custo, pode se tornar obsoleto em muito pouco tempo.

Por isso, já com alguns equipamentos adquiridos, o Setor de Acessibilidade tem realizado investimentos, nos últimos anos, em aparelhos mais genéricos ou que visam a produção/adaptação de materiais, como impressora Braille, computadores Desktop, notebooks e diversos tipos de scanners.

Atualmente, o setor conta com o seguinte patrimônio (ver Quadro 14):

Quadro 10: Lista de equipamentos para acessibilidade

Equipamento	Quantidade
Uso de servidores para produção/adaptação de material	
Computadores desktop	6
Impressora Braille	2
Impressora colorida	1
Impressora laser multifuncional com escaneamento automático frente e verso de até 99 páginas	1
Máquina fusora de relevos	1
Scanner automático	1
Scanners de mão	2
Scanners de mesa	5
Uso comum	
Bebedouros para cadeirantes e deficientes visuais	10
Bengalas Brancas de rastreio para deficientes visuais ¹⁷	40

¹⁷ Além da disponibilização aos alunos, servidores também as utilizam em projetos que incluem vivências como um dos métodos de sensibilização quanto às necessidades das pessoas deficientes, especialmente as deficientes visuais.

Equipamento	Quantidade
Computadores desktop	3

Uso de alunos	
Cadeiras de rodas	3
Cadeiras para obesos	20
Globo terrestre em Braille/alto relevo	1
Headphones	5
Kit de som subwofer	2
Kits Reglete, prancheta e punção para escrita Braille	2
Lupa em folha	1
Lupa horizontal	1
Lupas eletrônicas	4
Mapas mundi em alto relevo	2
Máquina Perkins Brailier	1
Netbooks	2
Notebooks	2
Software para escaneamento e leitura	2
Sorobã	1
Suporte para leitura	1
Teclado com caracteres ampliados	2
TVs monitor 32"	2

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

4.5 RECURSOS FÍSICO-ESTRUTURAIS

O Setor de Acessibilidade ocupa, atualmente, um pequeno espaço, dentro de uma sala particionada, que abriga também outros setores da PROACE (sala dos gestores, sala de reuniões da Pró-Reitoria, Setor de Auxílios a Estudantes, Recepção da PROACE e Secretaria da PROACE). Esse local se encontra na sala 230 do Centro Educacional da UFTM (Av. Getúlio Guaritá, 159, Uberaba/MG) e foi cedido à PROACE, desde o ano de 2012 (ver Figuras 2, 3, 4 e 5).

4.6 DOCUMENTOS INSTITUCIONAIS NORMATIVOS DO SETOR DE ACESSIBILIDADE E DE SUAS ATIVIDADES

Os atuais documentos institucionais, que deveriam regulamentar/nortear as ações do Setor de Acessibilidade, são o Regulamento da PROACE, que, como citado anteriormente, ainda é uma minuta, a ser aprovada pelo CONSU; registros de atividades dos ambientes organizacionais, em documentos emitidos para a PRORH; e editais semestrais que regem o Programa de Tutoria Inclusiva.

No caso do Regulamento Interno da PROACE, ainda em minuta, competiria ao Setor de Acessibilidades:

- I - Atendimento de Tradução e Interpretação de Libras / Português;
- II - Adaptação de materiais para arquivo digital acessível e/ou Braille para alunos cegos ou baixa visão;
- III - Elaboração de editais de seleção de Tutoria Inclusiva para apoio à acessibilidade;
- IV - Seleção e acompanhamento dos Tutores Inclusivos;
- V - Capacitação dos tutores inclusivos e comunidade interna UFTM, no que se refere à lida com pessoas com deficiência;
- VI - Cadastro e acompanhamento dos alunos com necessidades educacionais especiais na UFTM;
- VII - Criação de projetos de sensibilização e minimização de barreiras atitudinais;
- VIII - Consultoria ao departamento responsável pela infraestrutura da UFTM visando melhorias na acessibilidade estrutural da UFTM;
- IX - Criação e gerencia das salas de acessibilidade nas bibliotecas;
- X - Elaboração e gerenciamento de programas, projetos e ações de acessibilidade e inclusão (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, 2016c, p.7).

5 O TRABALHO PROPOSTO

Dado o crescente ingresso de pessoas com deficiência na UFTM, para que haja uma otimização do trabalho realizado pelo Setor de Acessibilidade dessa instituição, bem como melhor aproveitamento de seus recursos, é necessária uma análise do trabalho por ele realizado, inclusive considerando a atuação de outros setores para com a acessibilidade, além das percepções de alguns atores sobre o referido Setor, como os gestores, alunos atendidos e seus professores, focando especialmente na qualidade da atuação do Setor de Acessibilidade e dos resultados obtidos.

De acordo com a LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência):

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2015, p. 1).

5.1 JUSTIFICATIVA

A revisão da literatura, em artigos e trabalhos os quais tratam de estudos sobre os atendimentos, nas universidades, quanto à acessibilidade, apontou que não há um padrão de atendimento que norteie as ações das universidades, quanto ao atendimento/suporte aos alunos com deficiência. Além disso, cada instituição vivencia peculiaridades e conta com recursos (humanos, orçamentários, estruturais e tecnológicos) distintos. A análise técnica do Setor, na UFTM, permitirá evidenciar a realidade vivida nessa universidade e servirá de apoio para que, após novas análises e adaptações, outras instituições possam também otimizar suas ações e recursos.

5.2 OBJETIVOS

5.2.1 Objetivo Principal

Assim, este trabalho teve como objetivo principal, recorrendo a documentos institucionais, documentos oficiais, relatórios e entrevistas semiestruturadas, desenvolver um relatório técnico, a fim de compreender quais são e como são geridos os recursos para acessibilidade, na UFTM, sejam eles financeiros, humanos ou tecnológicos; como é a organização e responsabilidades dos setores envolvidos, quais as dificuldades enfrentadas e quais as ações estão sendo realizadas pelos setores relacionados, além dos resultados alcançados. No âmbito deste relatório, foram propostas melhorias que podem contribuir para a otimização dos recursos disponíveis e nortear as ações para garantir a acessibilidade a alunos com deficiência ou necessidades educacionais especiais.

5.2.2 Objetivos Secundários

Além disso, tendo em atenção o impacto social deste projeto, por visar o aperfeiçoamento e otimização dos serviços e recursos relacionados ao atendimento e aos apoios dirigidos aos estudantes deficientes e melhor norteamto/planejamento para investimentos futuros, as propostas oriundas deste trabalho poderão resultar em aprimoramento dos espaços de discussão sobre o tema; quebra de barreiras e preconceitos e melhoria das condições para a formação dos alunos com deficiência e/ou NEE, o que os tornarão profissionais mais produtivos na sociedade, além da disseminação do conhecimento adquirido.

PARTE II

COMPONENTE EMPÍRICA DO RELATÓRIO TÉCNICO

6 METODOLOGIA

6.1 TIPO DE ESTUDO

A pesquisa teve um objetivo descritivo, que foi realizado a partir de estudo de caso com pesquisa documental, e entrevista semiestruturada.

Enquanto na pesquisa bibliográfica a análise é feita a partir de estudos já realizados, na pesquisa documental são analisados dados obtidos a partir de documentos que registram fatos acontecidos (GIL, 2008).

Nesse sentido, a coleta de dados, quanto à pesquisa documental (documentos institucionais e relatórios), foi feita por meio de documentos administrativos, tais como: relatórios dos Tutores Inclusivos (TI); relatórios de gestão e relatórios de atividades do Setor de Acessibilidade, e demais setores que estavam envolvidos nas atividades realizadas, a fim de viabilizar a acessibilidade para pessoas com deficiência.

Por já haver relatório com registros das atividades e percepções dos TI, nesta pesquisa, esses documentos foram considerados como fala dos Tutores: como tal, eles serão analisados, apresentados e discutidos em conjunto com as entrevistas.

Para as entrevistas semiestruturadas, foi desenvolvido um roteiro constituído por perguntas principais e complementares, que visam aprofundar temáticas abordadas pelos entrevistados nas respostas às perguntas principais. Segundo Manzini (1990/1991, p.154), esse tipo de entrevista pode trazer dados de forma mais livre, além de as respostas não estarem limitadas a alternativas fechadas.

As entrevistas foram realizadas em três grupos focais: alunos atendidos (um representante para cada grande grupo de deficiência, sendo eles: Física, Sensorial - Visual, Sensorial - Auditiva, Mental/ Transtorno de Aprendizagem), professores desses alunos (um representante para cada aluno) e os gestores atuais do Setor de Acessibilidade da UFTM, considerando, para esse grupo, a Chefe do Setor de Acessibilidade e a Pró-Reitora de Assuntos Comunitários e Estudantis. No caso dos dois primeiros grupos, as pessoas foram escolhidas por meio de sorteio dentre as possibilidades para a entrevista. No caso do terceiro grupo, não foi considerada uma entrevista ao Diretor do Departamento de Assistência Estudantil e Serviços à Comunidade, por se tratar do autor desta pesquisa. Foram entrevistados, portanto, a

chefia do Setor de Acessibilidade, por estar diretamente ligada e à frente das ações realizadas pelo setor, e a Pró-Reitora em questão, que está hierarquicamente acima do diretor citado. As entrevistas tiveram seu conteúdo analisado, após realização de suas transcrições.

6.2 AS ENTREVISTAS

As entrevistas tiveram como objetivo principal saber a opinião dos entrevistados quanto ao apoio que seria necessário, se foi oferecido e qual tipo de apoio podia não ter sido suficiente ou não foi oferecido. Os entrevistados responderam a questões abertas relacionadas ao atendimento do setor. Suas respostas foram gravadas em áudio e depois transcritas na íntegra, para análise. Para isso, foi agendado dia e horário de melhor conveniência para os entrevistados, no Centro Educacional da UFTM, em sala reservada para a entrevista. As questões foram de fácil compreensão e os entrevistados estavam assistidos pelo pesquisador, durante todo o tempo. Para responder às questões, os entrevistados gastaram entre 10 e 25 minutos. Foi esclarecido, ainda, que esta pesquisa teria como benefício o aprimoramento do serviço prestado pelo Setor de Acessibilidade.

Para garantir a confidencialidade dos dados, os nomes dos entrevistados não aparecerão em qualquer momento do estudo, pois serão identificados com letras e/ou números.

6.3 PARTICIPANTES

Para a entrevista com os alunos, de acordo com informações prestadas pelo Setor de Acessibilidade, foi levantado o seguinte universo:

Quadro 11: Relação de alunos atendidos possíveis de serem entrevistados

Nº do aluno	Deficiência	Grupo de deficiência
1.	Física	Física
2.	Física	
3.	Física	
4.	Física	
5.	Física	
6.	Múltiplas (Física/cego)	
7.	Múltiplas (Física/cego)	Sensorial - Visual

8.	Visual/cego		
9.	Visual/cego		
10.	Visual/cego		
11.	Visual/cego		
12.	Visual/baixa visão e visão monocular		
13.	Visual/baixa visão		
14.	Visual/baixa visão		
15.	Auditiva/surdo		Sensorial - Auditiva
16.	Auditiva/surdo		
17.	Transtorno do Espectro Autista - TEA		Mental / Transtorno de Aprendizagem
18.	TDAH e Dislexia		

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

Visando a não identificação da identidade dos entrevistados e considerando que apenas um deles apresentava deficiência que poderia ser enquadrado no grupo "Mental" (TEA), foi considerado também, no universo de possíveis alunos a serem entrevistados, um aluno com Transtorno de Aprendizagem (TDAH e Dislexia); como um dos alunos apresentavam deficiências múltiplas, esse foi inserido em dois grupos ("Física" e "Sensorial"), sendo que, se fosse sorteado em um dos grupos, não seria considerado para o outro (o grupo sorteado primeiro foi o que apresentou mais opções de possíveis entrevistados).

Quanto ao grupo "Sensorial", foi, ainda, subdividido em "Sensorial - Auditiva" e "Sensorial - Visual", por se tratar do maior grupo atendido.

O grupo "Intelectual" não foi formado devido a não possuir integrantes.

O sorteio dos alunos foi realizado da seguinte forma:

- I. Os alunos foram divididos em quatro grupos de deficiência: Física, Sensorial - Auditiva, Sensorial - Visual e Mental / Transtorno de Aprendizagem.
- II. Os alunos receberam números de identificação (de 1 a 18)
- III. Um servidor da PROACE, da UFTM, escolheu um número entre os possíveis para cada grupo.

Os alunos sorteados para entrevista foram os de números 1, 11, 15 e 18.

Pretende-se com esta amostra de estudantes, os quais se enquadram em grandes grupos de deficiência, ter a maior abrangência possível, no que diz respeito à avaliação dos diferentes apoios prestados pela Universidade.

Para realizar as entrevistas com os professores que os atenderam, dentre os listados pelos próprios alunos, foi sorteado um professor de cada um dos quatro alunos.

Eles serão referidos nesse trabalho como P1, P2, P3 e P4, para que suas identidades sejam preservadas.

Os gestores serão identificados como G1 e G2.

Durante o processo de transcrição, os nomes dos alunos atendidos, bem como dos entrevistados foram suprimidos, além de o gênero dos alunos ou professores que foram citados, em alguns casos, alterados, para preservar a identidade dos envolvidos.

As falas do pesquisador e dos entrevistados foram identificadas com as letras P e E, respectivamente.

Dentre os trinta e sete TI que atuaram de 2016 a 2017 (desses, vinte e três com incentivos financeiros e doze como voluntários), foram considerados os relatórios de dez Tutores, devido ao conteúdo neles apresentado¹⁸. Neste trabalho, os Tutores serão identificados como T1, T2, T3, T4, T5, T6, T7, T8, T9 e T10.

6.4 INSTRUMENTOS

Para a realização das entrevistas, foram desenvolvidos roteiros especificamente ajustados a cada grupo de entrevistados: gestores, alunos e professores.

Assim, quanto aos roteiros das entrevistas feitas a gestores, alunos e professores:

O roteiro das entrevistas com gestores foi constituído de seis questões que solicitavam uma apresentação breve da estrutura do Setor de Acessibilidade, do tipo de estrutura ideal que esse Setor deveria ter e demandas, recursos e dificuldades que se apresentam ao Setor (ver Quadro 5).

Quadro 12: Roteiro da entrevista com gestores

Sequência	Questão
1.	Apresente brevemente a estrutura do setor de acessibilidade.
2.	Indique o tipo de estrutura que o setor de acessibilidade deveria ter.
3.	Você considera que as demandas apresentadas para apoio a pessoas com deficiência na universidade são devidamente atendidas?
4.	Quais são as principais dificuldades apresentadas pelo Setor de Acessibilidade?
5.	Além dos recursos (tecnológicos, financeiros e humanos) disponibilizados pelo Setor de Acessibilidade, você tem conhecimento de quais outros recursos são oferecidos para o aluno e de onde surgem esses recursos? Dê exemplos.
6.	Na sua opinião, qual/ais recurso/s deveria/m ser priorizado/s para

¹⁸ Os outros relatórios apresentavam apenas relatos operacionais das atividades, como capítulos e páginas de material adaptado, ou conteúdo muito próximo dos que foram efetivamente considerados.

Sequência	Questão
	melhor atendimento aos alunos com necessidades especiais?

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

No roteiro da entrevista com os alunos atendidos, as seis questões que o compunham tinham como objetivos: saber se o aluno se declarou como deficiente desde o ingresso na universidade; quais suas necessidades, quanto às questões acadêmicas, em virtude da deficiência; como foi seu trajeto acadêmico até a Universidade; de onde surgem os apoios recebidos e se são suficientes ou eficazes. (ver Quadro 6).

Quadro 13: Roteiro da entrevista com alunos atendidos pelo Setor de Acessibilidade

Sequência	Questão
1.	Sua deficiência foi declarada no ato da matrícula? Por quê?
2.	Quais suas necessidades para superar a deficiência quanto à questão acadêmica?
3.	Essas necessidades foram supridas durante o ensino fundamental e médio? De que maneira?
4.	Essas necessidades foram ou estão sendo supridas durante o ensino superior? De que maneira?
5.	Caso haja ou tenha havido algum tipo de apoio/suporte durante o ensino superior, de onde esse apoio partiu?
6.	Você considera que todo o apoio que poderia ser dado foi oferecido?

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

Já o roteiro das entrevistas com professores dos alunos atendidos pelo Setor de Acessibilidade foi elaborado com quatro perguntas, que identificavam qual o tipo de deficiência, quanto à questão acadêmica, foi identificado nos alunos atendidos; se houve necessidade de reelaborar o planejamento das aulas e de que maneira; além de identificar se, na opinião do docente, todo o apoio necessário foi dado e de que maneira. (ver Quadro 7).

Quadro 14: Roteiro da entrevista com professores dos alunos atendidos pelo Setor de Acessibilidade

Sequência	Questão
1.	Qual/ais tipo/s de deficiência/s quanto à questão acadêmica você pôde identificar no/s aluno/s atendido/s?
2.	Você teve que reelaborar o planejamento das aulas devido à/s necessidade/s do/s aluno atendido/s? Dê exemplos
3.	Qual/ais tipo/s de apoio/s foi/ram recebido/s para atendimento ao/s aluno/s?

Sequência	Questão
4.	Você considera que todo o apoio que poderia ser dado foi oferecido? Dê exemplos

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

6.5 TRATAMENTO DOS DADOS COLETADOS PELAS ENTREVISTAS E RETIRADOS DOS RELATÓRIOS DOS TUTORES INCLUSIVOS

Após a transcrição completa de todas as entrevistas, bem como dos trechos selecionados dos relatórios dos TI (os quais, em sua maioria, eram manuscritos), esses dados foram analisados, a fim de identificar as respostas / comentários apresentados.

Após essa identificação, as respostas e os comentários foram organizados em temáticas, que refletem a avaliação que gestores, alunos atendidos, professores desses alunos e TI fazem a respeito do Setor de Acessibilidade da UFTM e atividades relacionadas. Essas temáticas identificadas correspondem às diferentes seções desenvolvidas na apresentação de resultados.

7 RESULTADOS

7.1 OS ESPAÇOS E AÇÕES DO SETOR DE ACESSIBILIDADE

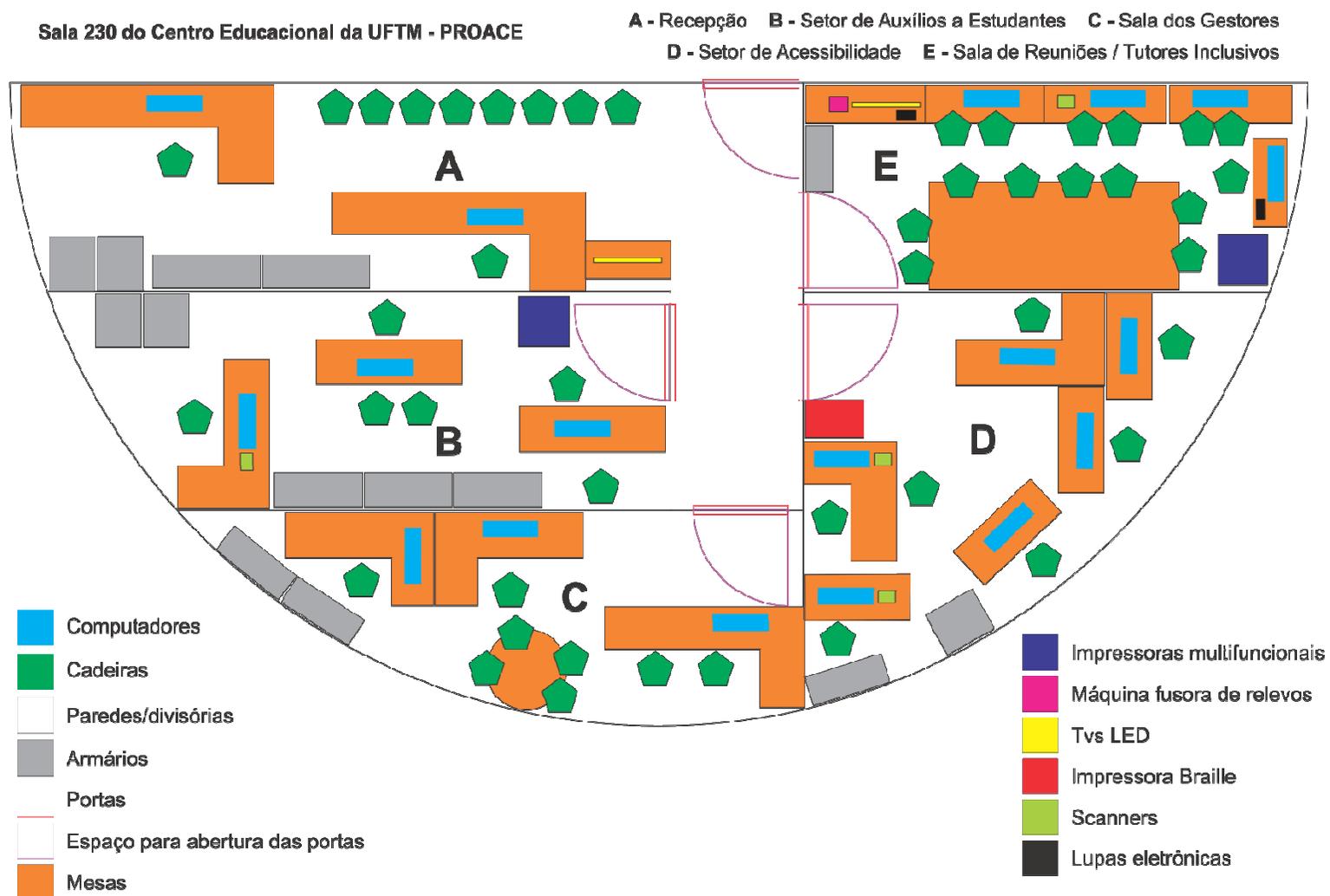
7.1.1 Os espaços de trabalho do Setor de Acessibilidade

Desde que a Proace ocupou os espaços onde atualmente tem as suas instalações, os setores dessa Pró-Reitoria cresceram, tanto quanto às atividades desempenhadas, quanto em relação ao número de servidores e equipamentos. Tal realidade deixou o espaço inadequado para o setor, se observarmos os seguintes pontos:

- I. a sala não comporta todos os equipamentos e servidores/colaboradores do setor, havendo necessidade de parte desses equipamentos e colaboradores¹⁹ estarem instalados/realizando suas atividades em sala destinada às reuniões da Pró-Reitoria;
- II. a sala compartilhada por vários servidores do setor, com atividades diferentes, implica prejuízos na execução das atividades que necessitam de concentração, como é o caso da revisão dos textos adaptados;
- III. a sala não é acessível a alunos cadeirantes por falta de espaço para a passagem das cadeiras de rodas;
- IV. as divisões da sala 230, para atender os setores da PROACE, não possuem vedação acústica, o que implica prejuízos em trabalhos que exigem confidencialidade ou concentração, tanto para o Setor de Acessibilidade, quanto para os demais setores ali instalados. Destaca-se, ainda, que a utilização da impressora Braille gera grande poluição sonora;
- V. os TI não possuem um local próprio para o atendimento aos alunos deficientes (geralmente, utiliza-se a sala de reuniões da Pró-Reitoria, o que gera grande desconforto, quando há necessidade de outros atendimentos ou outras atividades simultâneas naquele ambiente).

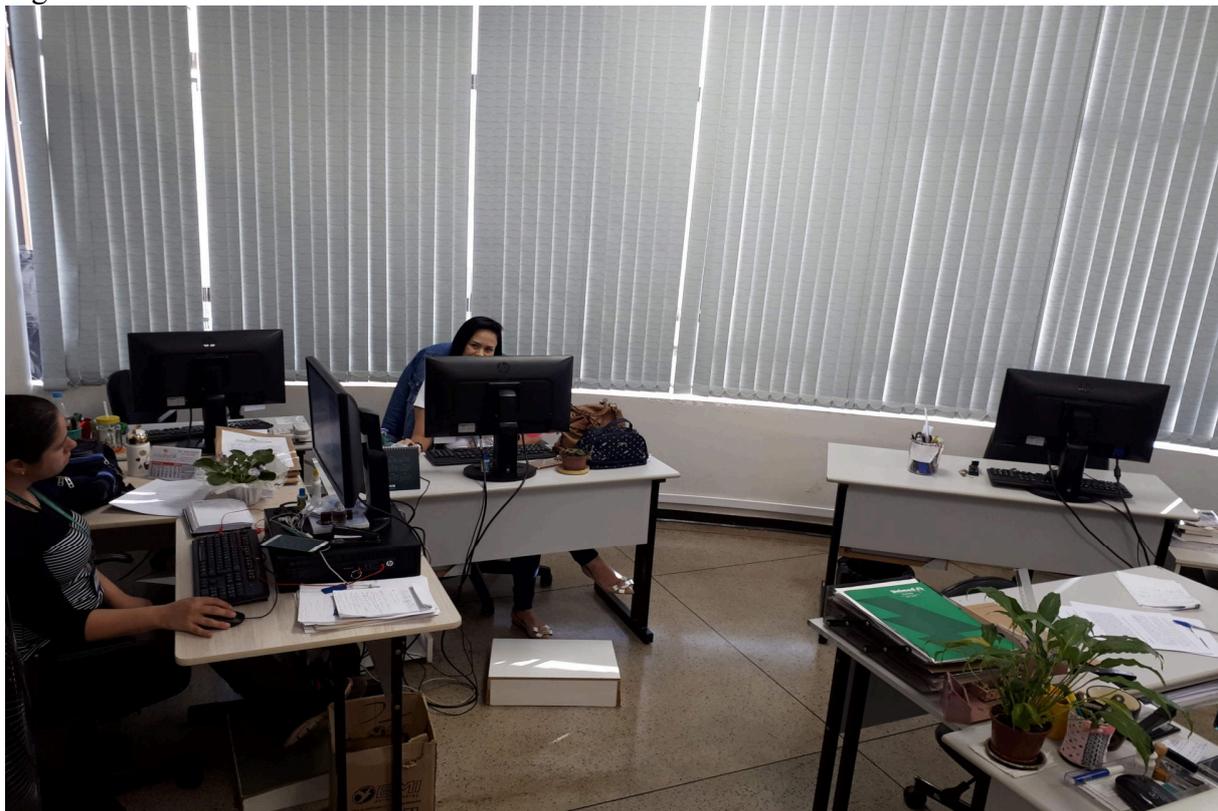
¹⁹ Tutores Inclusivos

Figura 2: Layout da sala 230 do Centro Educacional/UFTM - PROACE.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

Figura 3: Foto 01 - sala do setor de acessibilidade



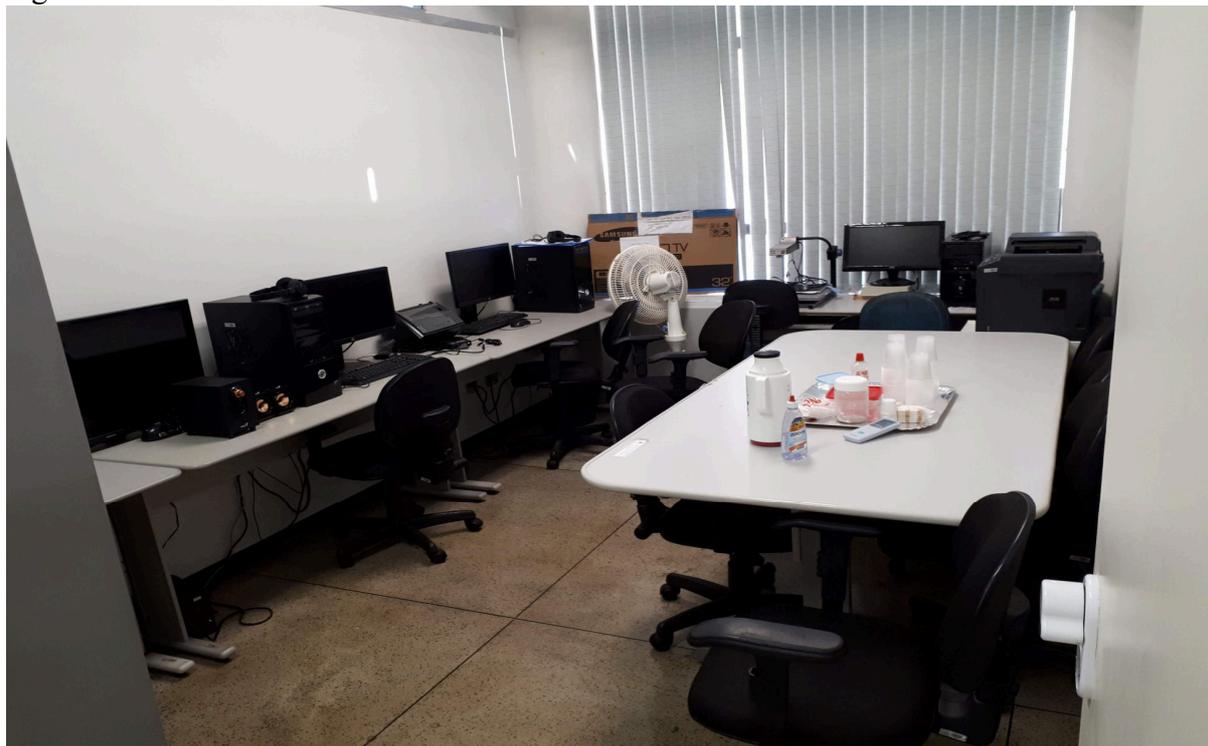
Fonte: Do autor, 2018.

Figura 4: Foto 02 - sala do setor de acessibilidade



Fonte: Do autor, 2018.

Figura 5: Foto 03 - sala de reuniões / tutores inclusivos



Fonte: Do autor, 2018.

7.1.2 Programas e atividades desenvolvidas pelo Setor de Acessibilidade

O Setor de Acessibilidade, atualmente, realiza o acolhimento dos alunos com deficiências e/ou necessidades educacionais especiais (NEE), executando diversas atividades próprias do setor, como adaptação de material para os alunos com deficiência visual e acompanhamento de alunos e professores com deficiência auditiva, por meio do trabalho dos tradutores/intérpretes de LIBRAS. Outras podem ainda ser realizadas exclusivamente pelo setor ou em parceria/colaboração com outros setores, principalmente aqueles que também fazem parte da PROACE (Divisão de Serviço Social, Serviço de Acompanhamento Pedagógico, Núcleo de Assistência Estudantil em Saúde e Setor de Auxílios a Estudantes), fornecendo o apoio necessário a alunos com diversas deficiências/NEE, para que possam desenvolver as suas atividades acadêmicas. No caso da Divisão de Serviço social, a colaboração, geralmente, vem por meio de acolhimento e orientações quanto a questões sociais e/ou econômicas as quais os alunos possam demandar.

Para além dessas, o setor realiza, ainda, algumas parcerias com outras instituições em cursos de capacitação, como os cursos de "Orientação e Mobilidade" e "Baixa Visão: enfoque pedagógico", realizados em 2014, em parceria com o Instituto de Cegos do Brasil Central (ICBC), e eventos em parceria com o Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM) e Associação Nacional de Educadores Inclusivos (ANEI BRASIL).

No quadro seguinte (Quadro 15), podemos verificar o grande crescimento de atendimentos em interpretação em LIBRAS e adaptação de material para deficientes visuais, entre os anos de 2014 e 2017:

Quadro 15: Crescimento de atendimento - atendimento em LIBRAS/ adaptação de material para deficiência visual - 2014/2017

Demandas	2014	2017
Tradução e interpretação de LIBRAS	134 h	1258 h
Materiais adaptados para deficiência visual	81	241 ²⁰

Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, 2018b, p.49.

O setor vem participando, ainda, efetivamente, de diversos eventos relacionados à inclusão, como:

²⁰Esses 241 materiais representam adaptação de 6.610 páginas

I. I e II Simpósio sobre Educação Inclusiva em Minas Gerais: "A Educação como Ferramenta para a Geração de Trabalho e Renda"; e

II. II Encontro Mineiro de Núcleos de Inclusão: "A Educação Profissional e a Lei Brasileira de Inclusão (n. 13.146/2015)", realizado pela ANEI BRASIL e a UFTM

Também fazem parte das atividades do setor, a execução e participação em vários projetos relacionados à acessibilidade e inclusão, e contribuições, tanto no HC-UFTM, quanto à comunidade externa à UFTM.

Dos Programas e Projetos, segundo relatórios de gestão do Setor de Acessibilidade:

Figura 6: Identidade visual - Tutoria Inclusiva



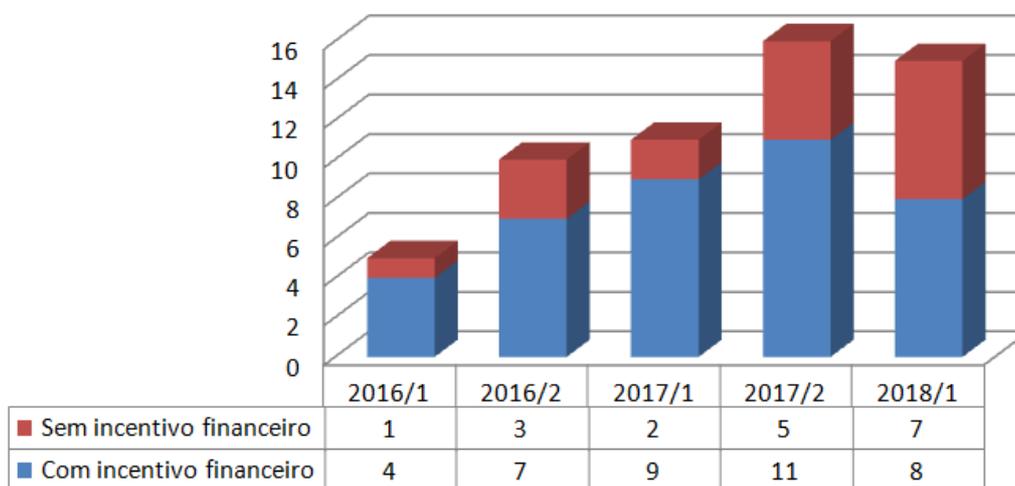
Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, 2018b, p.53.

O Projeto Tutoria Inclusiva (ver Figura 6) foi iniciado no primeiro semestre de 2017. Sempre regido por editais semestrais, e seleciona alunos para atuarem como TI, que atendem outros alunos com deficiência e/ou NEE. Os TI podem ser selecionados e atuarem, sem ou com incentivo financeiro, que tem atualmente o valor duzentos e cinquenta reais mensais. Ao final de cada semestre, todos os TI que cumpriram as atividades, de acordo com o previsto, recebem certificação, podendo, assim, apresentarem-nas como Atividades Complementares de Curso (ACC).

De 2016 ao primeiro semestre de 2018, foram ofertadas as seguintes quantidades de vagas para TI, em Uberaba (ver Gráfico 4):

Gráfico 4: Quantidade de vagas ofertadas para tutores inclusivos por semestre - 2016 a 2018/1

Quantidade de vagas ofertadas para Tutores Inclusivos por semestre



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

As atividades desempenhadas pelos tutores para com os alunos atendidos não possuem cunho acadêmico, mas sim operacional. Os TI desempenham atividades que facilitam/possibilitam o melhor aproveitamento do curso pelos alunos atendidos, como leitura oral de textos, digitação, adaptação de material didático, identificação e organização de material e suporte à informática. Alunos deficientes ou com NEE, apesar de ainda não ter acontecido²¹, também podem se candidatar a TI.

Dessa maneira, a Tutoria Inclusiva atua em três principais vertentes:

- I. aproximação do aluno atendido com outros alunos;
- II. construção de valores éticos e experiências sociais aos alunos Tutores, que vivenciam as necessidades dos alunos atendidos e se tornam mais sensíveis à acessibilidade e diversidade;
- III. atendimento ao aluno deficiente/ou com NEE, proporcionando uma força de trabalho, além da ofertada pelos servidores do setor.

²¹ Talvez porque o tempo de estudo para esses alunos, geralmente, deve ser maior, se comparado aos demais, refletindo em menos tempo livre para que consigam atuar como Tutores Inclusivos.

Figura 7: Identidade visual - Outros Olhos



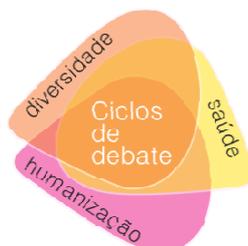
Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, 2018b, p.53.

Iniciado também no ano de 2017, o Projeto Outros Olhos (ver Figura 7) tem como objetivo melhorar a interação das pessoas com deficiência, nos espaços da UFTM, por meio de vivências. Embora a vivência realizada no projeto refira-se à cegueira, ela sensibiliza as pessoas que participam com relação à deficiência em geral. São convidadas também a participar da execução do projeto as pessoas cegas que frequentam e utilizam os serviços do Setor de Acessibilidade e os TI. A programação das ações do Projeto é feita por meio de demandas solicitadas ao Setor de Acessibilidade ou por ele identificadas.

Segundo Silveira e colaboradores, ao referenciar o projeto em artigo:

Acreditamos que o projeto concorrerá para a valorização da diversidade tão preconizada na educação inclusiva, visto que, a acessibilidade atitudinal é fundamental para a compreensão do outro e de si, além de contribuir para que as instituições de ensino sejam espaços mais democráticos. Dessa forma, o projeto se justifica por oportunizar a vivência da alteridade no contato com a pessoa cega, proporcionando aos acadêmicos o pensar e discutir a inclusão, e desmitificar pensamentos preconcebidos sobre a cegueira, colaborando efetivamente para a eliminação das barreiras atitudinais que existem no contexto universitário (SILVEIRA et al., 2016, p. 3).

Figura 8: Identidade visual - Ciclos de Debates Sobre Educação, Diversidade, Humanização e Saúde



Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, 2018b, p.53.

O Projeto Ciclos de Debates Sobre Educação, Diversidade, Humanização e Saúde (ver Figura 8) foi elaborado para atender especificamente os cursos técnicos de Enfermagem e Análises Clínicas, porém, pode ser estendido a qualquer outro curso da Universidade. Tem como objetivo proporcionar um ambiente de debates com temas que contribuirão para formação e atuação dos futuros profissionais com os pacientes. As atividades do Projeto baseiam-se em interação e palestras, de modo que esses alunos sejam acolhidos e que as atividades somem em seus processos de aprendizagem.

Figura 9: Identidade visual - Setembro Azul



Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, 2018b, p.53.

O Projeto Setembro Azul da UFTM²² (ver Figura 9) objetiva valorizar a língua e cultura da comunidade surda. Sua execução baseia-se em palestras e atividades com a comunidade surda da região, de modo a aproximá-los da Universidade e incentivá-los ao ingresso nos cursos ofertados, além da contribuição dessa comunidade para a Universidade por meio do convívio social, das atividades e temas debatidos.

Figura 10: Identidade visual - Rodas de Conversa



Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, 2018b, p.53.

O projeto Rodas de Conversa (ver Figura 10) - Como o Mundo vê a Inclusão e Como nós podemos ver a Inclusão - objetiva criar contextos propícios ao debate de temas diversos ligados à inclusão de forma geral, como distúrbios de aprendizagem, deficiências, gênero e sexualidade, imigração, distúrbios de saúde física e emocional, grupos étnicos e raciais, diferentes faixas etárias dos alunos na universidade, entre outros. As rodas de conversa são estruturadas por servidores do Setor de Acessibilidade

²²O nome do Projeto carrega a palavra Setembro, pois é o mês em que se comemora o dia do surdo.

e outros servidores da PROACE, convidados especiais envolvidos com o tema a ser debatido, e um mediador. Os encontros do Projeto são abertos à participação do público interno e externo à Universidade.

7.1.3 Integração com outros setores e profissionais

Para fortalecer os serviços que visam acessibilidade aos alunos deficientes e/ou com NEE, o Setor de Acessibilidade vem desempenhando algumas de suas atividades em parcerias com outros setores e profissionais, como exemplo, o PAOANEE, Monitoria Inclusiva, Setor de Auxílios a Estudantes e serviços de atenção à saúde ofertados/encaminhados por meio do Núcleo de Atenção Estudantil em Saúde - NAES.

Figura 11: Identidade visual - PAOANEE



Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, 2018b, p.53.

A princípio, o PAOANEE (ver Figura 11) consiste no acolhimento do aluno com deficiência e/ou NEE, visando conhecer seu histórico, condições e necessidades educacionais, para que os possíveis encaminhamentos e/ou demandas de apoio sejam geradas/realizadas. Segundo cartilha publicada no ano de 2014, pela PROACE, como ações gerais, cabem ao Programa:

As ações gerais do Programa são:

- analisar e emitir relatório sobre a acessibilidade dos ambientes da UFTM que serão frequentados pelo aluno;
- informar ao curso as condições e necessidades do aluno;
- adquirir equipamentos necessários à aprendizagem do aluno com Necessidades Educacionais Especiais - NEE;
- realizar adaptação de material didático;
- colaborar na promoção de cursos de capacitação para servidores e de atividades científicas relacionadas ao tema (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, 2014, p. 2).

Atualmente o programa funciona apenas como um acolhimento e primeiro parecer quanto às necessidades dos alunos atendidos. O serviço de acolhimento é realizado e concentrado em uma única servidora, fisioterapeuta, lotada no NAES, responsável pela criação do Programa e acompanhamento dos alunos com

deficiência/NEE, desde antes mesmo da criação da PROACE, devido à sua formação, de graduação e Mestrado em Educação Especial, e interesse quanto ao tema.

Foram encontrados documentos que se referem ao acolhimento e acompanhamento dos alunos, desde o ano de 2010, entretanto, nenhum documento formal de registro ou normatização do Programa.

Uma dessas referências está no "Relatório da implementação da acessibilidade do estudante com necessidades educacionais especiais na UFTM", de 2014:

Entre 2010 e 2013 passaram pelo PAOANEE 39 alunos, dentre deficiência auditiva (8), deficiência física (11), transtornos de aprendizagem (11), deficiência múltipla (2), transtorno psiquiátrico (2) e deficiência visual (7). Desses alunos, 26 estão matriculados e 6 concluíram seu curso. Houve 1 abandono, 8 trancamentos e 2 transferências. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, 2014)

A maioria das atividades desempenhadas pela servidora do NAES, antes da criação do Setor de Acessibilidade, foram transferidas ao Setor, a partir de sua criação, mantendo ainda o acolhimento dos alunos, salvo durante períodos em que se encontrava afastada do trabalho.

Nem todos os alunos acolhidos pelo PAOANEE são atendidos pelo Setor de Acessibilidade, apenas os que declaram necessitar de algum tipo de apoio, durante o acolhimento, ou aqueles que procuram o setor posteriormente, por livre iniciativa ou encaminhamentos de outros setores/profissionais. Para exemplificar a demanda de acolhimentos do PAOANEE, podemos observar o quadro referente aos atendimentos, no ano de 2017 (Quadro 16):

Quadro 16: Quantidade de alunos acolhidos pelo PAOANEE - 2017

Nº DE ALUNOS ACOLHIDOS PELO PROGRAMA DE ACESSORIA E ORIENTAÇÃO AOS ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS (PAONAE)	
Necessidade Específica	Nº Alunos Integrantes do PAOANEE – 2017
Física	03
Visual	05
Transtornos Psicológicos	09
Distúrbios de Aprendizagem	14

Auditiva	05
Intelectual leve	01
Neurológica (?) * aluno não entregou laudo.	01
Total	38

Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, 2018b, p.49. Adaptado pelo autor, 2018.

Observamos, a partir desse quadro e informações relatadas pelo "Relatório da implementação da acessibilidade do estudante com necessidades educacionais especiais na UFTM", de 2014, que a quantidade de alunos atendidos pelo PAOANEE entre 2010 e 2013 é praticamente igual à quantidade de alunos atendidos apenas em 2017.

Figura 12: Identidade visual - Monitoria Inclusiva



Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, 2018b, p.53.

O Programa de Monitoria Inclusiva (ver Figura 12), conduzido pelo Serviço de Acompanhamento Pedagógico, é uma alternativa a uma modalidade individualizada de acompanhamento do aluno com deficiência/NEE. Esse programa consiste na seleção de alunos, de acordo com editais semestrais que o regulamenta. Com uma proposta próxima à da Tutoria Inclusiva, a Monitoria se difere principalmente quanto a três questões:

- I. o aluno Monitor Inclusivo contribui de maneira pedagógica, auxiliando o aluno atendido no conteúdo das disciplinas ministradas pelos professores;
- II. o Monitor Inclusivo necessita de um professor orientador (responsável pela matéria a qual dará suporte ao aluno atendido);
- III. o Monitor Inclusivo deve já ter cursado a matéria com a qual irá auxiliar o aluno atendido.

Para ser inserido no programa e receber a Monitoria Inclusiva, o aluno com deficiência/NEE, deve, necessariamente, ter sido acolhido pelo PAOANEE. Caso seja necessária produção/adaptação de material pedagógico para as monitorias, a demanda é encaminhada para o Setor de Acessibilidade, que a atende por meio de seus servidores ou TI.

Os Monitores Inclusivos, assim como os TI, podem realizar suas atividades em duas modalidades, com ou sem incentivo financeiro. De 2011 a 2015, os recursos para a Monitoria Inclusiva eram oriundos do Programa de Monitoria conduzido pela Pró-Reitoria de Ensino (PROENS). A partir do ano de 2016, parte da verba do PNAES foi destinada para atender essa necessidade.

Figura 13: Identidade visual - Programa de Auxílios Financeiros



Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, 2018b, p.53.

O Programa de Auxílios Financeiros da Assistência Estudantil (ver Figura 13) tem suas ações baseadas, principalmente, no decreto do PNAES.

São oferecidos, atualmente, quatro modalidades de auxílios, sendo eles: Auxílio Alimentação, Auxílio Transporte, Auxílio Moradia e Auxílio Acadêmico²³.

No caso do Auxílio Acadêmico, os alunos devem dedicar, segundo Regulamento do Programa de Auxílios da Assistência Estudantil da UFTM, aprovado pelo CONSU, e edital anual, que regem o programa, dez horas semanais de atividades em projetos de extensão universitária, pesquisa, estágio profissional ou outras atividades vinculadas às áreas estratégicas da assistência estudantil.

Baseado nisso, os alunos inseridos, sem incentivo financeiro, tanto no Programa de Tutoria Inclusiva, quanto Monitoria Inclusiva, desde que a eles tenha sido concedido o Auxílio Acadêmico, podem recebê-lo por atividades desenvolvidas como Tutores ou Monitores Inclusivos, uma vez que os Programas são registrados como atividades de Extensão na PROEXT e/ou correspondem a atividades vinculadas às áreas estratégicas da assistência estudantil.

²³ Implementado em 2013, o auxílio era antes referido como Auxílio Permanência. No ano de 2016, para não causar confusões aos alunos, o referido auxílio foi renomeado para Auxílio Acadêmico, pois o MEC também apresentou um programa de bolsas com o mesmo nome "Programa de Bolsa Permanência - PBP", em 2014.

7.2 UM RETRATO PARCIAL DO SETOR, SEGUNDO INFORMAÇÕES PRESTADAS PELOS GESTORES À PRORH

Um importante documento, registrado em formulário da PRORH, preenchido pela PROACE, a respeito do Setor de Acessibilidade, e encaminhado em agosto de 2017, apresenta uma visão parcial dos gestores quanto ao setor. Nele, podemos destacar os seguintes quadros (Quadro 17):

Quadro 17: Perfil de ambiente organizacional - Setor de Acessibilidade - 2017

PRODUTOS FINAIS (Serviços, Atendimentos, Produção, Assistência, etc.)			
REF	ESPECIFICAÇÃO	A	P
1	Atendimento de Tradução e Interpretação de Libras / Português	X	
2	Adaptação de materiais para arquivo digital acessível e/ou Braille para alunos cegos ou baixa visão	X	
3	Seleção e acompanhamento dos Tutores Inclusivos	X	
4	Cadastro e acompanhamento dos alunos com necessidades educacionais especiais na UFTM	X	
5	Criação de projetos de sensibilização e minimização de barreiras atitudinais	X	X
6	Consultoria ao departamento responsável pela infra-estrutura da UFTM visando melhorias na acessibilidade estrutural da UFTM	X	
7	Criação e gerencia das salas de acessibilidade nas bibliotecas	X	
A – Atual P – Previsto			

FUNÇÕES (Operacionalização: o que é feito para alcançar os produtos – <i>Atividades Rotineiras</i>)			
REF	ESPECIFICAÇÃO	A	P
1	Manter diálogo entre os diversos setores da UFTM para melhoria da acessibilidade	X	
3	Realizar reunião de setor para unir a equipe e compartilhar informações	X	
4	Atender às solicitações de Tradução e Interpretação de LIBRAS considerando as prioridades	X	
5	Atender às solicitações de adaptação para textos acessíveis considerando as prioridades	X	
6	Atender as demandas de impressões em Braille considerando as prioridades	X	
7	Criar e gerenciar projetos que visem minimização das barreiras atitudinais	X	X
8	Manter contato com os alunos com necessidades educacionais especiais	X	
9	Elaborar editais de seleção de Tutoria Inclusiva para apoio à acessibilidade	X	
10	Acompanhar as atividades dos tutores inclusivos	X	
11	Oferecer capacitações aos tutores inclusivos e comunidade interna UFTM	X	X
12	Oferecer e atender atividades de acessibilidade e inclusão no campus Iturama/MG		X
Legenda: A - Atual / P - Proposto			

CONFORMIDADE A FATORES DE DESEMPENHO		
REF	FATORES	NÍVEL
1	Condições Ambientais (Iluminação, ventilação, etc.)	M
2	Condições Funcionais (5S)	M

3	Automação de Processos	M
4	Padronização do Trabalho (Normas)	B
5	Padronização das Tarefas (POP)	B
6	Informatização (Sistemas, redes, etc.)	M
7	Competências Aplicáveis (Em relação às requeridas*)	M
8	Jornada de Trabalho	A
NÍVEIS DE CONFORMIDADE		
I – Inaplicável N – Nenhuma B – Baixa M – Média A – Alta		

Outras informações que julgar necessárias:

O Núcleo de Acessibilidade é um setor novo e o próprio atendimento para as necessidades educacionais especiais na UFTM são recentes e com certeza ainda é necessário muito aperfeiçoamento e ampliação, todavia está sendo feito um trabalho compatível com as demandas solicitadas. Algumas atividades são realizadas, mas precisam de ampliação. Ainda encontramos que o quadro atual de servidores precisa ser ampliado com profissionais diversos para atuar com acessibilidade e inclusão, tais como Terapeuta Ocupacional, psicopedagogo, entre outros. O campus Iturama/MG ainda necessita formar uma equipe para esses atendimentos.

Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, 2017c.

Percebe-se, nas informações prestadas, nesse formulário:

- I. a preocupação do setor com as necessidades para ampliação e qualidade dos atendimentos ao público;
- II. ciência da necessidade de trabalho conjunto com outros setores;
- III. ciência de que as condições do setor não são as ideais, pois, dos fatores avaliados, nenhum conseguiu avaliação superior a M (Médio), a não ser "Jornada de Trabalho";
- IV. embora evidente em análise anterior desse trabalho, não foi destacado, nesse documento, o espaço físico predial inadequado para execução das atividades do setor.

Em relação aos editais semestrais que regem o Programa de Tutoria Inclusiva, são sempre encaminhados à Procuradoria Federal, na UFTM, para parecer quanto a seu conteúdo e metodologia e, após orientações, se houver, essas são seguidas e o edital é publicado no site da UFTM (<http://www.uftm.edu.br/bolsas>). Tais documentos regulamentam, tanto a seleção dos tutores, quanto valores a serem pagos, carga horária e período das atividades a serem desempenhadas.

Cabe ressaltar, ainda, que, apesar de não ter um regulamento aprovado pelo CONSU, como o Programa de Auxílios Financeiros, as ações da Tutoria Inclusiva fazem parte de um programa maior, o Programa de Promoção e Efetivação da Acessibilidade e Inclusão (PROPEACI), devidamente registrado na PROEXT.

7.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Para chegar à percepção dos envolvidos, neste trabalho, foram considerados, conforme já mencionado:

- I. gestores do setor: Pró-Reitora da PROACE (como gestora, principalmente, estratégica das ações do setor) e Chefia do Setor de Acessibilidade (como gestora, principalmente, coordenadora e elaboradora das atividades desenvolvidas pelo setor);
- II. alunos atendidos pelo setor;
- III. Professores dos alunos atendidos pelo setor;
- IV. TI, por desempenharem papel fundamental junto ao Setor, como recurso humano, na execução de atividades, em contato direto com o aluno deficiente ou com NEE durante sua vida acadêmica e/ou na adaptação de material didático/pedagógico.

Apenas esses grupos foram elencados, por considerar o atendimento aos alunos como a principal atividade do setor, além de o presente trabalho se tratar da abordagem no âmbito da Assistência Estudantil, embora o setor coopere também com atendimentos à comunidade externa, HC e diversos outros setores da UFTM.

O resultado das entrevistas, bem como da análise dos relatórios dos TI, ratifica e exemplifica algumas das questões levantadas por meio dos documentos analisados neste trabalho, além de trazer algumas outras percepções.

7.3.1 Necessidades de investimento nos recursos do Setor de Acessibilidade.

A análise dos recursos existentes no Setor de Acessibilidade da UFTM, anteriormente apresentada, indicou que o Setor possui, apesar da grande necessidade de investimentos, uma estrutura física, equipamentos e pessoas para levar a bom termo as tarefas que lhe são confiadas. No entanto, na fala dos gestores, ficou bem patente que uma grande dificuldade do Setor se refere aos Recursos Humanos, considerados escassos, pois com mais servidores lotados no Setor

[...] a gente poderia estar atendendo esse aluno de forma melhor, né?! [G1]

[...] a gente não tem estrutura ideal ainda, por que nós temos poucos servidores, né, para atender um número grande de alunos. [G2]

Para além disso, não se trata apenas de o Setor ter mais pessoas, mas ter também pessoas com diferentes qualificações,

... com uma equipe multiprofissional que pudesse dar outros atendimentos, além dos que a gente oferece hoje... [...] com uma variedade de profissionais mais adequada para os atendimentos. [G1]

Ainda segundo os gestores, se o Setor de Acessibilidade contasse com

[...] uma equipe maior a gente poderia fazer uma parceria maior com os professores, a fim de que, dentro de sala de aula, esse aluno também tivesse um atendimento adequado, coisa que a gente hoje não tem condição de fazer, por conta da restrição do número de pessoas da equipe. [G1]

Dada a importância da Tutoria Inclusiva, o investimento em recursos humanos deveria considerar também aumentar o número de Tutores, pois

Para garantir maior eficácia da tutoria, abrir mais vagas p/ os tutores [T10]

Evidenciando o que já estava constatado na análise do espaço físico-estrutural do setor, a insuficiência de espaço foi referida, pois, quanto à

[...] estrutura física, a gente tem uma sala, que fica dentro da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis [G1].

Sala essa, cujo espaço é considerado insuficiente:

Hoje é uma sala que não cabe todos os servidores e todas as atividades que a gente realiza [G1]

Assim, a escassez de pessoal e de espaço são questões interligadas:

O ideal seria que a gente tivesse uma equipe maior, com condições de se capacitar e a gente tivesse um espaço maior, também. [G1]

No entanto, a necessidade de espaço não se prende apenas ao espaço de trabalho para a equipe, mas também a um espaço adequado para melhor atendimento dos alunos e disponibilização dos equipamentos, nomeadamente

[...] um lugar onde a gente tivesse espaço para estudo independente, que os alunos tivessem livre acesso, inclusive alunos com cadeira de rodas, e estrutura física para acolher todos os servidores que a gente tiver. [...] Além de ter uma estrutura adequada, para que esse aluno tenha um espaço de estudo, um espaço de convivência para poder trabalhar Monitoria Inclusiva, Tutoria Inclusiva... [G1]

Deste modo, torna-se necessário

[...] investir em equipamentos e materiais didáticos p/ a inclusão desse aluno. [T10]

[E em] recursos tecnológicos, que são fundamentais [G1]

Porém, hoje, como a estrutura disponível não comporta adequadamente os equipamentos do Setor, também seria necessário, portanto, uma

[...] sala maior para abrigá-los. [T10]

7.3.2 Relação entre alunos

A convivência e apoio entre os alunos foi retratada em alguns momentos como algo que precisa ser trabalhado. A boa convivência e apoio dos colegas de classe são importantes aspectos que podem incentivar o aluno a superar as dificuldades encontradas.

Na fala do P2, isso pode ser constatado ao se referir a um aluno que teve bom desempenho acadêmico, pois

Os colegas de turma dele sempre foram colegas bem atenciosos. [P2]

No entanto, essa vivência em outros casos é percebida como ponto negativo pelos alunos com deficiência/NEE.

Tive apoio sim. Todo o apoio que eu precisei. Mas eu estou falando aqui agora a respeito do apoio que às vezes eu sentia falta dos meus próprios amigos, em sala de aula, que às vezes, eu não sentia tanto apoio, a não ser dessa minha amiga, né. [Aluno 3]

E isso também foi observado por TI, nomeadamente:

[...] alguns colegas de sala o tratam diferente e muitas vezes não querem ter contato com ele, e o aluno sente essa diferença de tratamento. Temos dificuldades em fazer trabalhos em grupo, visto que a maioria não quer estar no mesmo grupo que o [aluno deficiente]. [T2]

7.3.3 Relação dos alunos com os professores

A dificuldade de relacionamento estende-se também na relação aluno/professor por meio de barreiras atitudinais, sendo necessária a constante

[...] concientização e quebra de padrões preconceituais sob os alunos/professores que não sabe lidar com a diversidade. [T9]

de modo a combater a exclusão do aluno com deficiência/NEE

[...] em sala de aula devido suas limitações, ou ainda, a falta de compreensão dos próprios professores referente a dificuldade de aprendizagem do aluno. [T8]

incluindo certa

[...]convenção institucional que cria algumas barreiras atitudinais [...] [G1],

pois,

[...] com os professores, existe uma resistência, mesmo que de forma velada, mas existe uma resistência por parte dos professores e dos colegas de classe, da aceitação desse aluno. [G1]

Tal situação, também foi constatada por Santos (2009), em sua pesquisa, que alerta quanto à situação:

Se o docente universitário não acredita que o aluno com deficiência é capaz de aprender a profissão e de concluir a sua formação com sucesso, muito dificilmente buscará auxílio e fará adaptações na sua prática, o que dificulta o sucesso do seu aluno (SANTOS, 2009, p.109).

7.3.4 Atuação dos professores

A atuação dos professores também foi muitas vezes citada, tanto pelos gestores, quanto pelos alunos atendidos, TI e os próprios docentes, especialmente em relação à sua participação como facilitadores da inserção e das aprendizagens dos alunos deficientes ou com NEE.

Essa participação está em consonância com a percepção de Miranda e Pacheco, que afirmam:

Também é preciso frisar que o comprometimento dos docentes, sempre será posto em evidência. Se não existir sensibilidade e dedicação dos professores,

o sonho de uma acessibilidade sem máscara continuará perdido nas falsas promessas governamentais. (MIRANDA; PACHECO, 2016, p.14)

Desse modo, o Setor de Acessibilidade, outros setores da Universidade, professores e alunos deveriam colaborar para facilitar a inserção e as aprendizagens dos alunos deficientes ou com NEE, pois, o

[...] Setor de Acessibilidade, ele não dá conta, sozinho de atender todas essas demandas. Seria preciso que, de fato, os outros profissionais da universidade, os outros atores, do processo ensino-aprendizagem, se dispusessem a participar disso com... De uma maneira mais assim, incisiva, mais decisiva, né, com uma participação que realmente desse conta do atendimento dessas demandas, por que, por exemplo, no que diz respeito à aprendizagem, o processo de ensino-aprendizagem, nos diferentes curso, dentro da sala de aula, o núcleo de acessibilidade não tem muitas maneiras de atuar, né. Precisaria de uma atuação dos outros atores, nesse sentido. [G2]

O Setor de Acessibilidade

[...] vai entrar com uma parte, né, ele vai entrar como um apoio, mas eu ainda vou repetir, eu acho que os serviços prestados, pelos cursos, pelos docentes e aqueles atores, diretamente envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, é, seriam muito mais importantes no atendimento dessas demandas. [G2]

Alguns impasses na relação professor/aluno e na adaptação da metodologia didático/pedagógica, bem como falta de sensibilidade do docente quanto à acessibilidade foram relatadas. Por exemplo:

Esse semestre encontrei algumas dificuldades com professores que gostariam de avaliar o [aluno deficiente] como um aluno normal. [T2]

Ocorre, assim, que muitos professores não compreendem, por si só, as dificuldades pelas quais passam alunos deficientes ou com NEE, sendo isso tão perceptível, que um Tutor Inclusivo relata que

Senti[u] que a maioria dos professores têm uma certa resistência com a adaptação com a demanda de alunos com deficiência [T4]

E essa resistência revela-se, como já vimos, não só na avaliação, mas também na

[...] falta de planejamento na preparação das atividades, como mandar material para a digitalização deixando-o acessível ao aluno a tempo adequado para as atividades propostas. [T4]

ou mesmo na resistência de alguns professores

[...] em facilitar a forma da aula de se organizar em questões de entrega de trabalho e atividades avaliativas. [T8]

Em contraponto, também foi detectado que, em certos casos, a atuação de alguns professores se revelou bastante compreensiva e facilitadora, pois

[...] os professores também fizeram algumas adaptações, por exemplo: quando eles iam fazer alguns textos, que eram através de slides, eles procuravam fazer a descrição... é... livr... nos filmes, eles faziam também. Algumas descrições. [Aluno 2]

Alguns se preocuparam mesmo com o aluno com deficiência ou com NEE, tendo em atenção as suas necessidades específicas:

Além do profissional intérprete, eu precisei também da facilidade do professor entender que, por eu ser uma pessoa surda eu preciso de ter alguns conhecimentos em forma visual, né, então, além do intérprete que eu acho necessário e fundamental para o meu aprendizado, eu precisei de... esse entendimento dos professores, de me passar os conceitos, de dar uma aula que fosse visual, né, que pra mim, é mais fácil eu aprender dessa forma. [Aluno 3]

E essa preocupação dos professores com o aluno com deficiência ou NEE já trouxe resultados muito positivos para os alunos, com repercussão não só em relação a uma disciplina específica, mas como apoio para todas as disciplinas:

[...] num dia que eu tive que fazer a prova com um professor, eu não tinha capacidade de fazer a prova do jeito que ele pedia, que era com um gravador, então, nesse dia, eu, e mesmo o professor, que eu não vou falar o nome dele, pra eu não... fomos atrás. O mesmo me ajudou e ele mesmo não sabia, então, nós mesmos fomos atrás e, graças a isso, hoje, eu tenho essa ajuda. [Aluno 4]

Desse modo, ter alunos com deficiência ou NEE impacta no modo como professores desenvolvem as suas tarefas dentro, ao nível da didática, e fora da sala de aula, ao nível do planeamento, sendo uma orientadora da outra. Quando um professor, logo

[...] no primeiro período, primeira turma que eu dei aula, eu tive um aluno que tinha deficiência visual total [...] dali já começou a minha preocupação, né [...]a própria fala, né, de você estar, de repente mostrando um slide e falar: Olha, veja aqui... Então eu fui fazer a leitura, que a gente não fazia... E muitas vezes voltava.... Então, o planeamento da aula... A didática,

principalmente foi outra, e o planejamento, também de conteúdo também [...] [P2]

Assim, as dificuldades apresentadas pelos alunos com deficiência ou NEE vão determinando o planejamento do trabalho didático-pedagógico, pois

[...] na hora de ministrar a aula, você tem que ter uma atenção especial, por que, você tem que fazer o intérprete entender o conteúdo, para ela transmitir para o aluno, no caso, discente, então, tem que ser explicado assim, com mais detalhes, né, por que você está explicando, na realidade, para uma pessoa que, às vezes, conhece pouco de matemática, no caso, o intérprete, então, você tem que adaptar sim! Você tem que elaborar a sua aula pensando nessa situação. [P3]

fazendo mesmo que os professores passassem a desenvolver respostas mais adaptadas às dificuldades de seus alunos com deficiência ou NEE, pois

[...] ele tinha essa chance de ter os textos da aula, caso ele não esteja entendendo bem, né, a minha exposição ali, ele tinha ainda o recurso de ter o recurso do leitor fazendo com ele, depois dessas aulas escritas. [...]A minha única preocupação, que daí eu confirmei isso com ele, é se ele estava tendo a oportunidade de fazer, né, a leitura, né. [P4]

o que é um ponto positivo para todos os envolvidos, pois

eu não vejo que foi decréscimo, muito pelo contrário, eu aprendi demais, assim, foi uma super experiência, pra mim, assim, didática, pedagógica, de relação [...] [P2]

A partir desse apoio, o aluno se torna mais confiante, o que reflete em seu crescimento acadêmico.

No entanto, a atuação dos professores não deve ser analisada de forma dissociada da Tutoria Inclusiva. Por exemplo,

[...] Na disciplina de Literatura Brasileira I, disciplina considerada "difícil" a aluna teve o total apoio da professora, realizando encontros presenciais e ofertando tarefas para melhorar o seu desempenho, algo de suma importância e que resultou na aprovação da disciplina. [T1]

Auxiliar e observar o processo de evolução é extremamente gratificante, pois, a aluna passou a ter mais confiança em si mesmo, na sua capacidade, passou a não ter medo de errar, a se empenhar nas leituras e na escrita, pelo simples fato de estar ciente na sua capacidade de querer sair da universidade vitoriosa com o seu diploma, e a tutoria inclusa faz com que essa realização seja mais fácil. [T1]

7.3.5 Impactos da Tutoria Inclusiva

É importante destacar, também, a ratificação, por meio do conteúdo dos relatórios dos TI, da afirmação feita neste trabalho²⁴, quanto às vertentes de atuação da Tutoria Inclusiva, especialmente a elencada no item II: "Construção de valores éticos e experiências sociais aos alunos Tutores, que vivenciam as necessidades dos alunos atendidos e se tornam mais sensíveis à acessibilidade e diversidade", ampliando, ainda, essa construção para a capacitação acadêmica e profissional desses alunos.

Segundo um dos tutores:

Além de agregar conhecimento em amparar indivíduos que apresentem limitações de mobilidade e coordenação fina, a tutoria inclusiva continua ampliando a minha forma de olhar para o indivíduo em um contexto geral, sem penalizações excessivas, de um modo que me fez compreender que cada ser humano pode ser feliz exatamente como é, e que podemos aprender a viver de outra forma sem que nossas limitações interfiram na nossa felicidade e realizações pessoais, no qual há inúmeras tecnologias assistivas que adaptam conforme o ambiente ou são adaptadas de acordo com o indivíduo e suas limitações.

Após esse período de aprendizado, compreendi a importância de olhar cada indivíduo e reavaliar como o mesmo enxerga suas limitações e como faz para supera-las [T8]

Tais percepções contribuem também com as questões de qualificação profissional:

Concluo minha experiência como bolsista em um treinamento de vida para a minha área como futura professora criando estratégias para a inclusão escolar que minimize a indiferença. Agradeço muito por esta oportunidade de colaboração e aprendizagem como tutora acadêmica. [...] Uma vivência única, uma experiência definidora de princípios e valores sociais e culturais em nosso crescimento acadêmico. [T9]

Como futura professora, a tutoria fez atentar me ainda mais à enxergar o aluno como um ser único, que tem suas particularidades, suas dificuldades, de modo a fazer com que respeite e propicie metodologias adequadas ao aluno e não generalize, pois cada aluno requer métodos e atenção específicas. [T1]

[...] sem a tutoria eu não saberia lidar com alunos que necessita de uma atenção especial. Hoje eu sei como lecionar, comportar e adaptar materiais didáticos. [T10]

E mesmo, ainda, com as questões acadêmicas:

Me trouxe maior concentração e mais atenção, pois tento aprender mais para ajudar meu colega. [...] Além do aprendizado em técnicas e linguagens (libras), a experiência mesmo com todas as dificuldades me ajudaram a

²⁴ Referência ao item "4.5. Programas e atividades desenvolvidas"

manter o foco e disciplina e a me trouxe mais conhecimento para o meu curriculum. [T2]
 [...] se empenhar e estudar mais para passar o conteúdo para eles da melhor maneira. [T6]

Além do crescimento quanto à percepção das necessidades do próximo:

[a tutoria] Trouxe uma visão mais ampla sobre a inclusão e um olhar mais crítico e aproximado sobre os pontos que temos que melhorar para atendê-los físico e psicologicamente. [T5]
 A partir da tutoria é possível ver e encarar a vida com um outro olhar, ser mais paciente e grato por exemplo [T6]
 Empatia com o próximo, conhecimentos gerais em acessibilidade e educação inclusiva (oficina de libras). Participação em congressos de acessibilidade, aprendizado para lidar com indivíduos com necessidades especiais e recursos disponíveis. [T8]

7.3.6 Avaliação Geral do Atendimento

Considerando as entrevistas com os alunos e gestores, parece mesmo que os alunos têm sido atendidos quanto às suas necessidades acadêmicas, como na fala do G1, minimamente, devido às limitações de recursos do Setor, porém, de forma positiva quanto ao trabalho dos servidores que fazem adaptação de material didático, interpretações em LIBRAS e quanto à atuação dos Tutores e Monitores Inclusivos.

Na perspectiva dos alunos atendidos, o apoio do Setor de Acessibilidade é total:

- P. [...] A ajuda que você está tendo, para cursar o curso superior agora, de onde ela surgiu? De onde está vindo a ajuda que você está tendo?
 E. Olha, a acessibilidade, né, que a Angélica arranhou pra mim, a Tutoria, né, por que, eu não tinha, né, agora que eu tenho quatro tutoras. Mas, agora deu tudo certo, por que eu preciso, né, acompanhar, para escrever e para fazer a prova, também. E eu preciso muito da ajuda, por que eu não dou conta, estou sem a mesa.
 P. Então está saindo da PROACE. O Setor de Acessibilidade que está arrumando a ajuda para você?
 E. É!
 P. [...] Você acha que toda a ajuda que você precisaria está sendo oferecida ou não? E dê exemplos.
 E. Está sendo oferecida, também! Todo o apoio! [Aluno 1]

Ou

- P. Você considera que todo o apoio que poderia ser dado foi oferecido?
 E. [...]Sim. Sim. Tive apoio sim. Todo o apoio que eu precisei. [Aluno 3]

Constatando que esse apoio se consolida ao longo do atendimento:

[...] as dificuldades, foram sendo contempladas ao longo do tempo, mas, de uma certa forma, eu saí bem fortalecido, ao término do curso. [...] com acesso a textos, a ler textos, ouvir textos, eu penso que contempla bem as

ferramentas que nós temos aqui e as pessoas, também, que trabalham com essas ferramentas, elas são bem capacitadas, são bem competentes para desempenhar tal função. [Aluno 2]

E ainda, enfatizando novamente o bom atendimento oferecido:

E. Eu preciso de um leitor, e principalmente, de um transcritor nas minhas provas, apesar de que minha letra é ruim, não é distinguível, é outra coisa, e também, é por que eu tenho grande dificuldade em ler sozinho, grandes textos. Pequenos eu consigo, com extrema facilidade, mas longos, não. Longos eu me perco, quando o pensamento vai muito mais rápido e eu começo a perder o ritmo. [...]

P. [...] E essas necessidades foram ou estão sendo supridas durante o ensino superior? E de que maneira?

E. Sim, estão muito bem supridas, principalmente com a minha tutora, que é uma pessoa extremamente gentil e não é da minha matéria, assim, ela é neutra, quando faço as provas, e é extremamente profissional. [Aluno 4]

Muitos desses alunos já tiveram a experiência de apoios no ensino básico, no entanto, em comparação com apoios e ajudas anteriormente recebidos, na Universidade,

[...] eu percebo que foi melhor [...] quando eu estive na universidade, que quando eu estive no ensino fundamental e ensino médio. [...] [Aluno 3]

7.3.7 Impactos positivos do contato com alunos com deficiência/NEE

As entrevistas demonstraram também que os professores que tiveram contato com esses alunos demonstraram certa admiração pelo empenho e habilidades apresentadas, apesar de algumas dificuldades e necessidades de adaptações, conforme já apresentado na sua fala, quanto a suas atuações.

[...] ele tinha uma autonomia tecnológica invejável, melhor do que a gente que é vidente [...] Por que ele estava sempre com um aparelho celular novo, lançamento... Um óculos que fazia não sei quantas funções, que apitava... que quando você estava indo para a parede ele dava um sinalzinho... É... Um senso de direção incrível, né... Eu estava recém-chegada em Uberaba, então eu perguntava onde fica tal coisa, e ele: Á... Você pega tal rua e vira à direita, vira à esquerda, né... Às vezes a gente até brincava com ele: Você mente, não pode ser, né. Então, ele não apresentava nenhuma dificuldade acadêmica, e nem mesmo de autonomia, assim... Claro que guardadas as limitações, né. [...]é profissional, já saiu daqui pra fazer pós-graduação. Aliás, acho que da turma dele, poucos fizeram. Talvez ele seja um dos primeiros que tenha feito pós-graduação. Então, isso já demonstra que ele... Dificuldade acadêmica, nenhuma.[P2]

Desempenho e habilidades essas por vezes consideradas bem superiores aos dos seus colegas sem deficiência ou NEE.

[...] O fato é que, depois que a gente foi fazer essa avaliação oral, no final, eu só perguntei pra ele, né, se ele poderia me identificar os temas que foram mais fáceis dele trabalhar, as dificuldades que ele teve, e de pronto ele já me citou, ali, três, bem amadurecimento, assim, leitura de três temas que a gente tinha trabalhado ao longo do curso. Então, acho que ele mesmo não teve, assim, tanta dificuldade na hora de estar trabalhando com esse material que estava disponível ali. [...]E ele, inclusive, eu cheguei a ver, ele tinha um material muito bem organizado, ele tem uma pasta, que ele estava com todos os textos ali, enfim, os outros alunos nem têm todo esse cuidado que ele tinha, com todo o material na mão, né, enfim. [...]. Ele fez uma fala, no final... Inclusive, ele identificou uma questão que o grupo... Que não era muito comum, por que, parece que eles não tinham discutido isso no grupo, e no momento ele conseguiu apresentar essa questão importante, ali, né... Então eu acho que ele estava mesmo bem tranquilo, assim, com relação ao conteúdo, e na segunda avaliação a gente fez oral, né. E foi engraçado, por que ele me falou tantas coisas, e no final ele me perguntou assim: mas você não vai me perguntar nada? E eu falei: eu não vou precisar te perguntar nada, né, por que ele já se antecipou, falando dessas temáticas, que a gente tinha trabalhado, né. [P4]

O impacto e resultado positivo quanto ao contato e vivências com pessoas deficientes podem ser também evidenciados a partir do relato de um dos professores entrevistados:

[...] Nós estávamos aqui no Centro Educacional, e acabou a energia e aí, assim, todo mundo apavorado, né, as meninas, aquela coisa toda, gritando e aí, já tinham passado quinze minutos, e não tinha voltado, e bom, a gente é... suspende a aula hoje, por que, né... Não temos como continuar com a aula. E aí eu falei, só que, vamos sair todo mundo em silêncio, em fila e tal, de uma maneira organizada, por que estava tudo muito escuro, e tal... E aí, de repente, ele vira e fala assim: (risos) Mas pra mim a aula é assim todo dia (entrevistado demonstra se emocionar nesse momento). Nossa, aquilo... Todo mundo ficou mudo né! Eu, parece que o chão abriu, aí eu falei... É... Pois é... Então, a gente vai ficar aqui. E aí a gente fez uma aula, todos, no escuro, do jeito que a gente imagina que fosse pra ele, né. E aquilo me impactou de uma forma tão grande, assim, que depois, todas as vezes que acontecia alguma coisa, a gente.. Nossa... Esse é o universo... Esse é o mundo. É assim que ele se coloca, é assim que ele... Assim, que a gente pode também, né. Mas é muito difícil, Diego. Assim, depois dessa experiência... E depois a gente saiu, eu via ele, e falava assim, nossa, você ficou mudo? O que que foi? Você passou mal? Eu eu falei: não... Eu só entendi o que de fato acontece com você, né... E assim, se colocar... E a sala foi bem gentil, também, os outros alunos ficaram, todo mundo permaneceu, e eu fiz uma aula expositiva, falada, não sei como chama isso... Mas foi uma experiência e tanto. Então, assim, se há mudança, tem que ter, Diego. Por que, do jeito que a gente tem, hoje, né, como se fala... Os conteúdos, você não faz... Você não pensa no conteúdo pensando numa pessoa com limitações, né?! Você não faz... Á, se for cadeirante, essa pessoa vai ficar sentada aqui, ou não. Se a tela está alta, ou não. E quando eu falo a gente, eu não falo só de mim, eu falo da universidade, né, assim, do curso, da estrutura, né. Será que, se for um cadeirante, por exemplo, se vai conseguir ver a tela aqui, ou vai ter que... né... Por que é diferente. A questão do deficiente visual também, né, que foi o que me pegou mais. [P2]

8 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE

De acordo com as entrevistas e documentos estudados até aqui, podemos chegar às seguintes percepções:

- I. a Universidade, antes Faculdade, deu grandes saltos de crescimento em curtos períodos de tempo, o que pode ter refletido na falha/falta de investimento/planejamento para a acessibilidade, considerando os diversos tipos de recursos necessários;
- II. desde o início das atuações voltadas para acessibilidade, na UFTM, essas se apresentavam descoordenadas, hora por falta de planejamento e integração de grandes ações do Governo Federal, hora por ações da própria universidade, podendo ainda serem citados a criação de diversos serviços, GTs, fórum, comissões, ambientes organizacionais, núcleos e setor, todos voltados para acessibilidade, algumas vezes com os mesmos integrantes, mas de forma não articulada, baseando-se em ações pontuais e pulverizadas. Muitas dessas ações sequer foram formalmente registradas por documentos oficiais normativos para sua criação ou extinção;
- III. os documentos institucionais norteadores das ações para acessibilidade estão equivocados/desatualizados/incompletos ou ainda não aprovados. Destaca-se, ainda, que alguns, além de ainda não aprovados, estão também atrasados, o que enfraquece/inviabiliza as ações a serem realizadas;
- IV. existem alguns poucos espaços para discussão da acessibilidade na Universidade. Por outro lado, o Regimento Geral da Universidade prevê a importante participação da comunidade externa, por meio da COMDEFU, para compor o CONDES. Destacam-se, quanto a esses espaços de discussão, os Projetos Rodas de Conversa e Setembro Azul, que são abertos ao público interno e externo à UFTM;
- V. o Setor de Acessibilidade e o NAES, onde se encontram serviços voltados à saúde, como fisioterapia, atendimento médico e psicológico, embora façam parte da mesma Pró-Reitoria, não se encontram no mesmo departamento (Departamento de Assistência Estudantil e Serviços à Comunidade), o que pode dificultar a atuação em importantes ações conjuntas;
- VI. os recursos humanos do setor são insuficientes, tanto quanto ao número de profissionais, quanto às suas especialidades;
- VII. os servidores do setor vêm se capacitando;

- VIII. a atual conjuntura do Governo Federal criou grandes oportunidades para a pessoa com deficiência se capacitar nas universidades federais, entretanto, o investimento necessário não foi oferecido;
- IX. os recursos orçamentários são escassos;
- X. o investimento em recursos tecnológicos apresenta barreiras;
- XI. o setor não apresenta condições físico-estruturais adequadas para desempenhar suas atividades;
- XII. as demandas por atendimento no setor vêm aumentando significativamente;
- XIII. o setor trabalha em programas/projetos de sensibilização quanto ao tema, bem como a aproximação da comunidade externa com a Universidade;
- XIV. a EBSERH não assumiu a responsabilidade necessária para com as pessoas deficientes no HC-UFTM;
- XV. a Tutoria Inclusiva é um caso de muito sucesso, com grandes ganhos para todos os envolvidos (alunos atendidos e Tutores) e baixo custo para a instituição;
- XVI. o setor trabalha, apesar de em poucas ações, em conjunto com o NAES e Serviço de Acompanhamento Pedagógico, principalmente;
- XVII. o Programa de acolhimento PAOANEE necessita ser reforçado ou reestruturado, por depender fortemente de uma única servidora específica;
- XVIII. o único documento oficial de registro das competências do setor é um formulário da PRORH, que se refere às atividades desenvolvidas (desconsiderando o Regulamento Interno da PROACE, que ainda não foi aprovado pelo CONSU);
- XIX. dentro de suas limitações; o setor faz um bom trabalho;
- XX. o envolvimento dos professores com os alunos com deficiência/NEE e suas necessidades é fundamental para o bom aproveitamento acadêmico do aluno;
- XXI. o envolvimento e relacionamento do aluno com deficiência/NEE com os demais colegas de classe pode impactar em seu rendimento acadêmico;
- XXII. os envolvidos têm a ciência de algumas dificuldades enfrentadas pelo setor, especialmente quanto aos recursos humanos e físico-estruturais;
- XXIII. contato e vivências com pessoas deficientes podem trazer bons resultados, quanto à sensibilização dos atores envolvidos;
- XXIV. existem Projetos de Extensão que, embora apresentem temas afins, não são de conhecimento do Setor de Acessibilidade, que poderia dar e receber grandes contribuições.

8.1 SUGESTÕES PARA OTIMIZAÇÃO DOS SERVIÇOS PRESTADOS PELO SETOR

Visando o enfrentamento das dificuldades apontadas, a fim de otimizar e ampliar as ações em acessibilidade, além de estudos e aprofundamento contínuo quanto ao tema, deverão ser consideradas as seguintes ações:

I. atualizar e aprovar documentos norteadores das ações da Universidade, bem como os que registram quais são as atividades/atuação e responsabilidades do Setor de Acessibilidade e demais atores, quanto à acessibilidade, na instituição, de modo que as ações possam ser coordenadas e os devidos atores responsabilizados. Dessa forma, os referenciados por cada atuação serão, também, destacados e as ações consideradas como importantes e necessárias, combatendo o que foi constatado em entrevista com a G1, que julga que a Universidade, de forma generalizada, trata a inclusão como um assunto de segunda importância;

II. ampliar os espaços para discussão da acessibilidade. A promoção de um Fórum Permanente de Acessibilidade, para discussão do tema, assim como proposto em 2007, pode trazer grandes contribuições para a evolução da percepção quanto ao assunto, tanto para a Universidade, de forma ampla, como para a comunidade externa. Essa é uma das formas de ressaltar sua importância. Relatos dos envolvidos, tanto quanto aos casos de sucesso, quanto às dificuldades enfrentadas, podem esclarecer, sensibilizar e quebrar barreiras de diversos tipos, especialmente, as atitudinais, além de aperfeiçoar as atividades desenvolvidas. A participação da comunidade externa é importante nesse processo. Workshops e vivências podem fortalecer o evento e trazer bons resultados. Essa ação vem ao encontro de importantes atividades já desenvolvidas pelo Setor de Acessibilidade, como os Projetos Roda de Conversa, Ciclos de Debates Sobre Educação, Diversidade, Humanização e Saúde, Outros Olhos e Setembro Azul.

III. repensar a Assistência Estudantil. As ações de acessibilidade podem ser mais eficazes se essa assistência aos alunos for mais integrada e ampla. Ações conjuntas entre serviço social, atenção à saúde (especialmente fisioterapia, psicologia, neurologia e nutrição), esporte e acompanhamento pedagógico poderiam, a partir de um acolhimento em conjunto e com grupos de alunos, se afunilar em atendimentos mais individualizados, a partir da detecção das necessidades de cada um. A utilização de sistema eletrônico de histórico e prontuários (com as devidas restrições de alguns dados,

por tipo de usuário) pode ser uma grande ferramenta para o melhor atendimento/acompanhamento desses alunos por diversos setores.

IV. investir em recursos humanos no setor²⁵, além de forte capacitação desses profissionais, para que sejam, realmente, referências quanto ao tema acessibilidade. Essas demandas para capacitação deverão ser ainda levantadas, porém, alguns cursos básicos podem ser indicados, como:

- a) áudio descrição (como enfatizado pelo aluno 2, em entrevista);
- b) adaptação de textos para impressão em Braille e operação da impressora Braille;
- c) tratamento/manipulação de imagens e produção de figuras (para adaptação de material didático/pedagógico)
- d) noções de tipos de deficiências visuais;
- e) noções de tecnologias assistivas;
- f) noções de transtornos de aprendizagem;
- g) LIBRAS;

V. priorizar os programas de Tutoria e Monitoria Inclusiva, com investimento orçamentário, visando ampliação desses projetos, devido aos grandes ganhos, para todos os envolvidos, conforme apresentado neste trabalho;

VI. melhorar nas condições físico-estruturais para o Setor. É fundamental que alunos cadeirantes possam ter acesso ao Setor de Acessibilidade, bem como local apropriado para:

- a) produção de material com a impressora Braille (com vedação acústica);
- b) ações que necessitam de grande concentração, como revisão do material adaptado;
- c) devida atuação dos Tutores e Monitores Inclusivos (evitando que um atendimento prejudique ou cause constrangimento a outro);
- d) utilização das tecnologias assistivas pelos alunos atendidos;

VII. identificar, estabelecer e cobrar a atuação de outros órgãos quanto à acessibilidade, como a atuação da EBSEH no HC-UFTM, serviços municipais e jurídicos.

VIII. oferecer, por meio da Universidade, formação continuada aos professores que, na maioria das vezes, não foram preparados para atender alunos com deficiência/NEE

²⁵Através de contratações autorizadas pelo Governo Federal, ou por realocação dos próprios servidores da instituição, devido ao atual quadro nacional.

(como relatado pelo P2, em entrevista). Assim, poderão explorar novas metodologias pedagógicas e uso de tecnologias. O professor deve estar ciente que, apesar do apoio ofertado pelos serviços da PROACE, o aluno é dele, e não do Tutor Inclusivo, Monitor Inclusivo ou qualquer outro ator;

IX. rever e aperfeiçoar o processo para inserção do aluno cotista, por ser deficiente. É preciso que o processo seja mais ágil, para que o aluno não seja prejudicado;

X. rever e aprovar os documentos normativos para o ingresso e manutenção de alunos com deficiência/NEE. É importante que esse aluno possa se matricular em poucas disciplinas, nos primeiros períodos do curso, bem como ter seu tempo para conclusão dilatado. Com isso, tanto o curso, quanto os demais atores, incluindo o próprio aluno, poderão identificar melhor suas necessidades e encontrar os melhores caminhos para superá-las²⁶.

XI. instituir um fluxo de trabalho que aperfeiçoe a comunicação entre as pró-reitorias e trabalhar ações junto aos alunos que desenvolvem projetos por meio da Pró-Reitoria de Extensão.

XII. institucionalizar ações de sensibilização quanto à acessibilidade, em todas as turmas de primeiros períodos de cada curso.

XIII. retomar/fortalecer parcerias com outras instituições, como ICBC, ANEI BRASIL, COMDEFU e IFTM, gerando uma situação de benefícios não só para a UFTM, mas também para as instituições parceiras e a comunidade de modo geral.

²⁶ É importante ressaltar/ratificar que, muitas vezes, nem o próprio aluno sabe quais serão suas necessidades. Dois alunos com a mesma patologia podem ter necessidades/preferências distintas. Dois grandes exemplos são o tamanho de fonte, ampliada ou reduzida, para alunos com certas patologias de baixa visão, ou uso de textos em Braille ou digitalizados para leitura com leitores de tela. Podemos ainda exemplificar com a necessidade de um leitor, ao invés de um gravador de som, como relatado pelo aluno 4, em entrevista).

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho passou por uma breve apresentação do caminho histórico para a acessibilidade, na educação, especialmente nas universidades brasileiras, por meio de alguns importantes e notórios documentos. A partir daí, foi apresentado um panorama da UFTM, desde seu surgimento quando ainda FMTM, até os dias de hoje, com ênfase em seu grande crescimento em pequenos lapsos de tempo; um retrato atual do Setor de Acessibilidade, considerando também seu histórico, atividades desenvolvidas e recursos (humanos, orçamentários, tecnológicos e físico-estruturais). A percepção dos envolvidos foi identificada por meio de relatórios e entrevistas, o que ratificou muitas das primeiras impressões já identificadas nas análises anteriores.

O primeiro resultado de tudo isso foi um levantamento intitulado "Parecer da Análise", que refletiu em importantes ações propostas para otimização do trabalho realizado pelo Setor de Acessibilidade da UFTM.

Para além disso, essa análise técnica deve ainda colaborar e desencadear outras análises, nessa e em outras instituições de ensino, especialmente universidades públicas, respeitando suas particularidades e adaptações necessárias. Portanto, tem grande potencial para contribuir com a administração pública e inclusão social.

Assim como vivenciado pelo aluno entrevistado 2, a construção da acessibilidade deve ser conjunta. Todos os atores desse processo devem estar abertos e empenhados para esse crescimento coletivo. Cabe à gestão da Universidade (incluindo os Conselhos Universitário e de Ensino) assegurar a acessibilidade ao aluno deficiente ou com NEE. Cabe aos profissionais do Setor de Acessibilidade anteciparem as necessidades do aluno deficiente ou com NEE e proverem esse aluno com os recursos adequados para responderem a essas necessidades. Cabe à comunidade universitária se capacitar para acolher e conviver com esses alunos. Cabe às pessoas com deficiência mostrarem suas necessidades e batalharem por melhores condições de acessibilidade. Cabe à sociedade se importar com o próximo e desconstruir barreiras atitudinais. Cabe a todos, lutar sempre por dias melhores.

REFERÊNCIAS

- ANDIFES. **Plano Nacional de Assistência Estudantil**, 2007. Disponível em: <http://www.andifes.org.br/wp-content/files_flutter/Biblioteca_071_Plano_Nacional_de_Assistencia_Estudantil_da_Andifes_completo.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2017.
- BARNES, C. Disability, higher education and the inclusive society. **The British Journal of Sociology of Education**, London, v. 28, n. 1, Jan., p. 135-145, 2007.
- BATISTA, D. M. **Respostas aos questionamentos quanto à Assistência Estudantil** [mensagem institucional]. Mensagem recebida por <auditoriauftm@gmail.com Cc: sandra.martins@uftm.edu.br, marcelo.pereira@uftm.edu.br, profalucianacolucci@gmail.com> 30 nov. 2017.
- BATISTA, D. M. **Previsão completa 2018** [mensagem institucional]. Mensagem recebida por <marcelo.pereira@uftm.edu.br, sandra.martins@uftm.edu.br> 25 jan. 2018.
- BORSATO, F. P. **A configuração da assistência estudantil na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul após a implantação do PNAES**. 2015, 210 p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Política Social) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000201466>>. Acesso em: 13 dez. 2017.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.
- _____. Ministério da Educação. **Aviso Circular nº 277/MEC/GM de 08 de maio de 1996**. Dirigido aos Reitores das IES, solicitando a execução adequada de uma política educacional dirigida aos portadores de necessidades especiais. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aviso277.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2017.
- _____. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Programa Dinheiro Direto na Escola. Perguntas frequentes. **Sobre despesas de custeio e capital**. Brasília, DF: FNDE, 2017. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/pdde/perguntas-frequentes/item/10728-pf-sobre-despesas-de-custeio-e-capital>>. Acesso em: 28 jun. 2018.
- _____. Ministério da Educação. Portaria Normativa nº 39, de 12 de dezembro de 2007. Institui o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, 13 dez. 2007a. Seção 1, p. 39. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portaria_Normativa_38_PIBID.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2017.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Superior. **Documento Orientador:**

Programa Incluir - Acessibilidade na Educação Superior: SECADI/SESu - 2013.

Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12737-documento-orientador-programa-incluir-pdf&category_slug=marco-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 14 dez. 2017.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Grupo de Trabalho da Política Nacional de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF, 2008a. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2018.

_____. Secretaria de Educação Superior. Edital n. 4. Seleção de Propostas. Programa Incluir: acessibilidade na educação superior. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 5 de maio 2008b. Seção 3, 39-40. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=816-incluir-propostas-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 12 fev. 2018.

_____. Secretaria de Educação Superior. **Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI**: diretrizes para elaboração. Brasília, DF: MEC/ SESu, 2002. Disponível em:

<<https://http://www2.mec.gov.br/sapiens/pdi.html>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos.

Decreto n. 6.096, de 24 de abril de 2007. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI. Brasília, DF, 2007a.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm>. Acesso em: 14 dez. 2017.

_____. **Decreto n. 7.234, de 19 de julho de 2010**. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. Brasília, 19 de julho de 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm>. Acesso em: 14 dez. 2017.

_____. **Emenda Constitucional nº 95, de 15 de dezembro de 2016**. Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal, e dá outras providências. Brasília, DF, 15 dez. 2016a. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc95.htm>. Acesso em: 14 dez 2017.

_____. **Lei n. 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, DF, 2012. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/cotas/docs/lei_12711_29_08_2012.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2017.

_____. **Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF, 06 jul.

2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 14 dez. 2017.

_____. **Lei n. 13.409, de 28 de dezembro de 2016.** Altera a Lei n. 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino. Brasília, DF, 28 dez. 2016b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/L13409.htm>. Acesso em: 14 dez. 2017.

CHAVEIRO, N.; BARBOSA, M. A. A surdez, o surdo e seu discurso. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 6, n. 2, 2004. Disponível em: <https://www.fen.ufg.br/fen_revista/revista6_2/pdf/Orig3_surdez.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2018.

CONFERÊNCIA MUNDIAL DE EDUCAÇÃO PARA TODOS. **Declaração Mundial de Educação para Todos:** plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. Brasília, DF: UNICEF, 1990. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10230.htm>. Acesso em: 14 dez. 2017.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais.** Salamanca, Espanha, 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

DIAS SOBRINHO, J. Educação superior: bem público, equidade e democratização. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 18, n.1, p. 107-126, mar. 2013. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/dai/textos/artigo1.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2018.

GARZON, A. **Acessibilidade deficiente ou...** Pensador. [Piracicaba], c2005-2018. Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/MTc1MTU4MQ/>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, A. R. **Relatório de Atividades** [mensagem institucional]. Mensagem recebida por <angelica.goncalves@uftm.edu.br, daniela.rezende@uftm.edu.br, daniela.kamimura@proace.uftm.edu.br, camila.tibery@proace.uftm.edu.br, camila.julich@uftm.edu.br, christineide.ferreira@uftm.edu.br, diego.batista@proace.uftm.edu.br, edilene.leal@proace.uftm.edu.br, edilene.soares@uftm.edu.br, marieles.silveira@proace.uftm.edu.br, marieles.silveira@uftm.edu.br, christineide.nakagawa@uftm.edu.br> 13 fev. 2017.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MIRANDA, E.; PACHECO, E. A. C. Educação e acessibilidade: relações no cotidiano da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 7., 2016, São Carlos/ SP. **Anais eletrônicos...** São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2016. Disponível em: <<https://proceedings.science/cbee7/trabalhos/educacao-e-acessibilidade-relacoes-no-cotidiano-da-universidade-federal-do-triangulo-mineiro#download-paper>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

MIZAEL, G. A. et al. Análise do Plano de Desenvolvimento Institucional das universidades federais do Consórcio Sul-Sudeste de Minas Gerais. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 1145-1164, set./out. 2013.

Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/12046/10966>>. Acesso em: 21 fev. 2018.

MOREIRA, L. C. In(ex)clusão na universidade: o aluno com necessidades educacionais especiais em questão. **Revista educação especial**, Santa Maria, n. 25, p. 37-47, 2005.

Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313127395004>>. Acesso em: 21 fev. 2018.

_____. **Universidade e alunos com necessidades educacionais especiais: das ações institucionais às práticas pedagógicas**. 2004. 133 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SOUZA, D. J. N. de. **Política de educação superior e os programas de permanência para universidades públicas: um estudo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - 2003 a 2010**. Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2012.

Disponível em: <<http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/16294-debora-juliana-correta.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

PISCITELLI, T. **Direito financeiro esquematizado**. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Método, 2011.

RADABAUGH, M. P. **NIDRR's Long Range Plan: technology for access and function research**. 1993a. Disponível em:

<http://www.ncddr.org/rpp/techaf/lrp_ov.html>. Acesso em: 28 jun. 2018.

_____. **Study on the financing of assistive technology devices of services for individuals with disabilities: a report to the president and the congress of the United State**, National Council on Disability. 1993b. Disponível em:

<http://www.ncddr.org/rpp/techaf/lrp_ov.html>. Acesso em: 28 jun. 2018.

SANTOS, C. P. C.; MARAFON, N. M. A Política de assistência estudantil na universidade pública brasileira: desafios para o serviço social. **Textos & contextos**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 408-422, ago./dez. 2016. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/download/22232/15301>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

SANTOS, A. F. **Educação inclusiva no ensino superior: o docente universitário em foco**. 2009. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2009. Disponível em:

<<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/13776/1/aAmanda.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

SILVA, J. E. O. et al. Contribuições do PDI e do planejamento estratégico na gestão de universidades federais. **Revista GUAL**, Florianópolis, v. 6, n. 3, p. 269-287, set. 2013.

Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/30647>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

SILVEIRA, M. et al. Acessibilidade atitudinal: "Outros Olhos" sobre a cegueira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 7., 2016, São Carlos/SP. **Anais eletrônicos...** São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2016. Disponível em: <<https://proceedings.science/cbee7/trabalhos/acessibilidade-atitudinal-outros-olhos-sobre-a-cegueira>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO. Pró-Reitoria de Planejamento. **Regimento Geral**. Regulamenta a organização e o funcionamento da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. Uberaba, 2010. Disponível em: <<http://www.uftm.edu.br/proplan/regulamentacao-e-normatizacao/regimento-geral>>. Acesso em: 20 set. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO. Pró-Reitoria de Recursos Humanos. **Formulário Perfil de Ambiente Organizacional**. Uberaba, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO. Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis. **Cartilha PSIU: conheça seus direitos e deveres**. Uberaba, 2014. Disponível em: <http://www2.uftm.edu.br/proace/images/_Assistencia_Estudantil_na_UFTM_-_Conheca_seus_direitos_e_deveres.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO. Ingresso. Graduação-Uberaba. SISU. Processos Encerrados. **Edital nº15/2017 – Sisu / UFTM: Processo seletivo do Sistema de Seleção Unificada - Sisu para ingresso nos cursos de graduação da UFTM no primeiro semestre de 2018**. Uberaba, 2017a. Disponível em: <<http://www.uftm.edu.br>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO. **Acesso à informação**. Institucional. Conheça a UFTM: referência cronológica. Uberaba, [2016]a. Disponível em: <<http://uftm.edu.br/institucional/conheca-a-uftm>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO. Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis. **Relatório de gestão 2014**. Uberaba, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO. Pró-Reitoria de Planejamento. **PDI: 2017-2021** [minuta]. Uberaba, [2016]b.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO. Pró-Reitoria de Planejamento. **Regimento Interno da PROACE**. Uberaba, 2016c [minuta].

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO. Pró-Reitoria de Recursos Humanos. **Formulário Perfil de Ambiente Organizacional**. Uberaba, 2017c.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO. Pró-Reitoria de Ensino. **Regulamento de Graduação**. Resolução nº10, de 27/11/2012, do CONSU. Uberaba, 2012. Disponível em: <<http://www.uftm.edu.br/proens/ensino/regulamento-de-graduacao>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO. Pró-Reitoria de Extensão Universitária. **Atividades de Extensão Registradas**: lista de PROJETOS aprovados

por pareceristas, homologados pelo COEXT e registrados na PROEXT. Uberaba, 2018. Disponível em: <<http://www.uftm.edu.br/proext/desenvolvimento-da-extensao-universitaria/atividades-de-extensao-registradas>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO. Organização Institucional. Pró-Reitoria de Planejamento. Prestação de Contas. Relatórios Gerais: **Relatório da Gestão 2014-2018**. Uberaba, 2018b. Disponível em: <<http://www.uftm.edu.br/proplan/prestacao-de-contas/relatorios-gerais>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO. A Universidade. Organograma. **Organograma Proace**: Organograma Proace UFTM. Uberaba, [2017]b. Disponível em: <<http://www.uftm.edu.br/organograma/proace>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

ANEXO I - ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA

Entrevistas com Gestores

G1

P. Meu nome é Diego, estou aqui com a XXXXXX, como uma das gestoras do Setor de Acessibilidade da UFTM, para participar da entrevista do Mestrado Profissional em Administração Pública, cujo título é: Análise Crítica do Setor de Acessibilidade da Assistência Estudantil da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Essa entrevista é uma entrevista semiestruturada, que consiste em seis questões. Então, a partir dessas questões, pode ser que a gente se aprofunde em alguma, ou não. Gostaria de saber, XXXXXX, se você está a vontade para fazer essa entrevista.

E. Sim

P. Você concorda?

E. Sim

P. Então, estamos gravando e vamos começar as questões. Primeira questão: Apresente brevemente a estrutura do setor de acessibilidade.

E. É... o Setor de Acessibilidade, hoje, tem seis... seis integrantes servidores. São quatro intérpretes de LIBRAS, uma profissional técnica em assuntos educacionais e uma servidora assistente em administração.

P. Tá..É.. Segunda questão: Indique o tipo de estrutura que o Setor de Acessibilidade deveria ter.

E. Bem.. É... Eu falei da estrutura em nível de pessoal, mas é.., estrutura física, a gente tem uma sala, que fica dentro da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis. Hoje é uma sala que não cabe todos os servidores e todas as atividades que a gente realiza. É... O ideal seria que a gente tivesse uma equipe maior, com condições de se capacitar e a gente tivesse um espaço maior, também. Um lugar onde a gente tivesse espaço para estudo independente, que os alunos tivessem livre acesso, inclusive alunos com cadeira de rodas, e estrutura física para acolher todos os servidores que a gente tiver.

P. Certo. Você considera que as demandas apresentadas para apoio às pessoas com deficiência, na universidade, são devidamente atendidas?

E. É... Elas são atendidas, mas de forma mínima. Eu não diria que é devidamente. A gente tem atendido as solicitações dos alunos, o que a equipe e o aluno, em conjunto, tem entendido que é necessário, mas, a gente poderia estar atendendo esse aluno de forma melhor, né?! Mais estruturada, é..., com uma equipe multiprofissional que pudesse dar outros atendimentos, além dos que a gente oferece hoje... e tendo uma equipe maior a gente poderia fazer uma parceria maior com os professores, a fim de que, dentro de sala de aula, esse aluno também tivesse um atendimento adequado, coisa que a gente hoje não tem condição de fazer, por conta da restrição do número de pessoas da equipe.

P. Certo. É... Quais as principais dificuldades apresentadas pelo Setor de Acessibilidade?

E. É. A estrutura, como eu já disse, é uma das dificuldades. A gente deveria estar em um espaço maior, e com uma equipe maior, com uma variedade de profissionais mais adequada para os atendimentos. É... A gente tem uma dificuldade financeira, por que, hoje, o Setor de Acessibilidade não tem um recurso específico para a acessibilidade, a gente faz algumas manobras, tem o Incluir, mas ao mesmo tempo, não tem, então... não da forma que deveria. Então, acho que os recursos financeiros, equipe, estrutura física, e... essa falta de possibilidade de dialogar com outros setores, isso tem sido também, uma dificuldade. Esse diálogo com os professores, com outros setores que estão envolvidos com o ensino-aprendizagem, e que a gente não consegue ter um diálogo muito bom hoje, por várias razões.

P. Certo. Você pode elencar algumas dessas razões, que você citou?

E. Na realidade, uma delas é relacionada mesmo ao nossa impossibilidade de ir atrás desse setores, desses profissionais, por conta da equipe, que é reduzida, mas também, de uma convenção institucional que cria algumas barreiras atitudinais, é... com os professores, existe uma resistência, mesmo que de forma velada, mas existe uma resistência por parte dos professores e dos colegas de classe, da aceitação desse aluno. Os outros setores também, ainda não entende, de forma clara, a importância do serviço de acessibilidade, então, muitas vezes a gente é reconhecido, dentro da universidade, como um trabalho secundário, e não de importância primária, e isso precisaria ser mudado, essa visão, né?! Para que a gente tivesse um valor diferenciado, né?!

P. Certo. É... Além dos recursos tecnológicos, financeiros e humanos, disponibilizados pelo Setor de Acessibilidade, você tem conhecimento de quais outros

recursos são oferecidos para o aluno e de onde surgem esses recursos? Se sim dê alguns exemplos.

E. A gente têm feito algumas conversas com outros núcleos de acessibilidade, né?! Tem-se dialogado muito com relação a isso, o que a gente pode oferecer para o aluno, o que a gente deve oferecer para o aluno, é..., mas ainda não existe uma convenção, com relação a isso. Os recursos humanos são imprescindíveis, a gente precisa ter serviços que supram essas necessidades do aluno, recursos tecnológicos, que são fundamentais; os financeiros, não são oferecidos diretamente pelo Núcleo de Acessibilidade, é por um outro departamento, dentro da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis, mas os alunos têm sido atendidos, na medida do possível, na medida do que a gente acompanha, é... e, assim, a questão de ter uma equipe multidisciplinar, que ofereça serviços de psicologia, de terapia ocupacional, é..., hoje, a gente não oferece e seriam recursos importantes, né?! Além de ter uma estrutura adequada, para que esse aluno tenha um espaço de estudo, um espaço de convivência para poder trabalhar Monitoria Inclusiva, Tutoria Inclusiva... Então, eu creio que seja nesse sentido.

P. Certo. Agora a sexta e última questão: Na sua opinião, qual ou quais recursos deveriam ser priorizados para melhor atendimento aos alunos com necessidades especiais?

E. Olha, é..., como eu disse, com relação à questão financeira, a gente não têm uma independência financeira e isso seria importante, para que a gente pudesse fazer compra de equipamento, capacitação de servidores, para.. por que, muitos alunos chegam à instituição e nem eles sabem ao certo que recursos eles precisam, que tipo de atendimento eles precisam. Muito a gente aprende na prática, então, se a gente tivesse uma independência financeira, para poder adquirir os equipamentos quando esse aluno chega, é... para poder se estruturar para poder receber esse aluno, isso melhoraria muito o atendimento. Hoje como a gente não têm essa independência financeira, muitas vezes a gente depende de um monte de outros processos, dentro da instituição e às vezes o aluno fica sem o recurso, ou fica sem o serviço. Então, acho que uma coisa que deveria ser priorizado, é uma certa independência financeira do Núcleo de Acessibilidade. Ele deveria ter um recurso próprio, dentro dos recursos da instituição, por que, o que o MEC hoje nos oferece, que é o Incluir, é um recurso insuficiente e a Universidade, a UFTM, recebe esse recurso como capital, então, além de ser muito pouco, a gente não pode destinar a bolsas, nem à capacitação dos servidores, então a gente tem uma atuação muito limitada. Da Universidade, a gente não recebe nenhum recurso. Tem sido feito

algumas negociações com relação ao recurso do PNAES, mas como ele tem uma destinação específica, a gente também não pode manobrar muito essa situação financeira com relação ao PNAES. Então, o ideal seria que a própria instituição pensasse um recurso específico para o Setor de Acessibilidade, para que a gente tivesse um pouco mais de independência na hora de escolher recursos, serviços e capacitações para os servidores.

P. É isso. Muito obrigado, a entrevista termina por aqui e foi muito boa sua participação.

E. Por nada.

G2

P. Bom. É... Eu sou o Diego, hoje é dia dois de julho de dois mil e dezoito, estou aqui com XXXXX, para fazer uma entrevista sobre o trabalho Análise Crítica do Trabalho Desenvolvido pelo Setor de Acessibilidade da Assistência Estudantil, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Ela, como uma das gestoras, vai ser entrevistada para o mestrado de administração pública na UFTM. XXXX, você está a vontade, está tranquila para fazer a entrevista?

E. Sim. Estou bem à vontade.

P. Então são seis questões, é uma entrevista semiestruturada, a gente pode se aprofundar em alguma questão, caso você ache necessário, ou não. Primeira questão, voltada aos gestores. XXXXX, apresente, brevemente, a estrutura do Setor de Acessibilidade na UFTM.

E. O Setor de Acessibilidade tem uma chefia, né, que coordena os trabalhos e está dividido em, vamos dizer assim, são ambientes, né, e esses ambientes são responsáveis por realizar o trabalho com alunos com diferentes necessidades educacionais especiais. Então, tem uma pessoa que trabalha mais diretamente com os alunos com perda visual, né, tem outra que trabalha com a equipe de tutores, né, que dá apoio aos alunos com necessidades especiais, tem o pessoal que acompanha os alunos e professores com perda auditiva ou com... surdos mesmo, né, na interpretação e tradução das aulas, né, e o setor, embora tenha um número pequeno de servidores, né, essa estrutura tem dado conta bem da demanda.

P. Certo. É... XXXX, indique qual o tipo de estrutura que o Setor de Acessibilidade deveria ter, na sua opinião, ou se essa mesma é a estrutura ideal.

E. Eu acho que essa estrutura, com pessoas para acolher as diferentes necessidades, seria o ideal. Então, a gente está no caminho, mas a gente não tem estrutura ideal ainda, por que nós temos poucos servidores, né, para atender um número grande de alunos. Então, eu acho que a estrutura ideal seria a estrutura que tivesse diferentes equipes, é, que seriam equipes multiprofissionais, em que uma pudesse auxiliar a outra, mas cada uma com um objetivo com um foco principal, que seriam as diferentes necessidades educacionais especiais, né, não só os alunos com deficiência, mas também, alunos com dificuldades, outras, que não são originárias em deficiências, né.

P. Certo. Você considera que as demandas apresentadas para o apoio à pessoa com deficiência, na universidade, são devidamente atendidas?

E. Eu acho que não. Embora, assim, o pessoal do setor seja muito dedicado, muito comprometido, mas eu acho que a gente ainda está longe do ideal, né, a gente ainda tem muito que aprender, isso é um fato, uma situação nova, na universidade brasileira, não só na UFTM, e eu acho que todos nós vamos ter que aprender, inclusive, assim, eu acho que a gente precisa começa a ouvir esses alunos, né, e a partir do que os alunos nos falarem, já, a universidade tem que começar a se mexer, na direção que eles apontarem, para que esse atendimento seja mais próximo do ideal possível.

P. Quais são as principais dificuldades apresentadas pelo Setor de Acessibilidade?

E. Então, eu acho que, a principal é essa, né, a falta de experiência, a falta de conhecimento, a falta de a gente saber, exatamente, como agir para atender essas demandas, eu acho que é a maior dificuldade, né. Então é nesse sentido que eu digo que a gente tem muito que aprender, ainda. Mas eu acho que isso ainda é um grande entrave. A gente não sabe como. Em muitas situações, assim, a gente pensa que está fazendo o melhor, mas às vezes não está. A gente não sabe. A gente vai ter que se colocar no lugar deles, vai ter que ouvi-los, para buscar isso. E a outra grande dificuldade é a falta de pessoal, né. A falta de pessoal, eu acho que impacta muito, né. Por que, a gente tem que, acaba que sobrecarrega alguns servidores, né, alguns profissionais que atuam no núcleo, em decorrência da falta de pessoal. E ainda, uma terceira dificuldade que eu acho é, que o núcleo, o Setor de Acessibilidade, ele não dá conta, sozinho de atender todas essas demandas. Seria preciso que, de fato, os outros profissionais da universidade, os outros atores, do processo ensino-aprendizagem, se dispusessem a participar disso com... De uma maneira mais assim, incisiva, mais decisiva, né, com uma participação que realmente desse conta do atendimento dessas demandas, por que, por exemplo, no que diz respeito à aprendizagem, o processo de ensino-aprendizagem, nos diferentes curso,

dentro da sala de aula, o núcleo de acessibilidade não tem muitas maneiras de atuar, né. Precisaria de uma atuação dos outros atores, nesse sentido.

P. É... Além dos recursos, XXXXX, tecnológicos, financeiros e humanos, disponibilizados pelo Setor de Acessibilidade, você tem conhecimento de quais outros recursos são oferecidos para o aluno e de onde surgem esses recursos? Se sim, você pode dar alguns exemplos?

E. Eu imagino que existam outros recursos, mas assim, eu não sei te falar quais seriam. Assim, a experiência que eu tenho é aqui, de participar dessa atuação dos setor, e assim ó... Eu não tenho formação nessa área, de formação inclusiva. Então, eu imagino que tenham outros recursos, que possam ajudar nesse trabalho, mas eu não saberia te falar agora quais seriam. E aí, nesse sentido também, eu não sei de onde eles viriam, né.

P. Certo. É... Na sua opinião, quais os recursos deveriam ser priorizados para o melhor atendimento aos alunos com necessidades especiais?

E. Então, na verdade, eu acho que nem são recursos, por que a minha experiência, aqui, mostrou que os serviços, que a Universidade oferece, são mais importantes que os recursos, propriamente ditos, né. Essa questão de tecnologia assistiva, isso é importante, ajuda, mas eu acho que é uma parte só. Eu acho que os serviços, em todos os aspectos, devem ser priorizados. Aí no núcleo... o Setor de Acessibilidade, ele vai entrar com uma parte, né, ele vai entrar como um apoio, mas eu ainda vou repetir, eu acho que os serviços prestados, pelos cursos, pelos docentes e aqueles atores, diretamente envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, é, seriam muito mais importantes no atendimento dessas demandas.

P. Ótimo. São essas questões. Você quer fazer mais alguma consideração? Ou é isso mesmo...?

E. É, eu acho que a gente ainda está muito longe do ideal, né, embora a gente tenha buscado, né, a servidora que está à frente do Setor de Acessibilidade, ela tem participado de muitos cursos, de muitos encontros, socializado e buscado informações, participar de encontros em que as experiências são compartilhadas, né, com o pessoal das outras universidades, mas assim, eu ainda acho que a gente está muito longe do ideal, né, e repito, se não houver o envolvimento de todos, a gente não vai avançar, nesse sentido.

P. Muito bom. Muito obrigado.

Entrevistas com alunos atendidos

Aluno 1

P. Meu nome é Diego. Hoje é dia dois de julho de dois mil e dezoito. Eu estou aqui com o XXXX, para fazer uma entrevista, ele como aluno atendido pelo Setor de Acessibilidade, é... São seis perguntas, XXXXX. É bem tranquilo. Você está a vontade para responder às perguntas?

E. Aham, Estou.

P. Tá. Primeira pergunta, então: É... A sua deficiência, ela foi declarada quando você fez a matrícula, aqui na UFTM e, se foi, por quê?

E. É... A primeira vez, quando eu fiz a matrícula, foi do XXX (CURSO 1), por que, quando eu fiz o Enem, pela primeira vez, eu escolhi no XXX (CURSO 1), aí depois, eu fiz de novo, pela segunda vez, para XXX (CURSO 2). Aí, no XXX (CURSO 2), eu estou gostando mais.

P. Tá... E quando você fez a matrícula, você declarou que você precisava de algumas coisas...?

E. É! Isso! Eu precisava de algum auxiliar.

P. E lá, você declarou, na matrícula, por quê? Foi pedido, ou você declarou para pedir esse auxílio, como que foi?

E. Foi pra pedir o auxílio, também, e também para as Tutorias. Pra levar no banheiro, para fazer minhas coisas, por que, eu não tenho a mesa adaptada ainda, né. Por que, eu queria arrumar o banheiro, por que o banheiro está muito difícil. Eu fui fazer uma entrevista com o MGTV em janeiro. Como não deu certo, agora, esse ano vai dar certo, por que o Fábio ganhou, né?!

P. Vamos ver, né! Tomara!

E. Tomara que ele me ajuda, por que eu estou pedindo a muito tempo, já. Então, eu estou pedindo ajuda até hoje, por que está difícil.

P. Beleza. É... XXXXX, qual que é a ajuda que você precisa, para a questão acadêmica? Qual a ajuda que você precisa para as matéria, para que você consiga assistir bem as aulas, fazer os trabalhos?

E. Olha, através da Tutoria, me ajuda, para escrever para mim, por que eu não consigo acompanhar, por que o professor passa muito rápido. Por que, eu não consigo.

Eu não tenho a mesa ainda. Como é que eu vou copiar? E... Eu não consigo acompanhar os outros alunos. Eu não consigo. É muito rápido. Aí a Tutoria me ajuda.

P. Certo. É... Quando você estava lá na escola, antes de entrar na faculdade, você tinha apoio lá também, ajuda, ou não?

E. Tinha. Tinha apoio.

P. Que tipo de apoio que era?

E. Era uma pessoa que me ajudava só a levar ao banheiro. O restante eu acompanhava nas aulas. Eu tinha mesa adaptada, naquela época. Hoje em dia eu não tenho mais.

P. Entendi. Então, você mesmo que conseguia escrever, com a mesa adaptada?

E. É!

P. Tá. Você acha que, agora, na faculdade, suas necessidades, para assistir às aulas, fora essa mesa, você precisa de mais alguma coisa?

E. Eu preciso da mesa, né, e da mesa adaptada. E a rampa, lá no estacionamento, é muito alta. Por que eu também posso tombar minha cadeira. Sabe, a rampa na entrada? É muito alta. Ela tem que diminuir as coisas, está muito ruim. A rampa, lá embaixo, na entrada, no outro lugar?

P. Sei, onde entram os carros?

E. É! Lá! Está muito ruim. Eu preciso. Podiam arrumar ela!

P. Deixe eu ver a próxima pergunta aqui... A ajuda que você está tendo, para cursar o curso superior agora, de onde ela surgiu? De onde está vindo a ajuda que você está tendo?

E. Olha, a acessibilidade, né, que a Angélica arranhou pra mim, a Tutoria, né, por que, eu não tinha, né, agora que eu tenho quatro tutoras. Mas, agora deu tudo certo, por que eu preciso, né, acompanhar, para escrever e para fazer a prova, também. E eu preciso muito da ajuda, por que eu não dou conta, estou sem a mesa.

P. Então está saindo da PROACE. O Setor de acessibilidade que está arrumando a ajuda para você?

E. É!

P. Última pergunta agora. Você acha que toda a ajuda que você precisaria está sendo oferecida ou não? E dê exemplos.

E. Está sendo oferecida, também! Todo o apoio!

P. Falta a mesa, na verdade, né?!

E. É! Falta a mesa!

- P. O banheiro...
- E. O banheiro, a rampa... Está faltando um monte de coisas, por que, sem apoio, sem nada, fica difícil.
- P. Certo. Está bem, são essas seis perguntas. Muito obrigado.
- E. De nada.

Aluno 2

- P. Hoje é dia vinte e sete do seis de dois mil e dezoito. Estou aqui com um aluno que foi atendido pelo Setor de Acessibilidade, XXXXXX, para fazer uma entrevista, semiestruturada, para o trabalho de Mestrado Profissional em Administração Pública, cujo título é: Análise Crítica do Trabalho Realizado pelo Setor de Acessibilidade da Assistência Estudantil da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. É... XXXXX, então, eu vou fazer seis perguntas, é... e é uma entrevista semiestruturada, pode ser que no meio dessas seis perguntas, a gente acabe se aprofundado em alguma coisa, ou não. Tudo bem? Estou gravando...
- E. Primeiramente bom dia, Diego. Estou muito feliz em poder contribuir com você nesse seu trabalho. Estou à disposição, pode sentir-se à vontade, por que eu estou muito a vontade para responder tudo que contemplar, que preencher a suas expectativas.
- P. Beleza. Primeira pergunta, então, XXXXXX: é... primeiro, né?! Desculpe. Aqui foram separados em quatro grupos né, uma era sensorial-visual, pelo qual você foi sorteado. É... Qual que é a sua deficiência?
- E. A minha deficiência, ela é glaucoma congênito, então eu já nasci cego e, esclarecendo, que toda pessoa que nasce com glaucoma congênito, ela nasce cega, ela vai morrer cega, vamos dizer assim. Não existe nenhum tipo de tratamento, não existe nada que possa fazer com que a gente recupere a visão, ou que tenha pelo menos um pouco de visão parcial. Então, meu problema é glaucoma congênito. Nasci assim.
- P. Certo. Sua deficiência foi declarada no ato da matrícula?
- E. Sim, quando eu fiz a matrícula, eu coloquei, que eu era cego, até para, quando eu fui prestar vestibular, eu tive que colocar, também, para que eles me enviassem prova, né?! Em Braille. E até pra mim, eles mandaram a prova e um ledor.
- P. Certo. Então, o motivo de você declarar na matrícula é pelos recursos que eles iriam disponibilizar.
- E. Exatamente

P. Certo. Quais suas necessidades para superar a deficiência quanto à questão acadêmica?

E. As minhas necessidades, elas foram assim, foram grandes, até por que eu tive, quando eu comecei aqui na universidade, né, não existia, nada de acessibilidade, então, eu tive que fazer reivindicações e como eu já tinha uma certa experiência de... na informática, a mais viável, pra nós... pra mim, foi o leitor de tela, texto digitalizado. Aí, a partir dele, também, eu tive, no final do curso, eu tive um monitor e... os professores também fizeram algumas adaptações, por exemplo: quando eles iam fazer alguns textos, que eram através de slides, ele procuravam fazer a descrição... é... livr... nos filmes, eles faziam também. Algumas descrições.

P. Esse monitor que você teve foi um monitor do programa da PROENS, ou um Monitor Inclusivo?

E. Foi um monitor Inclusivo. Foi inclusive foi.. eu fui a primeira pessoa a ter um monitor, por que, quando eu entrei, no começo do curso não havia, monitor, e eu tive a partir do oitavo período.

P. Certo. É... Essas necessidades, elas foram supridas, também, durante o ensino fundamental e médio? E, se foram, de que maneira?

E. Não. Durante o ensino fundamental e médio eu usei somente o método Braille, por que, na época que eu fiz fundamental e médio a informática ainda não fazia parte do processo escolar, então, foi só Braille mesmo, aí eu contava com a ajuda das pessoas que, quando não tinha material em Braille, colegas que liam pra mim os livros. Os próprios professores, às vezes, quando eles usavam quadro negro, naquela época, eles iam escrevendo no quadro e iam me ditando a matéria, dentro de sala de aula. Então, não tive nenhum auxílio de tecnologia. Naquela época não se falava nisso.

P. Tá. A próxima pergunta era se as necessidades foram supridas durante o ensino superior e de que maneira, mas eu acho que você já respondeu. Se você quiser fazer algum comentário ainda...

E. Então, foram assim, né?! Como eu disse... É... Eu posso dizer que eu tive a sorte de não ter nada na Universidade, então a gente foi construindo tudo juntos, assim... Eu fui fazendo algumas reivindicações, que eu achava que contemplava a pessoa com deficiência visual. Então teve lá o leitor autônomo, também, que ajuda a pessoa com deficiência pra ler textos... Teve também... Aí depois adquiriram os scanners... Então.. Assim... Foram sendo, as dificuldades, foram sendo contempladas ao longo do tempo, mas, de uma certa forma, eu saí bem fortalecido, ao término do curso.

P. É... A próxima pergunta: Caso haja, ou tenha havido, você disse que houve, né?! Algum tipo de suporte, apoio durante o ensino superior, de onde esse apoio surgiu?

E. Esse apoio surgiu assim... Até foi uma sugestão dos professores do curso de Serviço Social, na época, por que, é... Quando eu comecei o processo de TCC, então pro aluno com deficiência visual é meio complicado fazer o TCC, por que, por falta de acesso, né, ao material, por dificuldade em acessar materiais, o acesso a livros e essa coisa toda na parte de biblioteca. Aí foram os professores do serviço social que sugeriram que eu tivesse uma monitora, para me ajudar mais nessa parte aí de pesquisar o material para a conclusão do TCC. Foi aí que entrou mais esse suporte da Monitoria. O resto foi assim... é... a digitalização dos textos, quando começou, não existia nem a PROACE ainda, então foi aquela coisa de a servidora foi contratada por conta de digitalizar os textos para o XXXXXX(próprio aluno). Depois que, com a criação da PROACE que passou a integrar o processo de acessibilidade, né?! Então, esse foi um dos suportes. Dessa forma que surgiu, os suportes assim. E por através de reivindicações minhas mesmo, né. Eu pensava, isso vai dar certo assim, então eu colocava a questão em evidência e os professores faziam a análise e viam que dava resultado, realmente.

P. Certo. Então foi através dos professores, através de reivindicações suas e através da PROACE, quando surgiu, né?!

E. É, por que a PROACE, quando surgiu, já havia... eu já estava na universidade, né. E aí, quando a PROACE surgiu, a gente começou a fazer esse trabalho juntos. Aí, assim, eu passava também a minha experiência ao pessoal, e a gente foi construindo tudo juntos, esse suporte.

P. Certo. Sexta e última pergunta, XXXXX. Você considera que todo o apoio que poderia ser dado foi oferecido? E dê exemplos.

E. Olha, eu penso que, sempre pode ter mais alguma coisa, é... pra pessoa com deficiência, por que, o que tem aqui na universidade, penso que contempla bem a pessoa com deficiência visual, né, mas pode, deve existir mais coisas, assim... principalmente quando se refere, vamos dizer... a áudio descrição, por exemplo. Eu penso que ainda falta alguma coisa na universidade. Falta essa ferramenta para o aluno com deficiência visual, por que, a áudio descrição, ela ajuda muito, ela deixa o aluno mais incluído. Ela... Pro que, você pode, tendo esse apoio, você tem condição de discutir melhor, você tem condição de opinar com mais propriedade, então, eu penso que é uma ferramenta que faz parte aqui na universidade, é a áudio descrição. Ademais... Assim, com acesso a

textos, a ler textos, ouvir textos, eu penso que contempla bem as ferramentas que nós temos aqui e as pessoas, também, que trabalham com essas ferramentas, elas são bem capacitadas, são bem competentes para desempenhar tal função.

P. Oquei. São essas as questões, muito obrigado pela sua participação, e é isso.

Aluno 3

P. Bom dia. Hoje é três de julho de dois mil e dezoito, eu sou o Diego, mestrando em administração pública pela UFTM, e vou fazer uma entrevista aqui com o XXXXX, como um dos alunos atendidos pelo Setor de Acessibilidade. O título do trabalho é Uma Análise Crítica do Trabalho Desenvolvido pelo Setor de Acessibilidade, da Assistência Estudantil, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. XXXXX é um aluno surdo, portanto, a gente está auxiliado por uma intérprete de LIBRAS da instituição, a Daniela, e a voz que será ouvida na gravação é a voz da Daniela, fazendo a tradução do XXXXX, que vai conversar com a gente através da LIBRAS. XXXX, você está à vontade para participar, está tranquilo?

E. Tranquilo, tudo bem.

P. Primeira pergunta: A sua deficiência foi declarada no ato da matrícula? E, se sim, por quê? Ou, se não, por quê?

E. Sim, declarei, no ato da minha matrícula. Coloquei a minha condição, de que eu sou surdo, né. Eu não me sinto, na verdade, uma pessoa com deficiência, eu me sinto uma pessoa dentro do padrão da normalidade, eu apenas não escuto, por isso eu me enquadro como surdo.

P. Sim. É... E, por qual motivo você declarou na matrícula? Foi solicitado...? Você teve algum motivo para querer declarar?

E. Sim. Pedi por conta do acompanhamento do intérprete, né, para eu poder ter esse acompanhamento durante o percurso do meu curso.

P. Certo. Quais suas necessidades para superar essa sua necessidade, quanto à questão acadêmica? Qual auxílio você necessita para a questão acadêmica?

E. Além do profissional intérprete, eu precisei também da facilidade do professor entender que, por eu ser uma pessoa surda eu preciso de ter alguns conhecimentos em forma visual, né, então, além do intérprete que eu acho necessário e fundamental para o meu aprendizado, eu precisei de... esse entendimento dos professores, de me passar os

conceitos, de dar uma aula que fosse visual, né, que pra mim, é mais fácil eu aprender dessa forma.

P. Certo. Essas necessidades suas, elas foram também supridas no ensino fundamental e médio? E, se sim, de que maneira?

E. Eu tive o acompanhamento de intérprete sim, no ensino fundamental e médio, estudei sempre em escola pública. Não vou citar nomes, mas assim, não tinha o intérprete qualificado, né, proficiente na língua de sinais, para eu poder ter todo o conhecimento que eu gostaria de ter, por isso, às vezes, eu ficava decepcionado, mas eu tive sim esse acompanhamento. Às vezes eu tinha que reclamar, reivindicar os meus direitos, enquanto surdo, mas eu tive sim o acompanhamento de intérpretes.

P. E você acha que, na universidade, essas necessidades também foram supridas, né?

E. Sim. Pra mim, eu percebo que foi melhor que quando eu estive na universidade, que quando eu estive no ensino fundamental e ensino médio. Por exemplo, quando eu estudei aqui na UFTM, eu tive uma colega de sala de aula, que ela tinha essa facilidade de me passar as coisas em línguas de sinais. Eu ensinava, a ela, língua de sinais, e ela me ensinava os conteúdos. Eu ia na casa dela fazer os trabalhos com ela, ela ia na minha casa, estudava comigo, né. Por que o intérprete não fica com a gente o tempo todo, em casa, para estudo, fazer trabalho... Então, essa minha amiga, ela teve essa grande sacada de, que ela queria aprender a língua de sinais e eu precisava aprender os conteúdos, então a gente teve essa troca.

P. Certo. Esse apoio que você teve aqui na instituição, de onde que partiu, então? Foi através de uma colega, que você já falou, e através do serviço da PROACE, é isso?

E. Isso, exatamente. Essa questão do intérprete eu tive muito acompanhamento sim, assim, mas a questão de estudar... língua portuguesa... que tem a ver com os termos técnicos do meu curso, eu tive que ter esse apoio dessa minha amiga. Agora, falando sobre o intérprete, eu não vou citar nomes, né, mas, por exemplo, tinham alguns que não tinham tanta... tanto perfil para isso... eu tinha que pedir para perguntar, para esclarecer de novo algumas coisas, para contextualizar, por que, às vezes, eu não entendia, né. Eu acho que, assim, no processo seletivo de um concurso de uma universidade, o tradutor-intérprete, ali, tem que ser bem avaliado, para não acontecer esse caso que acontecia dentro de sala de aula comigo, de eu ter que ficar perguntando e tentando entender o que ela estava falando, por que eu não estava entendendo.

P. Sim. É... E você chegou a fazer algum questionamento, alguma reclamação, quanto a essa interpretação?

E. Sim, fiz. Foi tudo registrado.

P. Isso foi corrigido, ou não?

E. Por que, se eu não reclamasse, como que essa pessoa ia poder melhorar? Aqui é um trabalho sério, é um trabalho que é um serviço público, né, tem que ter qualidade. Eu percebo que, por exemplo, quando a gente vai numa palestra, os surdos olham o intérprete que não está fazendo seu trabalho corretamente, eles têm preguiça, eles vão bater papo. Agora, se tiver um intérprete que ele é proficiente na língua de sinais, o surdo vai querer prestar atenção, para poder aprender aquilo que está sendo falado.

P. Certo. E quando você fez a reclamação problema foi corrigido?

E. Sim.

P. Última pergunta, já. Você considera que todo o apoio que poderia ser dado foi oferecido? Se sim, dê exemplos, ou, se não, dê exemplos.

E. Sim. Sim. Tive apoio sim. Todo o apoio que eu precisei. Mas eu estou falando aqui agora a respeito do apoio que às vezes eu sentia falta dos meus próprios amigos, em sala de aula, que às vezes, eu não sentia tanto apoio, a não ser dessa minha amiga, né. Quando eu tinha dúvidas, eu perguntava aos professores, mas eu tive sim, todo esse apoio.

P. Certo. São essas questões. Você quer complementar com mais alguma coisa? Você quer falar mais alguma coisa?

E. Só isso. Normal. Tudo bem.

P. Então, muito obrigado por participar.

E. Eu que agradeço, né. Eu poder contribuir com a sua pesquisa, e saber a opinião de uma pessoa que é surda, eu que te agradeço.

P. Ótimo. Obrigado.

Aluno 4

P. É... Meu nome é Diego, hoje é dia vinte e oito de junho de dois mil e dezoito, eu estou aqui com o aluno XXXXX, que vai ser um dos entrevistados. XXXX, você está a vontade para responder, está tranquilo?

E. Sim.

P. Tá. XXXX, então vão ser seis perguntas, né, dessas seis perguntas a gente pode se aprofundar em alguma, ou não, de acordo com essa conversa rápida que a gente vai ter. Primeira pergunta: Sua deficiência ou necessidade especial foi declarada no ato da matrícula? E, se foi, ou não, por quê?

E. Foi declarada. Em todos os documentos, foi entregue uma impressão, já quando eu passei, eu entreguei uma impressão do meu documento, foi tudo certo, já que eu era menor, foi meu próprio pai e minha própria mãe que entregaram.

P. É... Então o motivo é por que foi pedido no ato da matrícula?

E. É... Foi pedido, e também, por causa que, para eu ter os direitos.

P. Certo. É... Quais suas necessidades para superar suas dificuldades quanto à questão acadêmica?

E. Eu preciso de um leitor, e principalmente, de um transcritor nas minhas provas, apesar de que minha letra é ruim, não é distinguível, é outra coisa, e também, é por que eu tenho grande dificuldade em ler sozinho, grandes textos. Pequenos eu consigo, com extrema facilidade, mas longos, não. Longos eu me perco, quando o pensamento vai muito mais rápido e eu começo a perder o ritmo.

P. Certo, essas suas necessidades, elas foram supridas durante o ensino fundamental e médio? E de que maneira?

E. Sim. Posso falar o curso que eu estudava, na escola?

P. Pode.

E. Sim, na escola que eu estudava, XXXX (escola), eles foram extremamente cuidadosos com isso, tive leitor, transcritor, em todas as minhas provas, além do desconto. E... Tudo, ENEM, vestibular, Fuvest, tudo eu tive um transcritor e um leitor, por toda a minha vida. Só em algumas provas de redação que aí eu não conseguia passar, aí eu não conseguia, e até hoje. Sem essa nota, sem algumas dessas ajudas, como na redação, eu tenho perda de mais de cento e vinte cinco por cento da minha nota.

P. É... E essas necessidades foram ou estão sendo supridas durante o ensino superior? E de que maneira?

E. Sim, estão muito bem supridas, principalmente com a minha tutora, que é uma pessoa extremamente gentil e não é da minha matéria, assim, ela é neutra, quando faço as provas, e é extremamente profissional.

P. É... Caso haja, ou tenha havido algum apoio ou suporte durante o ensino superior, de onde partiu esse suporte? De onde que surgiu o apoio que você teve, a ajuda que você teve, no ensino superior? Quem que te deu esse apoio?

E. A PROACE. No ensino superior, foi dado e eu fui atrás. A escola ofereceu o ensino, a ajuda, eu aceitei, só que aí eu tive que receber uma ligação para eles me orientarem melhor. Não foi, essa ligação, ou eu perdi, ou não foi dada, aí, num dia que eu tive que fazer a prova com um professor, eu não tinha capacidade de fazer a prova do jeito que ele pedia, que era com um gravador, então, nesse dia, eu, e mesmo o professor, que eu não vou falar o nome dele, pra eu não... fomos atrás. O mesmo me ajudou e ele mesmo não sabia, então, nós mesmos fomos atrás e, graças a isso, hoje, eu tenho essa ajuda.

P. Você considera, XXXX, que todo o apoio que poderia ser dado, foi oferecido?

E. Sim. Sim. Até certo apoio de mais, tipo... Os apoios que eu tenho, eu acho legal, mas eu acho, tipo assim, eu como XXXXX (deficiência), acho que é diferente eu ter uma hora a mais, e é preciso, eu tenho mais dificuldade para ler, tenho que ler várias vezes o texto, mas acho que, assim, tipo, eu sou XXXX (deficiência), sou uma pessoa, entre aspas, normal. Alguém cego, com surdez ou outras coisas, precisariam de, no mínimo, três horas, e tem duas, uma hora a mais do que eu. Eu sou uma pessoa, tipo extremamente, bem mais capacitada, em algumas coisas, do que ele, mesmo o cego, o surdo, sendo, nessas outras funções, supercapacidade.

P. Oquei. É isso, são essas seis questões. Muito obrigado. Você quer complementar mais alguma coisa?

E. Não.

Entrevistas com professores

P1

P. Meu nome é Diego de Moraes Batista. Como parte do trabalho de Mestrado em Administração pública, estou fazendo uma entrevista semiestruturada, o título é Análise Crítica do trabalho desenvolvido pelo Setor de Acessibilidade da Assistência Estudantil da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Estou aqui com uma das professoras que foram sorteadas, professora XXXXX, e com o auxílio de uma tradutora/intérprete de LIBRAS, a Dani. XXXX, você está a vontade em participar da entrevista, está tranquila?

E. Sim.

P. Tá. Então, a gente está gravando e vamos começar com as perguntas, são seis questões abertas. São quatro perguntas, na verdade. Primeira pergunta: Qual tipo de deficiência, quanto à questão acadêmica, você pode identificar no aluno que foi atendido?

E. É... O tipo de deficiência, na minha disciplina, eu posso dizer que todos os tipos têm capacidade de aprender LIBRAS. Como a deficiência da aluna, que eu tive, do curso XXXXXXXX, a deficiência é múltipla. Eu percebi, no caso dela, que tem mais dificuldade trabalhar prática, por quê? Por causa da deficiência dela, ela não consegue fazer certo, mas ela consegue entender o que eu estou fazendo em LIBRAS, né. LIBRAS é uma língua, né, que a gente utiliza com a mão, com expressão facial e expressão corporal, para poder comunicar com as pessoas que têm problemas de audição. Então, um outro tipo é deficiência visual, também tem capacidade. A gente tem que pegar a mão desses deficientes, para poder aprender, então consegue fazer a prática, e consegue também aprender a teoria da minha disciplina. Então são esses tipos que eu tive experiência, outros não.

P. Certo. No caso dessa que você falou, múltiplas, ela tem uma deficiência motora, então, ela conseguia entender bem a matéria, só não conseguia fazer os gestos, os sinais para a LIBRAS, é isso?

E. Isto.

P. Então, quanto à questão acadêmica, ela não teve nenhum prejuízo quanto a aprender a matéria, quanto à aprendizagem em sala de aula com a sua matéria?

E. É. Aprendeu, conseguiu aprovação das minhas disciplinas. Então... só a parte prática que ela teve mais dificuldade, só.

P. Você teve que reelaborar o planejamento das aulas devido à necessidade do aluno atendido, alguma vez? Se sim, dê algum exemplo.

E. Eu elaborei diferente para ela.

P. Como que foi essa elaboração?

E. No caso dessa aluna, né, deficiente múltiplas e também visual. Eu tive que planejar, tive que fazer diferente. Então assim, no caso da pessoa com deficiência múltipla, eu tive que elaborar umas atividades diferentes, por que não era essa pessoa que escrevia, era a monitora dela. A escrita, coloquei a parte prática que ela aprendeu comigo, eu sinalizando, conversando LIBRAS, eu coloquei a parte mais assim, escrita para ela, por que, na minha matéria, eu apliquei atividades práticas para os alunos fazerem apresentação em LIBRAS. O dela foi diferente, o dela foi a escrita, e não a apresentação em LIBRAS.

P. Entendi. Por que não tinha como ela realizar, né?

E. Isso.

P. Tá. É... Quais os tipos de apoio foram recebidos para o atendimento para o aluno? Você recebeu algum tipo de apoio para atender ela?

E. Não.

P. Você considera que deveria ter sido oferecido algum apoio nesse caso? Sim ou não, e alguns exemplos.

E. É. Com a minha experiência, eu não precisei eu mesmo me virei para trabalhar com essas pessoas com deficiência.

P. Então, não foi necessário algum outro tipo de apoio, você mesmo conseguiu adaptar, como você mesmo falou, e deu tudo certo?

E. Não.

P. Então, são só essas perguntas, você que complementar com mais alguma coisa?

E. Não.

P. Está bem. Muito obrigado.

P2

P. Meu nome é Diego, hoje é dia nove de julho de dois mil e dezoito. Estou aqui com uma das professoras que foram sorteadas, o professor XXXXX. Essa é uma

entrevista para análise do trabalho desenvolvido no Setor de Acessibilidade, da Assistência Estudantil da UFTM. É uma entrevista semiestruturada, e aqui são quatro questões, a princípio. Você está tranquila para responder?

E. Sim, claro. Quando quiser.

P. Tá. Primeira pergunta. Quais tipos de deficiência, quanto à questão acadêmica, você pode identificar nos alunos atendidos?

E. Então, desde que eu cheguei aqui, eu vou falar do que, pra gente, foi inicialmente, apresentou é... uma dificuldade, né, por que não tinha... Eu vim de outras universidades. Até já tinha passado por isso em outras universidades, mas não, é... tão sério, né... Eu tinha uma aluna, que eles chamam de visão subnormal, né, ou baixa visão, cada um dá uma nomenclatura, mas ela enxergava, né, um pouco, e a gente trabalhava com ampliação de textos, e tal. Não era tão difícil assim, né. Agora, aqui na UFTM, no primeiro, é... no primeiro período, primeira turma que eu dei aula, eu tive um aluno que tinha deficiência visual total e, quando eu cheguei aqui, a primeira vez que eu estive, inclusive, fui apresentada a ele, e daí já começou a minha preocupação, né, como é que a gente ia fazer, o que a universidade tinha, o que a universidade oferecia pra nós. E é assim, a gente tinha a PROACE, já, que tinha ali, inicialmente, também, começando, uma estrutura de apoio, né, à questão dos alunos e aí esse apoio era mais na confecção de material, né. E pra gente ficava a questão didática mesmo, né. Por exemplo, como você trabalhava uma imagem, quando, por exemplo, você tem um aluno que é cego, quando você trabalha fragmentos de filmes, de documentários, enquanto isso você tem um aluno cego... Então, a partir daí, é que a gente foi pensando, mas a identificação foi direta, por que era uma deficiência visual. Depois desse aluno, a gente teve... Eu tive outros alunos, também, com a deficiência visual, mas, é... Como é que eu te falo... Apresentava algumas outras... Alguns outros comprometimentos, também... Eu não sei como eu chamo isso... Vamos chamar de múltiplas deficiências, não sei nominar, assim, mas inclusive deficiência de ordem cognitiva, por que eu não sei nomear, né, e também eu não quero correr o risco aqui de fazer uma... fazer referência a algum estigma, algum rótulo, eu não gosto muito disso, mas apresentava outras deficiências, e a gente, eu pelo menos, percebia, na própria relação mesmo, na sala de aula né. Em um momento de você conversar, por que minha aula é bastante dialogada, aí você percebe, né, quando tem uma interação ou não tem ou não entende, né. Às vezes, esse outro aluno, que chegou depois, por exemplo, ele era mais isolado, ele era muito quieto, eu percebia que alguém levava ele até a porta da sala e quando a gente

saía tinha alguém lá esperando ele. E até eu chegar e conversar e saber o que estava acontecendo, eu fui percebendo que ele tinha algumas dificuldades, mas esse aluno trancou o curso, né, não era um aluno do curso de XXXX (CURSO), era das licenciaturas, mas eu soube que ele tinha, também a questão da deficiência visual e outras, né, como eu te disse, eu não sei te identificar, mas, como que a gente faz isso, como que a gente identifica, é na relação, mesmo, né.

P. E eles apresentavam alguma dificuldade acadêmica?

E. Então, não! Esse... Eu vou falar mais desse, por que, esse que foi do nosso curso, eu pude acompanhar ele durante quatro anos, né, então é diferente. Agora, os outros foi muito rápido, a relação e mesmo a permanência nas disciplinas, mas esse, ele não tinha dificuldade, muito pelo contrário. E ele tinha uma autonomia tecnológica invejável, melhor do que a gente que é vidente, né, que vê. Por que ele estava sempre com um aparelho celular novo, lançamento... Um óculos que fazia não sei quantas funções, que apitava... que quando você estava indo para a parece ele dava um sinalzinho... É... Um senso de direção incrível, né... Eu estava recém chegada em Uberaba, então eu perguntava onde fica tal coisa, e ele: Á... Você pega tal rua e vira à direita, vira à esquerda, né... Às vezes a gente até brincava com ele: Você mente, não pode ser, né. Então, ele não apresentava nenhuma dificuldade acadêmica, e nem mesmo de autonomia, assim... Claro que guardadas as limitações, né. Então, quando eu via que ele ia pegar elevador, ou alguma coisa eu... Tinha sempre alguém por perto... A gente descia as rampas com ele... Ele às vezes fazia... Ele pegava a gente no braço e descia as escadas aqui correndo e quase me matava de susto... Então, assim, é uma pessoa muito autônoma. Com esse, especificamente, nenhuma. Esse outro que eu te falei, eu percebia que eu tinha um pouco mais de dificuldade, mas eu acredito que não só pela deficiência visual, né. Eu acho que ele tinha ajuda de alguém em casa, eu imagino, e assim, pra mim é... A referência que eu tenho é esse aluno que ficou mais tempo, né, e que hoje a gente conhece, é profissional, já saiu daqui pra fazer pós graduação. Aliás, acho que da turma dele, poucos fizeram. Talvez ele seja um dos primeiros que tenha feito pós-graduação. Então, isso já demonstra que ele... Dificuldade acadêmica, nenhuma.

P. Você teve que reelaborar o planejamento das aulas, devido à necessidade do aluno atendido?

E. Á, sim. Á, com certeza. Por exemplo, a produção de textos, né, quando a gente enviava. Então ele tinha que ser... Vinha pra PROACE e tinha uma pessoa responsável, aqui, uma servidora que fazia a digitalização e mandava para ele, o que para os outros

eu deixo lá na copiadora, né. Quando... Filmes, né, a gente passava filmes, alguma coisa assim, eu sentava do lado dele e fazia uma descrição, coisa que normalmente você não faz isso, né. Em alguns momentos, eu pediria para ver em casa, né, mas tendo ele, eu projetava ali, para que ele pudesse ver e tivesse alguém, ou a professora, eu, no caso, ou algum colega. Os colegas de turma dele sempre foram colegas bem atenciosos, é... Por final, acho que no quarto período, se não me engano, ele teve a Monitoria Inclusiva, né, especial, que também acompanhou em relação a TCC, essa questão toda. Mas, muitas vezes, né. E a própria fala, né, de você estar, de repente mostrando um slide e falar: Olha, veja aqui... Então eu fui fazer a leitura, que a gente não fazia... E muitas vezes voltava.... Então, o planejamento da aula... A didática, principalmente foi outra, e o planejamento, também de conteúdo também, mas eu não vejo que foi decréscimo, muito pelo contrário, eu aprendi demais, assim, foi uma super experiência, pra mim, assim, didática, pedagógica, de relação, é... não sei se posso contar pra você aqui, mas se não te interessar, depois você edita aí, mas teve um episódio aqui que até hoje, e isso já tem... Foi em dois mil e dez... É! Oito anos, já. Nós estávamos aqui no Centro Educacional, e acabou a energia e aí, assim, todo mundo apavorado, né, as meninas, aquela coisa toda, gritando e aí, já tinham passado quinze minutos, e não tinha voltado, e bom, a gente é... suspende a aula hoje, por que, né... Não temos como continuar com a aula. E aí eu falei, só que, vamos sair todo mundo em silêncio, em fila e tal, de uma maneira organizada, por que estava tudo muito escuro, e tal... E aí, de repente, ele vira e fala assim: (risos) Mas pra mim a aula é assim todo dia (entrevistado demonstra se emocionar nesse momento). Nossa, aquilo... Todo mundo ficou mudo né! Eu, parece que o chão abriu, aí eu falei... É... Pois é... Então, a gente vai ficar aqui. E aí a gente fez uma aula, todos, no escuro, do jeito que a gente imagina que fosse pra ele, né. E aquilo me impactou de uma forma tão grande, assim, que depois, todas as vezes que acontecia alguma coisa, a gente.. Nossa... Esse é o universo... Esse é o mundo. É assim que ele se coloca, é assim que ele... Assim, que a gente pode também, né. Mas é muito difícil, Diego. Assim, depois dessa experiência... E depois a gente saiu, eu via ele, e falava assim, nossa, você ficou mudo? O que que foi? Você passou mal? Eu eu falei: não... Eu só entendi o que de fato acontece com você, né... E assim, se colocar... E a sala foi bem gentil, também, os outros alunos ficaram, todo mundo permaneceu, e eu fiz uma aula expositiva, falada, não sei como chama isso... Mas foi uma experiência e tanto. Então, assim, se há mudança, tem que ter, Diego. Por que, do jeito que a gente tem, hoje, né, como se fala... Os conteúdos, você não faz... Você não pensa no conteúdo pensando numa pessoa com

limitações, né?! Você não faz... Á, se for cadeirante, essa pessoa vai ficar sentada aqui, ou não. Se a tela está alta, ou não. E quando eu falo a gente, eu não falo só de mim, eu falo da universidade, né, assim, do curso, da estrutura, né. Será que, se for um cadeirante, por exemplo, se vai conseguir ver a tela aqui, ou vai ter que... né... Por que é diferente. A questão do deficiente visual também, né, que foi o que me pegou mais. Então, o planejamento e a didática, né. A gente não tem preparo suficiente. Ainda hoje, né. Para você ver, ele foi da minha primeira turma do curso e, acho que tem um esforço. Deixa um esforço, depois dele, que a gente veja. Agora a gente recebeu no curso alguns alunos, então... Ainda não veio pra mim, na minha turma, mas eu tenho perguntado. Como é que vocês têm feito? Como é que é? E é uma preocupação, por que, tem algumas situações bem complicadas, assim, tem que ter mudança, não tem jeito. Se a gente não entender que precisa mudar, você não consegue que esse aluno se sinta parte ou incluso, ou que ele vai dar conta de acompanhar. E aí depende muito do professor. Eu acredito.

P. Certo. A próxima pergunta é: Qual tipo ou quais tipos de apoio foram recebidos para o atendimento aos alunos? Você falou da PROACE, dos próprios colegas..

E. A PROACE, os próprios colegas, os docentes, a coordenação do curso, que, na época, né... Chegou: olha você tem um aluno deficiente... Embora eu já tivesse o conhecido, né. Que eu já o conheci no primeiro dia que eu cheguei aqui. E aí, assi,, sempre no início do semestre, vai separar as disciplinas. Tá, manda para o email da secretaria, a secretaria distribui e tal... E a gente mandava direto para o email da PROACE, então, teve esse apoio sim, depois, logo em seguida, teve a professora Rosimár, na PROACE, que também vi que, por parte dela, também tinha um apoio, assim, no sentido de pensar na Monitoria Inclusiva... Deixar um funcionário para ajudar, um servidor pra fazer esse tipo de trabalho dos textos, então, acho que isso foi um apoio. Em termos de estrutura, logo em seguida, fez aquele piso tátil, algumas escritas, né, em Braille, que até tinha uma crítica dele muito, né, de relação a isso, por que fizeram sem consultar os que, de fato, iam usar, e parece que não é o mais adequado. E eu vejo, assim, a gente conversou muito sobre isso. É um esforço. É uma tentativa. A gente sabe que a universidade só faz quando é... tem que atender uma legislação, tem que fazer, é uma portaria, né. Mas está indo, já é um começo, mas o como, talvez deveria ser conversado com esses que de fato usam diretamente do serviço, né. Então... A rampa, o piso, o escrito em Braille. Tudo isso eu acho que, de certa forma é um apoio. Não é o suficiente? Acho que não. Até pela própria avaliação daqueles que vão usar.

Dizem que não é o melhor, assim. Mas em relação a esse aluno, especificamente, ou até o outro que é de outro curso, eu sentia, por parte dos colegas que, assim, não, vamos tentar, vamos fazer alguma coisa. Não sei, Diego, se foi o melhor, sabe. Eu acho que, se a gente for fazer uma avaliação... Ai.. é efetivo..? Cumpre com o papel? Acho que não! Mas foi feito, não dá pra dizer: Não tem nada! Nossa, não olha! Acho que aí também não. Se for pra responder assim, simplesmente: teve um apoio? Teve. Teve um apoio inicial. Acho que isso não foi tão desenvolvido, né. Eu não sei... Agora a gente está recebendo alunos e eu te confesso que eu fico bem preocupada, por que eu não sei como que vai ser, né. Então, eu sei que tem alunos, por exemplo, com paralisia cerebral, que tem o cognitivo que está funcionando bem, mas que... coordenação... né... Até a própria expressão, verbalização... Eu encontrei um rapaz, acho que ele está no segundo período do curso, eu encontrei ele em uma das nossas aulas coletivas, e é difícil, assim, né. Eu não sei te dizer... Mas...

P. Então, eu acho que você já respondeu, ou respondeu em parte, ao menos, a próxima pergunta, que seria: se você considera que todo o apoio que poderia ser ofertado foi oferecido, e alguns exemplos.

E. Então, eu acho que eu já respondi, mas eu acho que vou enfatizar um pouco essa questão. Eu acho que tinha à época que a gente estava começando, eu acho que foi oferecido, mas não vejo que ele foi pleno, suficiente.... Não. Por que a gente estava, também, aprendendo a fazer, junto com ele. Aliás, a gente só foi fazer por que existia ele ali. Então, de certa forma, ele nos movimentava, ele nos mobilizava, nos inquietava em pensar. Por exemplo, eu conversei com ele, por que, dia de prova, como é que era dia de prova, né... Fazia separado? Eu não achava que era legal. Eu já achava que ele tinha que fazer junto com os colegas, que ele tinha que participar de toda a dinâmica da sala de aula, sem exceção. E aí foi onde a gente pensou... Eu vou ditar as questões, você vai trazer seu computador, seu notebook e você vai fazer aqui. Por que ele já digitava, ele tinha um programinha lá né... Que falava com ele, e tal. Então, essas pequenas atitudes ou busca que a gente ia fazendo. Mas isso não é o que seria pra facilitar, assim... Á, já tem na sala de aula um computador, com a disponibilidade de um programa... Mas eram arranjos que a gente fazia dentro das nossas próprias condições. Então eu penso, quando você pergunta, se foi dado o apoio, né... Foi. O que a gente podia fazer a gente fez, mas muito incipiente, muito amador, né. Eu acho que se a gente tivesse uma estrutura bacana, e quando esse aluno chega, na entrada aqui. Quando você olha aquela rampa ali, ela é horrível, e ela é super estreita. Então ele acabada vindo

pelas escadas. Aquilo me incomodava, por que os degraus daquela escada, ele é curto até pra gente, né. Então, não é só pra eles, é pra uma pessoa que tenha qualquer outra limitação qualquer, é difícil. Uma sala, com ambiente em que tivesse uma estrutura como essa, né, que eu falei da prova, fosse adequada, né. Quando você vai pra um evento aqui nos nossos anfiteatros, o que eles tem além de uma cadeira, só, larga assim... Pra receber pessoas com deficiência... Tem pessoas com vários outros tipos. Então, ele não é o mais adequado, né. Às vezes você tem só um equipamento de projeção que não tem um som legal e aí no caso do deficiente visual, é a audição, que pra ele vai funcionar, o outro é uma rampa, um elevador, enfim. Eu acho que, naquele tempo, né, e eu estou falando da experiência que eu vivi, a gente fez o que podia ser feito. Embora, assim, muito amador, e com muita vontade. Acho que com muito respeito do docente, né, acho que do curso, posso dizer. Alguns colegas de outros departamentos que também dava aula à época, eu vejo que, eu chamo de esforço, assim, Diego. Eu acho que tinha uma solidariedade. Tipo: Á, tem um aluno lá com essa condição, vamos ver o que dá pra fazer. Agora, quando você olha pra isso, pensando: ele tem direito a esse espaço como um outro qualquer, né. Aluno com outras condições plenas, aí eu acho que não. E até hoje, assim, com oito anos na UFTM, quase nove anos que eu estou aqui, eu não vejo que a coisa tenha ampliado muito. Assim. Uma questão que ele tenha, lá atrás, quando ele estava... Que foi uma questão que a gente tentou muito, muito, foi os audiobooks e a universidade não tem. Não tem nem assinatura de alguns audiobooks, que a gente precisava, a gente não tinha. E assim, a gente tinha alguém, lá de não dei de onde, que disponibilizava... Alguém que fazia uma leitura, né. Que seria um facilitador, por exemplo, né, para o aprendizado, para a relação, né. Nesse caso, ele até tinha algumas coisas, por que ele tinha a iniciativa própria, ele era muito autônomo e ele era uma pessoa assim ligada, antenada com tudo. Mas não dá pra você colocar todos na mesma condição, de autonomia, né. Então, assim, já era uma pessoa mais experiente, mais vivida, e também servidor daqui da universidade. Talvez com uma condição financeira diferente de outros, né. Então, quando você olha, você analisa, é muito diferente tudo, assim, Então eu acho que... A gente fez? Tá! Mas não é por que a gente fez que tem que falar assim: nossa... Não! Eu acho que a gente poderia ter feito mais, eu acho que a gente precisa melhorar, que a gente precisa olhar pra universidade como um espaço de todos e para todos, assim, sabe. Que não seja só esses momentos: Á, hoje eu tenho um aluno com tal deficiência, então eu corro ali e vou tentar atender essa demanda... E amanhã eu tenho outro e vou tentar esse... Não, eu tenho que estar

preparado, e a gente também, né. Pedagogicamente, didaticamente falando. Mas eu acho que é isso.

P. Ótimo. Muito bom. Você quer complementar mais alguma coisa?

E. Não, eu só queria, depois, quando você terminasse a sua pesquisa, que você pudesse compartilhar com a gente, para a gente conhecer um pouco mais, por que eu acho que esse tema é um tema que tem que estar em pauta, que tem que fazer parte do cotidiano do profs, sabe. Está olhando, assim. Por que, se a gente for falar de... Eu não falo tanto deficiência, eu falo mais limitação, por que todos nós temos, algum tipo, né. Mas algumas mais graves, mais severas, que precisam de mais atenção. E aí eu queria saber, depois, do resultado, mas, fora isso, te cumprimentar pelo tema de estudo e o quanto a gente precisa ter isso em pauta.

P. Muito obrigado.

P3

P. Bom dia, eu estou gravando, hoje é dia cinco de julho de dois mil e dezoito, nove e vinte da manhã, sou o Diego, mestrando em administração pública pela UFTM e o título do meu trabalho é Análise Crítica do Trabalho Desenvolvido pelo Setor de Acessibilidade da Assistência Estudantil da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, eu estou aqui com um dos professores selecionadas através de sorteio, que é professor XXXXX, que foi um dos professores que atenderam alunos com deficiência, atendido pelo Setor de Acessibilidade. Bom dia XXXXX, você está a vontade para responder às perguntas?

E. Sim. Pois não, pode ficar a vontade para fazê-las.

P. Tá. São quatro perguntas, é uma entrevista semiestruturada, então, se você quiser complementar alguma coisa, além da pergunta original, pode, a gente pode se estender um pouco, ou, se não, são só as quatro perguntas mesmo. Primeira pergunta. Qual tipo de deficiência, quanto à questão acadêmica, você pode identificar nos alunos atendidos?

E. Sim. Depois de vinte anos aqui no Cefores, Diego, a gente tem atendido vários tipos de deficiências. Deficiência de aprendizagem, deficiência física, por exemplo, cadeirante, nós já tivemos cadeirante, cadeirante permanente e outros em fase transitória, devido a acidente, até a recuperação final, dependendo de uma cadeira de rodas. E nós já tivemos também o deficiente visual e, ultimamente, nós tivemos... nós tivemos um caso, em que o aluno já se formou, é o surdo mudo, e atualmente no curso

de técnico de radiologia, atualmente nós ainda temos outro aluno, surdo mudo, no curso técnico de radiologia.

P. Segunda pergunta, você teve que reelaborar planejamento das aulas, devido à necessidade dos alunos atendidos? Se sim, você pode dar alguns exemplos?

E. Sim, parcialmente sim, principalmente no caso do surdo mudo, que nós temos o intérprete, fornecido pelo setor da UFTM chamado PROACE, é, na hora de ministrar a aula, você tem que ter uma atenção especial, por que, você tem que fazer o intérprete entender o conteúdo, para ela transmitir para o aluno, no caso, discente, então, tem que ser explicado assim, com mais detalhes, né, por que você está explicando, na realidade, para uma pessoa que, às vezes, conhece pouco de matemática, no caso, o intérprete, então, você tem que adaptar sim! Você tem que elaborar a sua aula pensando nessa situação.

P. É... Qual ou quais tipos de apoio foram recebidos para o atendimento desses alunos?

E. Bom, a PROACE, que é o setor que atende à Universidade e à nossa escola técnica aqui, ela tem feito o possível, tentado criar estratégias, né, apesar de que, poucas intérpretes para atender tanta gente, no caso do surdo mudo, mas eles têm dado atenção especial, tá. No caso do cadeirante, um dos alunos que nós tivemos, ele até desistiu do curso, não por causa de atendimento, a PROACE arrumou uma fisioterapeuta, para estar junto com esse aluno cadeirante, para ver as adaptações que a engenharia da universidade precisava de fazer para esse aluno. Então, a gente tem sido atendido sim, dentro da medida do possível, por que a gente sabe que nada é fácil, a questão de verba, a questão de agilidade, mas têm criado estratégias, táticas para que o aluno permaneça.

P. É... Quarta e última pergunta, você considera que todo o apoio que poderia ser dado foi oferecido? E se você pode dar alguns exemplos quanto a isso.

E. Bom, é praticamente a resposta da pergunta anterior. Na medida do possível, tem sido dado sim. Os professores, muito atenciosos, tentando criar estratégias, além desse apoio da PROACE, como eu disse, e vou repetir, que certas coisas não saem assim de um dia para o outro, nós estamos dentro de uma universidade, é um serviço público, muita coisa depende de licitação, no caso aqui embaixo, no campus um, quando estraga o elevador, por exemplo, é complicado, às vezes falta uma peça, não é possível tirar o dinheiro do bolso e fazer assim: vai ali na empresa tal e compra. Então, tem essas demoras sim, mas isso é reconhecido pelo fato de a gente estar em uma instituição pública.

- P. Oquei, é isso. Você quer complementar mais alguma coisa?
- E. Não...
- P. Está bem. Muito obrigado!

P4

P. Meu nome é Diego, mestrando em Administração Pública. Hoje é dia onze de julho de dois mil e dezoito. Estou aqui com um dos professores que vai ser entrevistado, professor XXXXX. XXXXX, é uma entrevista semiestruturada, são quatro perguntinhas, só, e, como é semiestruturada, a gente pode se aprofundar em alguma, ou não. Depende de em que a gente vai chegar nessa conversa. Você está a vontade para fazer a entrevista?

E. Sim. Tranquilo.

P. Está bem. Então, eu estou gravando, né. Primeira pergunta XXXX: Quais tipos de deficiência, quanto à questão acadêmica, você pode identificar nos alunos atendidos?

E. Posso falar o nome do aluno, nesse caso?

P. Sim.

E. Então, o (ALUNO), ele, desde o início, a gente já tinha sido informado, né, Diego, do (DEFICIÊNCIA) e, assim, eu tentei deixar ele em à vontade o tempo inteiro, na participação nas aulas, nem tendo feito uma conversa direta com ele, no início... E eu achei uma participação bem tranquila, assim, do ponto de vista de identificar o transtorno ao longo do tempo, do funcionamento do curso, foi mais na hora da avaliação mesmo... que eu fiz uma adequação, né, para poder atender uma... um diferencial ali, da questão da leitura dele mesmo, né. Ele ter a avaliação que exigisse a leitura e escrita dele, num segundo momento... E num primeiro momento ele trabalhou em grupo, inclusive foi bem positivo, assim, a participação dele.

P. A dificuldade dele, então, é de leitura e escrita?

E. É... A gente tinha sido informado sobre isso já, né. Que privilegiasse, na hora da avaliação, algum tipo de avaliação oral, né. E ele tinha vários textos que estavam disponibilizados pra ele, e ele me informou que tinha leitores de textos com ele, que estavam fazendo o acompanhamento. E... Como eu já faço uma prática para todos os alunos, que é deixar textos das minhas aulas. Então, eu transcrevo as minhas aulas, além dos textos complementares. Então, ele tinha essa chance de ter os textos da aula, caso ele não esteja entendendo bem, né, a minha exposição ali, ele tinha ainda o recurso de

ter o recurso do leitor fazendo com ele, depois dessas aulas escritas. Então, não sei se isso também facilitou pra ele. O fato é que, depois que a gente foi fazer essa avaliação oral, no final, eu só perguntei pra ele, né, se ele poderia me identificar os temas que foram mais fáceis dele trabalhar, as dificuldades que ele teve, e de pronto ele já me citou, ali, três, bem amadurecimento, assim, leitura de três temas que a gente tinha trabalhado ao longo do curso. Então, acho que ele mesmo não teve, assim, tanta dificuldade na hora de estar trabalhando com esse material que estava disponível ali.

P. Então, acho que você até já respondeu, ou em parte, essa segunda questão, que era se você teve que reelaborar o planejamento das aulas, devido à necessidade do aluno atendido...

E. É, eu não tive, por que esse material ele já é disponível mesmo, né. Eu trabalho com plataforma Moodle, então, todos os alunos têm acesso a esses textos. A minha única preocupação, que daí eu confirmei isso com ele, é se ele estava tendo a oportunidade de fazer, né, a leitura, né. E ele, inclusive, eu cheguei a ver, ele tinha um material muito bem organizado, ele tem uma pasta, que ele estava com todos os textos ali, enfim, os outros alunos nem têm todo esse cuidado que ele tinha, com todo o material na mão, né, enfim. E... Então, assim, foi isso, né, eu já me certifiquei que ele poderia estar trabalhando com esse material... E a questão da avaliação, né, num segundo tempo. Primeiro, né, eu não tive que me preocupar, né, que eram seminários, ele fazia em grupo. Ele fez uma fala, no final... Inclusive, ele identificou uma questão que o grupo... Que não era muito comum, por que, parece que eles não tinham discutido isso no grupo, e no momento ele conseguiu apresentar essa questão importante, ali, né... Então eu acho que ele estava mesmo bem tranquilo, assim, com relação ao conteúdo, e na segunda avaliação a gente fez oral, né. E foi engraçado, por que ele me falou tantas coisas, e no final ele me perguntou assim: mas você não vai me perguntar nada? E eu falei: eu não vou precisar te perguntar nada, né, por que ele já se antecipou, falando dessas temáticas, que a gente tinha trabalhado, né. Então, achei que foi tranquilo, assim, trabalhar com o XXXXX. Não sei se ele achou tranquilo trabalhar comigo... (risos), mas foi bem... Pra mim foi uma experiência bacana, também.

P. É... E você já acabou de responder parte da próxima, também, que era: quais tipos de apoio foram recebidos para o atendimento desse aluno. Você falou que ele teve um leitor, né, e que você recebeu algumas informações prévias quanto às necessidades...

E. Sim. A gente recebeu orientações, inclusive de um médico dele, né. Acho que isso foi para todos os professores que atendiam o XXXXX, explicando, né, como que

ele estava sendo cuidado, até agora, esse atendimento especial que havia sendo feito já, desde o ensino fundamental e médio dele, que ele faz esse acompanhamento, né. Então, já veio ali... É... O que mais me chamou atenção, é o que interferiria nessa questão da avaliação, mas foi essa solicitação deles, né, para que privilegiasse, todos os professores, nesse caso, a questão da oralidade mesmo, né... Enfim... E foi tranquilo, assim, quando ele fez essa segunda avaliação, ele tem algumas dificuldades na busca das palavras, né. Às vezes ele vai fazer as frases assim, e falta alguma coisa, mas logo ele se acerta ali, né. Então, isso é uma coisa que era um estímulo, né, para que a gente se atentasse, de forma especial, ali... Acho que quem leu ali, o material que veio, ali, pra gente de orientação, não teve muita dificuldades para trabalhar.

P. Esse médico que você falou, ele é um médico dele mesmo, que já acompanhava ele, ou um médico da universidade? Você sabe?

E. Não. Eu acho que médico dele. Pelo que eu entendi.... Eu teria que confirmar para você... Eu tenho até hoje, no meu email, isso, mas eu acho que é um médico de família mesmo, que vinha acompanhando ele. Inclusive pelo detalhamento que ele teve ali, né, de questões.

P. Então, esse apoio veio do leitor da UFTM, como você mesmo falou, e também da própria família, né, que também se antecipou em trazer essas informações, pelo médico...

E. Isso é uma coisa que eu notei bastante, também, na fala dele, que é um menino bem presente assim, sabe?! E... Parece que ele tem um irmão também, um irmão gêmeo, que parece ter, também, o transtorno... Então parece que eles já vinham acompanhando bem direitinho, assim... E ele tem muitos planos bonitos, assim, também, o XXXXX (risos)... E parece que a família dá apoio, também, nesses planos, então... Ele é bacana.

P. Legal. Você considera que todo o apoio que poderia ser dado foi oferecido, ou não? E dê alguns exemplos.

E. Eu penso que sim. Sempre há formas de a gente melhorar, né. Na minha... No meu atendimento a ele, assim, eu acho que, talvez se eu tivesse tido uma conversa melhor, inicial, para ver se ele estava tendo... Assim, desejaria alguma outra forma de trabalho... Mas como ele não manifestou nenhuma dificuldade, em nenhum momento, e o tempo todo, nas aulas, ele participou muito... Então, eu acho que isso não comprometeu, mas acho que, de qualquer maneira, em um outro momento, eu penso que eu faria uma conversa um pouco mais antecipada com ele, com relação, mais especificamente, às metodologias, né. Eu perguntei algumas vezes, se estava a vontade,

se estava tranquilo, e ele disse que estava acompanhando bem, mas de qualquer maneira, eu acho que anteciparia um pouco mais. Eu acho que evitei, também, fazer isso, por conta da questão da distinção, né. Daí você já... Logo... Fazer com que a pessoa entender também, né... Em foco... E às vezes a deficiente começa a ser avaliada por isso... Essa questão, pra mim, da avaliação, é muito importante, eu não gosto que os alunos se sintam avaliados, eu gosto que eles se sintam produzindo, né. Então, eu tenho que pensar nisso, se essa conduta foi melhor assim, ou se eu antecipo as coisas de uma outra forma. Agora, com relação aos apoios que ele recebeu, aqui da instituição, eu, na verdade não saberia te falar, e até gostaria de conhecer um pouco mais, sabe. Como é feito isso... Né... Quem é a pessoa por trás disso, né. Eu não perguntei, né, quer dizer, não acompanhei isso de perto não. Então, é uma coisa que eu fiquei com uma curiosidade a respeito desse atendimento.

P. Ótimo. São essas questões. Você quer complementar com mais alguma coisa? É isso?

E. Não... É... Talvez, sim. A única coisa que eu acho, é que quando chega pra gente um email como aquele... Eu acredito que isso foi pra todos os professores, né... E ele veio com uma carga, né, um médico assinando... Fica uma questão muito focada no transtorno em si, né. Acho que vem muito esse caráter negativo, sabe?! O que eu acho que alguns professores estão preparados para receber isso e, tipo, colocar uma aspas, né, nessa condição, para entender que tem alguém ali que pode trabalhar, nas mesmas condições, e tudo, né. Então assim, eu acho que, se fosse possível, em situações futuras, recebendo um aluno assim, que os professores tivessem a oportunidade, também de receber alguma coisa... Ou mesmo de quem esteja atendendo ele aqui, né... Alguma positividade... Como a gente poderia trabalhar sem essa questão da deficiência u transtorno, né. Eu acho que isso é uma importância, assim. Por que a gente mantém o mais possível né... Essa ideia de que é um aluno como qualquer outro. Em condições, até mesmo de um disléxico, né, com potenciais bem interessantes pra gente trabalhar. Então, essa questão. Não chegar só um email, sabe. E falar: olha... Aqui tem um deficiente, né... Estamos com uma equipe diferente aí, o que a gente pode fazer pra melhorar a experiência deles, a nossa, como professor, diante de uma situação dessa... Então, alguma reunião... Algum encontro, sei lá... Ouvir mesmo uma mensagem, talvez positivando mais essa questão, sabe?! Eu acho importante.

E. Ótimo. Muito bom. É isso. Obrigado pela participação.

ANEXO II - RELATÓRIOS DOS TUTORES INCLUSIVOS (Transcritos)

Relatório de experiências

"[...] Na disciplina de Literatura Brasileira I, disciplina considerada "difícil" a aluna teve o total apoio da professora, realizando encontros presenciais e ofertando tarefas para melhorar o seu desempenho, algo de suma importância e que resultou na aprovação da disciplina. Auxiliar e observar o processo de evolução é extremamente gratificante, pois, a aluna passou a ter mais confiança em si mesmo, na sua capacidade, passou a não ter medo de errar, a se empenhar nas leituras e na escrita, pelo simples fato de estar ciente na sua capacidade de querer sair da universidade vitoriosa com o seu diploma, e a tutoria inclusa faz com que essa realização seja mais fácil." [T1]

"Esse semestre encontrei algumas dificuldades com professores que gostariam de avaliar o XXXXX (aluno) como um aluno normal. Noto também que alguns colegas de sala o tratam diferente e muitas vezes não querem ter contato com ele, e o aluno sente essa diferença de tratamento. Temos dificuldades em fazer trabalhos em grupo, visto que a maioria não quer estar no mesmo grupo que o XXXXX (aluno)." [T2]

"Há muitos obstáculos a serem ultrapassados ainda, mas a principal barreira já foi quebrada com um programa que busca ajudar a todos a terem o direito de estudar, mas ainda precisa de mais incentivo e força para melhorar a aceitação da sociedade estudantil para com os alunos e suas limitações." [T3]

"Percebia a importância da tutoria e monitoria inclusiva acompanhando a aluna XXXX (aluna) em suas atividades acadêmicas as quais eram necessárias orientações quanto a quais matérias utilizar, como a matéria seria abordada ou como deveria ser abordada para que o suporte fosse o mais adequado possível atendendo as dificuldades que a aluna possui.

Senti que a maioria dos professores têm uma certa resistência com a adaptação com a demanda de alunos com deficiência, um pouco de falta de planejamento na preparação das atividades, como mandar material para a digitalização deixando-o acessível ao aluno a tempo adequado para as atividades propostas. Acredito que a adaptação com os

colegas de sala também é um ponto que auxilia ao aluno tomar consciência e tentar se adaptar a rotina.

Apesar das dificuldades acredito as ideias e o modo de como a tutoria vem sendo desenvolvida ela atende e supri realidades de vários alunos mesmo que cada um tenha uma dificuldade específica." [T4]

"Comparando e observando as notas de provas e trabalhos anteriores com as atuais observa-se que o nível de aprendizagem dos alunos XXXXX (aluno) e YYYYYY (aluno) está sendo satisfatório até o presente momento" [T6]

"No 2º semestre de 2016, na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) foi elaborado um projeto que ampliasse a acessibilidade dos alunos que apresentem limitações físicas, cognitivas e mentais: a tutoria inclusiva.

No projeto exerci o trabalho de tutoria inclusiva com a aluna XXXXX (discente do curso YYYY) exercendo auxílio nas atividades de vida diária (AVD), além das atividades que estimulassem suas habilidades de dicção e escrita, com cadernos de caligrafia.

Organização do material de estudo, acompanhamento de aprendizagem em sala de aula e solicitações em períodos de prova para elaborar a produção de respostas são outras ações realizadas no âmbito da UFTM. Além de agregar conhecimento em amparar indivíduos que apresentem limitações de mobilidade e coordenação fina, a tutoria inclusiva continua ampliando a minha forma de olhar para o indivíduo em um contexto geral, sem penalizações excessivas, de um modo que me fez compreender que cada ser humano pode ser feliz exatamente como é, e que podemos aprender a viver de outra forma sem que nossas limitações interfiram na nossa felicidade e realizações pessoais, no qual há inúmeras tecnologias assistivas que adaptam conforme o ambiente ou são adaptadas de acordo com o indivíduo e suas limitações.

Após esse período de aprendizado, compreendi a importância de olhar cada indivíduo e reavaliar como o mesmo enxerga suas limitações e como faz para supera-las, bem como tais aspectos são fatores essenciais para entender e/ou determinar a saúde do indivíduo, uma vez que os fatores sociais e emocionais podem sim reduzir ou desencadear doenças.

Todavia, como já dizia Paulo Freire, ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Portanto, reaprender a

melhor forma de viver sempre será a melhor maneira de intervir com as nossas limitações." [T8]

"O processo de inclusão e respeito a diversidade é um processo que está ganhando notoriedade a medida que a sociedade compreende a necessidade individual de cada aluno especial.

A inclusão na UFTM acompanha as dificuldades apresentadas por cada aluno especial e busca não apenas ampará-lo no âmbito da lei, promove palestras, conscientização e quebra de padrões preconceituais sob os alunos/professores que não sabe lidar com a diversidade.

Por esta razão me dediquei como tutora na adaptação de materiais didáticos e na instrução de trabalhos e provas durante todo o semestre. Assim, aprendi que a tutoria promove não apenas algo técnico, mas facilita o ensino-aprendizagem do aluno quebrando bloqueios psíquicos como: medo, baixa autoestima e exclusão, desmotivação que são comuns ainda por existirem alunos e professores que os tratam com dependente ou incapacidade racional.

Concluo minha experiência como bolsista em um treinamento de vida para a minha área como futura professora criando estratégias para a inclusão escolar que minimize a indiferença. Agradeço muito por esta oportunidade de colaboração e aprendizagem como tutora acadêmica." [T9]

"Compreendi que o material didático é o facilitador, isto é, o que estimula o graduando com necessidades especiais se manter na instituição." [T10]

Relatório de Avaliação da Tutoria Inclusiva

2. Você teve dificuldade para acompanhar o aluno atendido? Relate o porquê da sua resposta.

"Sim. Houve dificuldades em acompanhar a aluna XXXXX, uma vez que alguns professores demonstraram determinada resistência em facilitar a forma da aula de se organizar em questões de entrega de trabalho e atividades avaliativas" [T8]

4. Você considera que a tutoria inclusiva contribui com a aprendizagem do(a) aluno(a)? Justifique.

"Sim, mas não apenas do aluno a ser atendido como também do tutor. Pois o aluno atendido tem os meios para facilitar o aprendizado do mesmo e, assim, exige mais conhecimento e dedicação tanto do tutor quanto do aluno" [T5]

"Sim, e muito, uma contribuição que nos desperta diante das dificuldades e problemas enfrentados por outros. Uma vivência única, uma experiência definidora de princípios e valores sociais e culturais em nosso crescimento acadêmico." [T9]

5. Quais ações podem ser realizadas para melhor contribuir com a eficácia da tutoria inclusiva?

"A conscientização de professores e alunos, mediante à palestras sobre alunos que precisam da tutoria inclusiva, pois cada aluno tem sua particularidade que deve ser respeitada" [T1]

"Poderiam ser feitas mais reuniões com os professores, as provas com esse aluno poderiam ser oral, já que ele consegue assimilar o conteúdo e passá-lo através da fala, atividades diferenciadas, além do material da aula ser passado antes para que ele vá para a faculdade com uma base do que vai aprender." [T6]

"Cursos de capacitação sobre diversos temas abordados na tutoria inclusiva para os tutores, para melhorar a eficiência dos mesmos. Além de palestras de inclusão social para alunos e professores da Universidade Federal do Triângulo Mineiro." [T7]

"Capacitações para os professores e alunos sobre a importância da inclusão social a fim de demonstrar como fatores externos prejudicam diretamente o aprendizado do aluno que solicita a tutoria inclusiva, como a exclusão do mesmo em sala de aula devido suas limitações, ou ainda, a falta de compreensão dos próprios professores referente a dificuldade de aprendizagem do aluno" [T8]

"Ter mais computadores e uma sala maior para abrigá-los." [T10]

"Para garantir maior eficácia da tutoria, abrir mais vagas p/ os tutores, investir em equipamentos e materiais didáticos p/ a inclusão desse aluno." [T10]

6. Quais contribuições a tutoria trouxe para sua vida acadêmica?

"Como futura professora, a tutoria fez atentar me ainda mais à enxergar o aluno como um ser único, que tem suas particularidades, suas dificuldades, de modo a fazer com que respeite e propicie metodologias adequadas ao aluno e não generalize, pois cada aluno requer métodos e atenção específicas." [T1]

"Me trouxe maior concentração e mais atenção, pois tento aprender mais para ajudar meu colega." [T2]

"Além do aprendizado em técnicas e linguagens (libras), a experiência mesmo com todas as dificuldades me ajudaram a manter o foco e disciplina e a me trouxe mais conhecimento para o meu curriculum." [T2]

"Trouxe uma visão mais ampla sobre a inclusão e um olhar mais crítico e aproximado sobre os pontos que temos que melhorar para atendê-los físico e psicologicamente." [T5]

"A partir da tutoria é possível ver e encarar a vida com um outro olhar, ser mais paciente e grato por exemplo, além de se empenhar e estudar mais para passar o conteúdo para eles da melhor maneira." [T6]

"Empatia com o próximo, conhecimentos gerais em acessibilidade e educação inclusiva (oficina de libras). Participação em congressos de acessibilidade, aprendizado para lidar com indivíduos com necessidades especiais e recursos disponíveis." [T8]

"Primeiramente a conhecer que ela trás acesso adaptando tudo conforme a necessidade de cada aluno, isto é, sem a tutoria eu não saberia lidar com alunos que necessita de uma atenção especial. Hoje eu sei como lecionar, comportar e adaptar materiais didáticos." [T10]